

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

PRISCILA LOMBARDI DA CRUZ

**Monotongação *au* e *ua* para *o* ou *u* e léxico do português da
Baixa- MG: Linguística Histórica**

Goiânia
2011

PRISCILA LOMBARDI DA CRUZ

**Monotongação *au* e *ua* para *o* ou *u* e léxico do português da
Baixa- MG: Linguística Histórica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para obtenção parcial do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa Dra. Maria Sueli de Aguiar.

Goiânia
2011

C9571

Cruz, Priscila Lombardi da.

Monotongação *au* e *ua* para *o* ou *u* e léxico do português da Baixa – MG: linguística histórica/ Priscila Lombardi da Cruz. – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras. 2011.

169f. :il.

Referências.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras – 2011.

Orientador: Dra. Maria Suelí de Aguiar

1. Linguística Histórica. 2. Fonologia. 3. Processo da Monotongação. I. Cruz, Priscila Lombardi da; II. Aguiar, Maria Suelí de; III. Monotongação *au* e *ua* para *o* ou *u* e léxico do português da Baixa – MG: linguística histórica

CDU 81-112

PRISCILA LOMBARDI DA CRUZ

**Monotongação *au* e *ua* para *o* ou *u* e léxico do português da
Baixa- MG: Linguística Histórica**

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para obtenção parcial do título de Mestre, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Suelí de Aguiar- UFG
Presidente da Banca

Prof. Dr. Sinval Martins de Sousa Filho- UFG

Prof. Dr. Seung-Hwa Lee- UFMG

Aos meus pais, grandes exemplos e incentivadores, aos meus professores, pelas oportunidades oferecidas e a todos os colaboradores, que tornaram possível a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter colocado em meu caminho pessoas especiais, que me incentivaram e me auxiliaram na realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, que depositaram extrema confiança em mim e sempre estiveram prontos para me oferecer uma palavra amiga.

Aos colaboradores da Baixa, que foram tão receptivos e que me ensinaram muito sobre a vida através de suas histórias e de sua cultura.

Aos funcionários da Biblioteca Municipal de Uberaba e Arquivo Público de Uberaba, que se dispuseram a me auxiliar através do empréstimo de materiais para pesquisa.

À minha família, pelas palavras de carinho e por entenderem que, em alguns instantes, para crescer é preciso estar longe.

À professora Leila Janice Maxwell, pelos conselhos e amizade durante minha jornada acadêmica.

Aos meus colegas de trabalho, por compreenderem meu cotidiano de conciliação entre estudos e trabalho.

Ao meu noivo, Daniel, que me apoiou desde o início de minha pesquisa, sendo um grande amigo e incentivador.

Aos professores da UFG, que me ofereceram um pouco de seus conhecimentos através das disciplinas ministradas. Um agradecimento especial aos Professores Dr. Sinval Martins Filho e Dr. Sebastião Elias Milani.

Aos funcionários da UFG e da sala de Leitura da FL/UFG, pela paciência e disposição em auxiliar.

A professora Maria Suelí de Aguiar, que me ensinou muito além da Linguística Histórica e dos conteúdos formais.

Aos amigos e colegas, companheiros de disciplinas da pós-graduação, pelas diversas contribuições e manifestações de amizade.

RESUMO

A Linguística Histórica vem sendo cada vez mais explorada no campo dos estudos linguísticos. Com o auxílio dela, tratamos de processos fonológicos recorrentes na Língua Portuguesa, bem como de aspectos etimológicos, com base em nosso *corpus* de pesquisa. Este trabalho de cunho qualitativo aborda questões fonético-fonológicas sobre a monotongação *au* e *ua* > *o* ~ *u* em ditongos orais e nasais, procurando explicar como se deu esta transformação linguística de forma sincrônica e diacrônica, tendo também como base os parâmetros da Linguística Histórica. Buscou-se trabalhar com o respaldo nos acontecimentos e reconstruções na Língua Portuguesa e na comunidade de fala pesquisada, a Baixa, localizada na cidade de Uberaba, Minas Gerais. Assegura-se que a morfologia e os dados históricos auxiliam na colocação das hipóteses levantadas, revelando que as mudanças na língua tem um porquê, isto é, não ocorrem simplesmente ao acaso. Além dos estudos linguísticos referentes à monotongação, o léxico do *corpus* selecionado serviu para enriquecer o conhecimento acerca de um grupo de fala, relacionando linguística, cultura e história social de um povo. Com a coleta de dados no bairro da Baixa e com as diversas leituras realizadas, percebe-se que o grau de escolaridade e o sexo dos colaboradores não são fatores determinantes para que as variações ocorram em uma língua. Considera-se que vários grupos de fala podem apresentar a recorrência dos mesmos processos fonológicos, mesmo que estejam distantes umas das outras, pois o percurso histórico e o contato entre os falantes tornam isto possível.

Palavras-chave: Linguística Histórica, Fonologia, Processo da Monotongação.

ABSTRACT

In the few past years, Historical Linguistics has been more explored in the linguistics studies field. With its help, we deal with recurrent phonological processes in Portuguese Language as well as etymological aspects, based on our research *corpus*. This qualitative study approaches phonetics and phonological issues on the monothongation *au* and *ua* > *o* ~ *u* in oral and nasal diphthongs as well as it tries to explain how this linguistic transformation happened, in a synchronic and diachronic perspective, based on the Historical Linguistic parameters. We structured our work on the happenings and reconstructions on the Portuguese Language and on the speech community analyzed, in the district of Baixa, situated in the city of Uberaba, in Minas Gerais. We state that the morphology and the historical data subside the placement of the hypothesis raised, thus revealing that changes in the language have a reason why, that is, they do not occur by chance. Besides the linguistics studies referring to the monothongation, the lexicon of the selected *corpus* was also useful to enrich the knowledge about this speech group, relating linguistics, culture and the social history of a people. With the data collected in the district of Baixa and with the various readings, we can realize that the collaborators' schooling degree and sex are not determining factors to variations in a language. We consider that many speech groups may present the reoccurrence of the same phonological processes, even being far one from another, for the historical course and the contact among speakers make this possible.

Keywords: Historical Linguistics, Phonology, Monotongation Process.

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SINAIS DIACRÍTICOS	12
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1- ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E A COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA	16
1.1- METODOLOGIA DA PESQUISA, ANÁLISE E COLETA DOS DADOS	16
1.2- A PESQUISA QUALITATIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	19
1.3- A COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA: HISTÓRIA, CULTURA E LINGUAGEM.....	26
CAPÍTULO 2- MÉTODOS E CONTRIBUIÇÕES DA LINGÜÍSTICA HISTÓRICA	30
2.1- UM BREVE APANHADO SOBRE A LINGÜÍSTICA HISTÓRICA	30
2.2- A TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÕES DA LINGÜÍSTICA HISTÓRICA PARA A LINGÜÍSTICA GERAL.....	31
2.3- AS PECULIARIDADES DA PESQUISA BASEADA NA LINGÜÍSTICA HISTÓRICA.....	34
2.4- O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE AU E UA > O ~ U: UM CASO DE MUDANÇA OU VARIAÇÃO NA LÍNGUA?	35
2.5- LINGÜÍSTICA HISTÓRICA: RENOVAÇÃO NA LÍNGUA	39
2.6- MÉTODOS EMPREGADOS NAS PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA HISTÓRICA	43
2.6.1- As contribuições do método Histórico-Comparativo para as pesquisas em Linguística Histórica	44
2.6.2- As contribuições do método da Reconstrução Interna para as pesquisas em Linguística Histórica	45
2.6.3- As contribuições do método da Teoria das Ondas para as pesquisas em Linguística Histórica	47
CAPÍTULO 3- LÉXICO E ESCOLHAS LEXICAIS DA COMUNIDADE DE FALA DA BAIXA- MG	52
3.1- LÉXICO	53
3.1.1- O Léxico e a morfologia	56
3.1.2- A formação do léxico	56
3.2- EXPRESSÕES LEXICAIS	58
3.2.1- A contribuição semântica no campo lexical	59
3.2.2- Léxico e Expressões Lexicais no contexto social	61
3.3- ESCOLHAS E EXPRESSÕES LEXICAIS	62
3.4- CONSIDERAÇÕES SOBRE O LÉXICO E AS EXPRESSÕES LEXICAIS	79

CAPÍTULO 4- PROCESSOS FONOLÓGICOS	81
4.1- OS PROCESSOS FONOLÓGICOS RECORRENTES NA COMUNIDADE DE FALA DA BAIXA	81
4.2- PROCESSOS FONOLÓGICOS POR ADIÇÃO	87
4.2.1- Prótese	87
4.2.2- Epêntese	88
4.2.3- Paragoge	88
4.3- PROCESSOS FONOLÓGICOS POR SUPRESSÃO	89
4.3.1- Síncope	89
4.3.2- Haplologia	90
4.3.3- Apócope	91
4.3.4- Crase	92
4.3.5- Sinalefa	92
4.4-PROCESSOS FONOLÓGICOS POR TRANSPOSIÇÃO	93
4.4.1- Metátese	93
4.5- PROCESSOS FONOLÓGICOS POR TRANSFORMAÇÃO	94
4.5.1- Vocalização	95
4.5.2- Nasalização	95
4.5.3- Desnasalização	96
4.5.4- Assimilação	97
4.5.5- Palatalização	98
4.5.6- Ditongação ou Alargamento	99
4.5.7- Rotacismo	100
4.5.8- Monotongação ou Redução	100
CAPÍTULO 5- O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO	102
5.1- O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE <i>AU</i> E <i>UA</i> > <i>O</i> ~ <i>U</i>	102
5.2- DE DITONGO A MONOTONGO: PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE <i>AU</i> E <i>UA</i> > <i>O</i> ~ <i>U</i>	105
5.3- O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE <i>AU</i> > <i>O</i> ~ <i>U</i>	112
5.3.1- Variação de <i>au</i> > <i>o</i> ~ <i>u</i> em sílabas postônicas finais	113
5.3.2- Variação de <i>au</i> > <i>o</i> ~ <i>u</i> em sílabas tônicas	115
5.3.3- Variação de <i>au</i> > <i>o</i> ~ <i>u</i> em sílabas átonas pretônicas.....	118
5.4- CASOS DE MONOTONGAÇÃO DE <i>UA</i> > <i>O</i> ~ <i>U</i>	121
5.4.1- Variação de <i>ua</i> > <i>o</i> ~ <i>u</i> em sílabas postônicas finais	121
5.5- SÍLABAS TÔNICAS NO PROCESSO FONOLÓGICO DE <i>AU</i> E <i>UA</i> > <i>O</i> ~ <i>U</i>	122
5.6- RESUMO DO PROCESSO FONOLÓGICO DE <i>AU</i> E <i>UA</i> > <i>O</i> ~ <i>U</i>	125
5.7- COMPOSIÇÃO SILÁBICA NA OCORRÊNCIA DA MONOTONGAÇÃO DE <i>AU</i> E <i>UA</i> > <i>O</i> ~ <i>U</i>	128
5.8- PERCURSO NA LÍNGUA PORTUGUESA DA MONOTONGAÇÃO DE <i>AU</i> E <i>UA</i> > <i>O</i> ~ <i>U</i>	130
5.9- A OCORRÊNCIA DA MONOTONGAÇÃO NA ESCRITA	133
5.10- O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE <i>GUA</i> > <i>GO</i> E DE <i>QUA</i> > <i>CO</i>	135
5.10.1- A variação de <i>qua</i> > <i>co</i> em sílabas átonas pretônicas	141
5.10.2- A variação de <i>ua</i> > <i>o</i> ~ <i>u</i> em sílabas tônicas.....	144
5.11- CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE <i>AU</i> E <i>UA</i> > <i>O</i> ~ <i>U</i>	144

CONCLUSÃO	146
REFERÊNCIAS	148
ANEXOS	153
ANEXO 1- Termo de consentimento livre e esclarecido	154
ANEXO 2- Fotos coletadas durante a pesquisa	156
ANEXO 3- Transcrições de entrevistas sobre a origem da Baixa	166
ANEXO 4- A folia de Reis para os moradores da Baixa	168

SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SINAIS DIACRÍTICOS UTILIZADOS¹

I- Sinais Diacríticos

- “ ” escrita ortográfica
- // transcrição fonológica e fonemas
- [] transcrição fonética e fones
- > passa a
- ~ oscila entre X e Y
- ‘ omissão de partes de uma palavra na transcrição dos dados
- * forma que pode ocorrer na língua, mas se trata de uma reconstrução do vocábulo

II- Abreviaturas presentes neste trabalho

- ... pausa curta na transcrição dos dados
- LH Linguística Histórica

¹ Baseamo-nos em SANTOS (2009) para a elaboração desta sessão da dissertação.

INTRODUÇÃO

Diversos são os pontos que despertam a atenção de estudiosos da Linguística Histórica. Esta, por sua vez, surgiu da preocupação e curiosidade que os linguistas tinham de saber porque as línguas mudam (CAMPBELL, 2004). As línguas mudam não apenas por necessidade momentânea, mas por precisarem de uma ampliação e diferenciação de nomes e construções já existentes. A cada dia os falantes fazem inovações no campo lexical, fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico.

Pesquisas na área da Linguística Histórica têm sido cada vez mais discutidas, pois o que antes era considerado duvidoso, atualmente explica muito sobre as línguas que estão sendo estudadas. Nossa intenção é fazer apontamentos e, ao mesmo tempo, formular hipóteses, propondo algumas “soluções” para as questões linguísticas levantadas.

Um dos pontos que desperta interesse nos pesquisadores são os processos fonológicos. Focamos nossa pesquisa no processo de monotongação *au* e *ua* > *o* ~ *u*, processo no qual inicialmente havia um ditongo e que, por meio de mudanças na língua, foi substituído por um único segmento vocálico. Consideramos *au* e *ua* como ditongos, sendo *a* uma vogal e *u* uma semivogal, não sendo o glide visto como uma consoante.

Uma de nossas discussões é pautada em: há a possibilidade de haver uma queda de um segmento vocálico ou apenas a mudança fonológica, passando de ditongo para um não-ditongo, ou seja, para um segmento vocálico apenas. Deste modo, questionamos sobre o fato de que quando *au* e *ua* passam a *u*, se este processo não se trata de uma queda da vogal *a*. Mesmo sendo pouco provável a queda do *a*, contamos com esta possibilidade. A segunda hipótese que colocamos, da mudança de um ditongo para um segmento vocálico, é de que há a transformação de *au* e *ua* para *o* ou *u*, produzindo um monotongo ao invés de um ditongo, através de um

alongamento do segmento vocálico, permanecendo apenas uma vogal com o som mais alongado (CAMARA JR., 1999). Conforme adota Camara JR. (1999), assumimos que *ua* e *au* são ditongos. Um dos elementos vocálicos do ditongo é átono e o outro é tônico. Percebemos a presença de uma vogal e uma semivogal tanto em *au* quanto em *ua*, sendo os mesmos ditongos decrescente e crescente, respectivamente.

Relacionado ao processo fonológico que estamos estudando está a tonicidade. Até que ponto os ditongos *au* e *ua* estarem em sílabas tônicas interfere no processo de variação para *u* ou *o*? Veremos neste trabalho a relação entre tonicidade e processo de variação.

Os estudos fonéticos e fonológicos, utilizados pela Linguística Histórica, são como um meio de se explicar como ocorreram as mudanças e as variações em uma língua. No primeiro capítulo desta dissertação, abordamos a metodologia de pesquisa que utilizamos, como ocorreu nossa pesquisa e coleta de dados e os temas abordados durante nossas conversas com os colaboradores. Mencionamos dados da história do local, a cultura dos colaboradores que vivem na Baixa e as tradições do bairro de Uberaba-MG.

No segundo capítulo, tratamos da Linguística Histórica. Abrimos um parêntese para discutirmos as controvérsias entre variação e mudança. Estudamos em nossa pesquisa: um caso de variação ou de mudança na língua? Ou ainda, seria possível que em alguns estágios ocorresse uma variação e, em outros, uma mudança? Para responder a estas questões temos como referência Faraco (2005), Campbell (2004) e Crowley (1992).

No terceiro capítulo, tratamos de aspectos do léxico, entendendo um pouco mais sobre sua importância em uma pesquisa como esta e, depois, afinando este campo e fazendo as escolhas lexicais, que realizamos com base em nosso *corpus*. Entendemos que tratar do léxico neste momento caracteriza a comunidade de fala na qual realizamos a pesquisa.

No quarto capítulo, tratamos dos processos fonológicos encontrados em nossos dados de uma forma geral, até mesmo como um modo de apresentar ao leitor ou estudioso da área os fenômenos fonológicos recorrentes na comunidade de fala estudada, bem como para vermos que as variações na língua geralmente são as mesmas. O que muda é o tempo e o local em que elas ocorrem. O processo de ditongação e monotongação são brevemente apresentados neste capítulo.

No quinto capítulo, enfocamos o processo de monotongação *au* e *ua* > *o* ~ *u* na comunidade de fala pesquisada, mas, sobretudo, como tem sido este processo de variação na Língua Portuguesa, quando se originou e como tem sido sua trajetória desde os tempos em que se percebeu sua ocorrência na fala, de um ponto de vista sincrônico e diacrônico. Do ponto de vista sincrônico, analisamos a relação entre a monotongação e o contexto social da língua. Mesmo analisando os aspectos individuais de fala, estes tomam proporções maiores quando os colocamos juntos, agrupando-os (SAUSSURE, 2006). Assim funciona a língua: os individuais se juntam formando o coletivo. Aspectos essenciais para nossa análise, dentre eles tonicidade e organização silábica são elencados para confirmarmos por que e como este processo ocorre desde o latim.

Para finalizar nossa dissertação, trazemos nos anexos fotos do local e das festas religiosas que acontecem na Baixa, bem como documentos necessários para a realização desta pesquisa.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E A COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA

1.1- METODOLOGIA DA PESQUISA, ANÁLISE E COLETA DOS DADOS

Todos os avanços no entendimento científico, em todos os níveis, começam com uma aventura especulativa, uma pré-concepção imaginativa do que pode ser verdade - uma pré-concepção que sempre, e necessariamente, vai um pouco (às vezes muito) além de qualquer coisa na qual tenhamos autoridade lógica ou factual para acreditar [...] (MEDAWAR (1972 *apud* BELL, 2008, p. 35)².

Quando pensamos em realizar esta pesquisa, tínhamos em mente que gostaríamos de estudar o falar mineiro. Estreitamos as opções e selecionamos o bairro da Baixa, situado na cidade de Uberaba-MG, para a realização deste estudo. A Baixa é um bairro pouco conhecido pelos moradores de Uberaba, mas de uma tradição cultural e histórica ricas. Esta nossa escolha foi resultado de querer também conhecer um pouco mais as nossas origens, por meio de conversas realizadas neste local. Dell Hymes estudava a língua como um fato social e estudava a interação entre comunicação e cultura (SILVA, 2009), assim como propomos fazer em nossa metodologia.

Pensamos em algo amplo inicialmente e fomos concentrando nossas ideias, mais especificamente, neste bairro mineiro. Havia a vontade de conhecer melhor o local e a pesquisa

² Medawar, P.B. *The hope of progress*. London: Methuen, 1972, p.22.

linguística nos proporcionou isto. Este estudo foi, conseqüentemente, linguístico, histórico e cultural, pois o desvencilhamento desses três quesitos não foi tão possível quanto se supunha. Conhecer a história local e a cultura de um povo auxilia o trabalho dos pesquisadores, independentemente da área em que atuam.

Conversamos com alguns moradores de Uberaba para saber quem poderíamos procurar na Baixa e como chegar até lá, a fim de encontrarmos alguém que pudesse nos apresentar a outras pessoas que lá residiam. Foi-nos indicado um morador do local e o procuramos. Ele se dispôs a nos levar até os moradores da Baixa que poderiam participar da pesquisa conosco. Conhecemos estas pessoas e conversamos no decorrer das idas a campo, em que observamos as comemorações e alguns momentos da Folia de Reis, que é uma festa de tradição e marca cultural do local.

O próximo passo de nossa pesquisa foi a coleta de dados, com o auxílio dos colaboradores³ do bairro da Baixa. A coleta de dados foi realizada com gravadores, nestes primeiros momentos, com o prévio consentimento dos colaboradores, devida a impossibilidade já conhecida de não se conseguir anotar tudo quando se está no campo. Aqueles que não se dispuseram a ter nossas conversas gravadas permitiram que fizéssemos anotações no diário de campo.

Realizamos filmagens e fotografias do local, em especial da Folia de Reis, depois de conversarmos com os capitães das festas⁴. Tivemos contato com algumas cópias de materiais impressos relacionadas ao local, tais como: documentos constando mudança ou criação de ruas do bairro, mapas locais, fotos atuais e antigas do bairro e história da Baixa, no Arquivo Público de Uberaba (APU). Na biblioteca da cidade, os funcionários que lá trabalham, nos indicaram que fôssemos até ao APU, pois a biblioteca não dispunha de materiais suficientes que colaborassem

³ Termo utilizado para designar aqueles que auxiliaram na coleta de dados, de uma forma geral, principalmente, os moradores do local pesquisado.

⁴ A Baixa dispõe de duas festas de Reis, uma delas realizada no mês de janeiro e a outra em maio.

com a nossa pesquisa. Hymes afirmava que a língua pertence a um contexto histórico-social (SILVA, 1999) e isto nós concordamos e pudemos confirmar em nosso trabalho de campo.

No projeto inicial, pretendíamos pesquisar sobre a supressão vocálica na sílaba postônica na fala de idosos da região, processo denominado na linguística de *monotongação*, mas ainda não havíamos estreitado a pesquisa. Sabíamos que era comum esta recorrência na cidade de Uberaba, mas não sabíamos precisar se era comum no bairro também. No decorrer da análise do *corpus*, modificamos nosso objeto de estudo⁵ e percebemos que seria interessante trabalhar com a ocorrência fonológica *au* e *ua* > *o* ~ *u*, a qual tratamos ao longo de nossas abordagens.

Para garantir a cientificidade de nossa pesquisa, especificamos o perfil dos colaboradores dentro dos parâmetros sociolinguísticos, partindo de uma abrangência geral na pesquisa e, conseqüentemente, de seus participantes, caminhando para um grupo específico e mais restrito. Os colaboradores deveriam ser moradores do local há mais de 10 anos, a fim de que a interferência de outras comunidades linguísticas em nosso trabalho fosse praticamente nula, terem mais de 55 anos de idade, independentemente do sexo, com o intuito de garantir que os colaboradores que participassem da pesquisa se encaixassem em um modo de vida e de hábitos semelhantes. Os colaboradores viajaram pouco ou nunca saíram de Uberaba, possuindo um acesso mínimo aos meios de comunicação e à escola⁶.

Decidimos que os nomes dos colaboradores e suas respectivas fotografias não seriam agregados aos anexos da pesquisa. Colocaríamos, portanto, apenas imagens da comunidade em atividades que são realizadas coletivamente.

⁵ A decisão pela mudança do objeto de estudo, ainda durante a coleta de dados é aceitável. De acordo com Bell (2008), o pesquisador inicia sua pesquisa com um olhar mais expandido sobre seu objeto e posteriormente parte para o estudo dos detalhes.

⁶ O fator escolaridade não influencia nos fenômenos fonológicos encontrados no local de pesquisa, pois muitos falantes escolarizados empregam o mesmo modo de falar que os não escolarizados, sendo, neste caso, a convivência entre os indivíduos o fator determinante para a produção dos mesmos fenômenos fonológicos, e não o grau de escolaridade. Em nossa pesquisa, o pouco ou nenhum acesso à escola é uma das “exigências” que colocamos para afunilarmos o *corpus* de nossos estudos.

Fizemos oito visitas ao bairro neste período de coleta de dados. Procuramos por dezessete moradores, mas entrevistamos somente quinze, os quais se encaixavam no perfil selecionado por nós⁷, sendo nove do sexo masculino e seis do sexo feminino, com idades entre 55 e 93 anos. Gravamos entrevistas em áudio com apenas treze pessoas, havendo um total de 425 minutos de gravação (em torno de sete horas e dez minutos). Três entrevistas não foram realizadas individualmente, mas sim, em duplas.

As entrevistas eram realizadas nos momentos de disponibilidade dos colaboradores, em ambientes escolhidos por eles, para que fosse uma conversa mais confortável, visando um momento de interação natural e o mais espontâneo possível. A maioria das entrevistas ocorreu na própria casa do colaborador, sendo que apenas dois dos entrevistados não estavam em suas residências no momento de nossas conversas.

Ao longo da coleta de dados, as análises já começaram a ser realizadas, juntamente com leituras que deram suporte para os dados que encontramos em campo. Tivemos como apoio um diário de campo, em que tomamos nota de informações locais e de nome, idade e informações gerais sobre os relatos dos colaboradores e sobre nossas ideias relacionadas ao trabalho. Adiante, contudo, tratamos de mais detalhes da pesquisa realizada, considerando os métodos empregados e o porquê de tais metodologias, esclarecendo como foi realizada esta pesquisa.

1.2- A PESQUISA QUALITATIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

⁷ Há que se considerar que o número de habitantes do bairro com o perfil que estabelecemos é baixo.

Buscamos, com este estudo, interpretar e explicar nossos dados, inserindo-os em um ambiente apoiado por referenciais teóricos compatíveis com a realidade linguística a que nos deparamos durante nossa pesquisas, ou seja, unimos teoria e prática, a fim de que se complementassem e agregassem valor ao trabalho realizado. Fizemos a leitura de outros trabalhos para sabermos se o processo fonológico de variação do *au* e *ua* > *o* ~ *u* era recorrente em outros locais também. Constatamos que sim, ou seja, que se trata de um fenômeno produtivo na língua portuguesa, ou ainda, nas línguas românicas.

Nossa pesquisa qualitativa é de cunho etnográfico, tratando da realidade linguística, com o auxílio essencial dos colaboradores da Baixa. Firestone e Dawson (1981⁸ *apud* LUDKE E ANDRE, 1986, p. 14) comentam que através de histórias de vida e cultura, os colaboradores possibilitam o acesso a vários dados que serão utilizados em pesquisas.

Sabemos, entretanto, que este tipo de pesquisa enfrenta dificuldades quanto à interpretação de dados, que na realidade não se voltam para números ou exatidões, além do que, a interpretação dos dados encontrados é realizada por um círculo muito restrito de pesquisadores, que a posteriori será dirigida para um grupo maior de estudiosos que não tiveram ou não terão acesso ao local da pesquisa e, principalmente, à realidade dos colaboradores.

Cook e Reichardt analisam os atributos dos paradigmas qualitativo e quantitativo, chegando à conclusão de que estes não têm que estar rigidamente ligados com uns ou outros métodos, podem ser utilizados conjuntamente, dependendo das situações que se apresentam na investigação; a combinação de ambos supõe mais vantagens que inconvenientes, se chegam a complementar-se (SERRANO, 1998, p. 51).⁹

⁸ FIRESTONE, W. A. e DAWSON, J. A. *To Ethnograph or not to ethnograph? Varieties of qualitative research in education*. Research for Better Schools. Philadelphia: Pen., 1981.

⁹ COOK y REICHARDT analizan los atributos de los paradigmas cualitativo y cuantitativo, llegando a la conclusión de que éstos no tienen que ir rigidamente ligados con unos u otros métodos, pueden utilizarse conjuntamente, dependiendo de las situaciones que se presenten em la investigación; la combinación de ambos supone más ventajas que inconvenientes, si llegan a complementarse.

Nossa opção por realizar uma pesquisa predominantemente qualitativa não nos impossibilita empregarmos o método quantitativo em alguns momentos, pois a ampliação de métodos selecionados e utilizados contribui para a riqueza da pesquisa. Para tanto, recorreremos aos dados numéricos durante o trabalho. Há que se ter a predominância de um método, mas não a exclusividade dele, visto que “nenhuma abordagem depende unicamente de um método, tampouco apenas excluiria um método porque ele é rotulado de “quantitativo”, “qualitativo”, “estudo de caso”, “pesquisa-ação” ou seja o que for” (BELL, 2008, p. 101).

Uma das características de nossa metodologia foi não estudar antecipadamente, com profundidade, processos fonológicos existentes no *corpus*, nem mesmo classificar aqueles encontrados, a fim de não tendenciar a pesquisa para uma área ou dado específico, devido à maior recorrência de algum processo fonológico ou para não nos basearmos apenas em um estudioso ou outro. Durante a coleta de dados, nossa atenção estava voltada para o assunto da conversa com os colaboradores, até mesmo para não direcionarmos o assunto, fazendo restrições e ocasionando, forçosamente, mesmo que de modo inconsciente, a produção de um processo fonológico específico.

Nesta pesquisa, a quantidade de colaboradores, o número de vezes que certo fenômeno fonológico ocorreu no *corpus* não foram fatores determinantes para nós, mas vemos que todo o *corpus* nos responde aos questionamentos que dados numéricos não o fariam. O que vale é que uma forma apareça nos dados, e não quantas vezes ela apareceu. Deste modo, a frequência com que a variação ocorreu não nos é o mais importante, mas sim, avaliar se ela ocorreu ou não.

Encontramos algumas dificuldades durante a realização de nossa pesquisa, inclusive nos momentos de análises de dados. Às vezes iniciávamos a conversa com um colaborador ou ele nos era indicado por um morador do bairro, porém, a pessoa não estava dentro do perfil que havíamos pré-estabelecido.

Alguns dados interessantes também não foram registrados em áudio, pois o gravador foi desligado em momentos que já acreditávamos ter terminado a conversa com o colaborador. As adversidades climáticas, como a chuva, também nos impediram de chegar ao local em dias que havíamos programado o trabalho de campo.

Nosso intuito, então, era ter uma conversa não estruturada com os colaboradores, ou seja, deixar que o tema do discurso surgisse nos momentos de nossa interação. Durante as conversas, percebemos que até mesmo as nossas perguntas e os diversos apontamentos e histórias contadas pelos colaboradores eram em torno de festas religiosas do local, principalmente da Folia de Reis, o que despertou nossa curiosidade cultural nesta pesquisa, juntamente à vontade dos colaboradores de contarem suas experiências relacionadas ao assunto.

A resposta é duas...duas pessoa. Ele canta, no que ele vai cantá você vai respondê o que ele cantô, cê entendeu? Cê vai respondê o que ele cantô. Ele cantô um verso, ele canta outra, ele canta agradeceno, ele canta pidino, né. Tudo que ele canta sai da boca dele né. Cantô? Intão nós olhano cum observação, aí pega o que ele cantô, nós canta do mesmo jeito que ele cantô, mais é duas vois que canta. É ã dupla.

Passamos assim, a contar com uma conversa semi-estruturada, pois rascunhávamos previamente algumas perguntas que seriam possivelmente feitas aos colaboradores, dando ênfase aos assuntos culturais e religiosos do bairro. Houve uma boa aceitação quanto a fotografar o local e realizar filmagens das comemorações religiosas¹⁰.

Esta “liberdade” quanto à metodologia, que pode estar presente em uma pesquisa como a nossa, deixou-nos mais rigorosos na análise de nossos dados, para que não fugíssemos do caráter científico de nossa pesquisa. Realizamos uma triangulação dos dados¹¹, com o propósito de

¹⁰ Optamos por essas formas de registro das imagens: fotografias e filmagem do local ou das comemorações religiosas.

¹¹ Denzin (1978) *apud* Serrano (1998) define a triangulação de métodos como uma “combinação de metodologias no estudo de um mesmo fenômeno”. A essencialidade da triangulação está presente na pesquisa qualitativa, visto que a utilização de vários métodos minimiza a probabilidade de enganos na análise dos dados. Bauer e Gaskel (2008) não

obtermos as mesmas respostas para nossas perguntas, independentemente do método que empregamos.

Como nossos estudos foram voltados para a Linguística Histórica, na análise e interpretação dos dados, utilizamos, predominantemente, o método da Reconstrução Interna, mas recorreremos ao método Histórico-Comparativo e Teoria das Ondas em outros momentos da pesquisa, já que o contato entre os falantes de uma comunidade de fala com outras comunidades também é um fator linguístico a ser considerado.¹²

As análises dos dados foram feitas à medida que as pesquisas de campo eram desenvolvidas, para localizarmos os processos fonológicos recorrentes no local e para que pudéssemos definir o processo fonológico central a ser trabalhado, ou seja, aquele que estudaríamos mais a fundo nesta pesquisa. Constatamos que a metodologia empregada é a mais pertinente para uma pesquisa qualitativa como a nossa, pois trata minuciosamente do estudo dos dados, havendo a análise e interpretação destes.

Nossas análises foram pautadas em nossos dados, nas referências e em vários estudos, associando teoria e prática, ou seja, nossa *práxis* foi uma ligação constante entre conceitos e explicações linguísticas com dados reais de um falar específico. Preocupamo-nos com o fato de sabermos que o pesquisador interfere, mesmo que indiretamente, na pesquisa que realiza, por meio de sua bagagem cultural. Porém, nossa preocupação foi a de que a interferência fosse a mínima necessária, para que assegurasse a seriedade esperada neste tipo de pesquisa.

Levamos em consideração, em todos os momentos, que os colaboradores foram essenciais para a realização deste trabalho, cada qual com sua riqueza individual, contribuindo para o

são favoráveis à metodologia única, denominada pelos autores como “prego e martelo”, visando um único método de coleta de dados para qualquer situação. (martelo e prego não resolvem quando problemas não precisam dessa técnica, desses instrumentos).

¹² Ver mais sobre a Linguística Histórica e os métodos empregados nesta pesquisa no capítulo dois deste trabalho.

patrimônio coletivo do local. Serrano (1998) aponta que as pessoas têm sua história, e é isso que as faz diferentes linguisticamente e culturalmente.

Além da importância dos resultados¹³, foi necessário demonstrar o caminho que percorremos durante a análise de dados e interpretação deles. Uma relação superficial com a comunidade de fala pesquisada, que seja no formato puramente “pergunta e resposta”, pode levar o pesquisador a afirmações errôneas, visto que haverá pouco conhecimento da cultura, do local, da história e do povo neste tipo de formato. Mesmo que os colaboradores tenham um papel essencial neste estudo, o pesquisador também tem sua importância, no sentido de valorizar todas as colaborações recebidas (BORTONI-RICARDO, 2008).

Não recorremos aos dados somente no momento da transcrição, mas durante toda a pesquisa, pois estes serviram para sanar dúvidas que tivemos ao longo de nossos estudos teóricos. Funcionou, então, como uma ferramenta indispensável para nosso estudo linguístico (BORTONI-RICARDO, 2008).

O nosso preparo, enquanto pesquisadores, não se baseou somente em ir a campo, mas ter à disposição o material necessário para a pesquisa, saber entender a realidade do outro e acima de tudo, respeitar a pluralidade cultural encontrada na comunidade, como já frisava Patton (1980)¹⁴.

Conforme nos orientam Ludke e André (1986), empregamos métodos indispensáveis, como a especificação no caderno de campo da data de cada visita, o nome de cada colaborador, com sua respectiva data de nascimento, horário de saída da cidade de Uberaba e de chegada ao bairro, bem como o tempo permanecido no local em cada ida a campo. Trata-se de um modo que encontramos para que nossos dados tenham a devida organização e para que facilmente nos lembremos dos fatos ocorridos durante a pesquisa, em cada data especificada.

¹³ Os resultados podem ser conclusões parciais sobre a pesquisa. Isto não indica que o tema pesquisado foi esgotado ou se chegou a alguma conclusão.

¹⁴ Patton (1980) *apud* Ludke & André (1986).

Optamos pela predominância do tema Folia de Reis, pois

muitas vezes, apesar de se utilizar de vocabulário cuidadosamente adequado ao nível de instrução do informante, o entrevistador introduz um questionamento que nada tem a ver com seu universo de valores e preocupações. [...] (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.35)

Torna-se mais prazeroso para o colaborador e para o pesquisador falar sobre o que agrada a ambos. Para transcrever os dados, foi dispensado um tempo maior do que o que prevíamos (LUDKE e ANDRÉ, 1986), pois as análises foram realizadas juntamente à transcrição.

Os materiais a que tivemos acesso foram escritos por historiadores e pesquisadores, os quais retratam características físicas, históricas e culturais da Baixa. Percebemos a relevância do material pesquisado a que tivemos acesso, pois facilita aos pesquisadores conhecer um pouco mais sobre a Baixa (BELL, 2008).

Nossas entrevistas, sendo na verdade semi-estruturadas, foram densas, tratando da realidade dos colaboradores. Baseamo-nos na psicologia de Rogers, que tem as características da “não diretividade, empatia com o sujeito, evitar todo juízo de valor e colocar o sujeito em situação em que o mesmo descubra motivações em seus hábitos de conduta” (SERRANO, 1994), pois os habitantes do local perceberam, durante nossas conversas, que poderiam contribuir de diversas formas, através do relato de suas experiências vividas.

[...] um primeiro ponto de partida é considerar dois problemas de delineamento, comuns a toda pesquisa. Em primeiro lugar, o projeto de pesquisa se refere a um único ponto no tempo, é um estudo trans-seccional? Ou o projeto se refere a diversos pontos no tempo, é um estudo longitudinal? Em segundo lugar, o projeto se concentra na experiência e ações do indivíduo ou em experiências e ações coletivas? Essa pode ser uma distinção fundamental com respeito à indicação de diferentes métodos qualitativos para diferentes objetivos (BAUER e GASKEL, 1986, p. 472-473).

Para explicar o porquê do emprego de certos métodos, levamos em conta que nossa pesquisa se trata de um trabalho longitudinal, visto que nossos recortes realizados para explicar os processos fonológicos pesquisados são feitos em diversos pontos na trajetória da língua

portuguesa, a fim de acompanhar as modificações ou permanências de aspectos linguísticos, em uma observação pancrônica da língua. Voltamo-nos tanto para o individual quanto para o coletivo no decorrer deste estudo, pois as análises foram individuais, mas o quebra-cabeça linguístico se formou pelo que foi observado no todo. Isto significa que analisamos todo o *corpus* levando em conta também o particular, porém, inserindo-o em um coletivo, ou seja, colocando-o em um grupo.

1.3- A COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA: HISTÓRIA, CULTURA E LINGUAGEM¹⁵

[...] Baixa, uma pequena Aldeia indígena com 14 pessoas, é a única área habitada da redondeza, que é inigualável quanto à sua comodidade, beleza e fertilidade. (...) o assentamento de 80 fazendas, nos últimos 3 ou 4 anos e, no Arraial da Capelinha, foram construídas 26 casas. Mesmo os índios de Uberaba reconhecem a fecundidade de sua região e não apenas pagam sozinhos o dízimo ao Rei pontualmente, como também mantêm os religiosos com meios próprios [...] (BARÃO DE ESCHEWEGE, 1816 *apud* ARAÚJO e CELLURARE, 2007, p. 11¹⁶)

O bairro da Baixa fica cerca de 20 km afastado da cidade e era inicialmente, uma aldeia indígena. Hoje, porém, não vemos traços históricos ou culturais relacionados aos índios. A população do lugar conta com assistência à educação, transporte, saúde, sendo para alguns pouco eficientes e para outros, muito bons. Estes serviços são ofertados pela prefeitura de Uberaba. Os moradores, em sua maioria, consideram o bairro rural, pois muitos são os que vivem em propriedades como chácaras e ranchos.

¹⁵ Esta descrição sobre a história do local foi apresentada por nós e está nos anais do Conpeex 2010 (UFG). Apenas algumas informações extras foram agregadas.

¹⁶ O nome da pesquisa de onde retiramos esta citação é *Aspectos dos bairros rurais e agrovilas de Uberaba*, 2007, disponível no Arquivo Público de Uberaba, realizado por historiadores do local, João Eurípedes de Araújo e Luiz Henrique Cellurare.

Atualmente, há uma escola, denominada rural, fundada em 28 de junho de 1988, uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e Associação de Moradores (ARAÚJO e CELLURARE, 2007).

Araújo e Cellurare (2007) comentam que a Baixa surgiu no século XVIII (entre 1775 e 1800), recebendo esse nome assim que cessaram os conflitos por causa da disputa entre os limites de São Paulo e Minas Gerais. Quando esse conflito terminou, foi dada a “baixa” que marcou o fim das disputas no local onde se situa o bairro hoje, sendo por esse motivo o nome do local onde aconteceu a pesquisa.

O bairro também sofreu influência europeia e não era, inicialmente, um povoamento rural, mas sim, composto por aldeias indígenas, como mencionamos anteriormente, sendo também habitado posteriormente por “brancos” e negros, tendo sua origem em doações de terra, denominadas de sesmarias. Após isto, já em meados do século XIX, houve a mistura entre índios e a população rural do local. Bustamante (2002 *apud* ARAUJO E CELLURARE, 2007) frisa que os índios fugiam das misérias que atingiam suas regiões, direcionando-se para a Baixa.

A Baixa, antes de ser um bairro, já foi um aldeamento, um povoado, distrito e município. Essas transições ocorreram devido a projetos políticos que buscavam a junção de Uberaba ao bairro em questão.

Ao se originar, a Baixa recebeu inúmeros habitantes. Na década de 1990, entretanto, ocorreu uma migração de seus habitantes para outros centros, ou seja, a saída do campo para diversos locais em busca de mais oportunidades de trabalho, procurando melhoria nas condições de vida, incluindo a prosperidade econômica e educacional. Atualmente, a cana-de-açúcar predomina entre as plantações da redondeza, contando ainda com plantações de milho e soja, além do leite.

[...] Apesar da redução populacional, as pessoas que ainda residem na sede do distrito mantêm ocupações diferenciadas, prevalecendo algumas que são mais pertinentes à zona urbana: eletricitistas, mecânicos, pedreiros e carpinteiros. [...]. Permanecem, também, fiéis às antigas tradições de cultura popular, como é o caso da folia de Reis. Mesmo os que migraram, retornam a cada ano para participarem dos festejos ou para integrarem o quadro de foliões (Em nome dos santos reis, vol. 1, 1997, p. 27-28).

A localidade mantém, para o fortalecimento da cultura rural, festas regionais ligadas à religiosidade, dentre elas a Folia de Santos Reis e as cavalgadas. As poucas pesquisas realizadas na Baixa até o presente momento foram de grande importância tanto para moradores do local quanto moradores de locais vizinhos, sendo inclusive de grande auxílio para nossa pesquisa quando procuramos dados históricos e culturais do local.

Os relatos dos colaboradores quanto à origem do local são permeados por coincidências, que podem ser vistos no anexo 4.

A Baixa tem como referência, na região de Uberaba, a tradição da Folia de Reis, sendo uma marca cultural e religiosa do local. Desde que os portugueses trouxeram a folia para o Brasil, no período da colonização (FONTOURA, CELLURARE e CANASSA, 1997), ela vem sofrendo transformações. De acordo com os escritos de Fontoura, Cellurare e Canassa (1997) e baseando-nos nos depoimentos dos moradores do bairro, existiram muitas mudanças na festa popular, não havendo, porém, a perda da crença nem da fé.

A Folia de Reis, sendo predominantemente rural (FONTOURA, CELLURARE e CANASSA, 1997), anda na região do dia 25 de dezembro até o dia 05 de janeiro, data esta em que muitos conhecem por ser o dia da festa de Santos Reis na Baixa, ou seja, a alvorada.

Como a população rural era maior, havia muitos grupos de foliões, sendo que, frequentemente, se encontravam pelas estradas. Quando isso acontecia, os capitães e os palhaços se enfrentavam, cantando e desafiando-se. Segundo os mais antigos, o grupo perdedor deveria voltar para trás, desistir da Jornada, entregar a Bandeira, o dinheiro arrecadado e, às vezes, os instrumentos. Os capitães inexperientes evitavam passar pelas estradas onde supunham transitar outro grupo folião, para não perder na disputa e, em consequência, perder o direito à Jornada (FONTOURA, CELLURARE e CANASSA, 1997, p. 13-14).

O andar por vários dias sem retornar para os lares, enfrentando a pé as adversidades climáticas, deu espaço, com o passar dos anos, a um giro nas fazendas e na cidade, utilizando transportes, podendo haver retorno para casa durante o período de caminhada. Para se adequar à vida cotidiana sem perder a tradição, há outra folia de Reis que ocorre no mês de maio, somente aos finais de semana, justamente pelo fato de muitos foliões terem que trabalhar durante a semana, sem poderem acompanhar a folia todos os dias.

Como os próprios historiadores da citação anterior ressaltam em seus estudos, a folia expressa a viagem realizada pelos três Reis Magos, a fim de visitarem o menino Jesus, que acabara de nascer. Cada qual levou um presente para o menino: ouro, incenso e mirra, como uma forma de adoração. Os palhaços, que são personagens da antiga tradição da Folia de Reis, representam os homens do Rei Herodes, pois ele não queria perder seu posto de poder. Atualmente, a figura do palhaço já não é comum na Folia de Reis da Baixa.

Atualmente, a Folia para a comunidade da Baixa é uma tradição que, apesar de sofrer mudanças, demonstra a fé e a busca pela manutenção da tradição e da cultura local, passando por várias gerações que carregam consigo o propósito de homenagear e um meio de agradecimento a Jesus.

No bairro da Baixa há a igreja de Nossa Senhora da Conceição e a comemoração de datas religiosas como São Sebastião, segundo o relato de alguns colaboradores. No anexo 5, encontram-se relatos dos colaboradores sobre a importância da Folia de Reis para a localidade.

CAPÍTULO 2

MÉTODOS E CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA

Neste capítulo, abordamos a Linguística Histórica, bem como o espaço que ela ganhou dentro dos estudos linguísticos. Além disso, explicitaremos sobre os métodos da Linguística Histórica que utilizamos em nossa pesquisa, as particularidades e importância de cada um deles na análise de nosso *corpus*.

2.1- UM BREVE APANHADO SOBRE A LINGUÍSTICA HISTÓRICA

Os estudos da Linguística Histórica têm despertado cada vez mais a atenção dos pesquisadores, assim como as outras áreas de pesquisa da Linguística. Conhecer a Linguística Histórica contribui para que haja um aprofundamento nos estudos sobre a origem da Linguística, pois revelam pontos essenciais do passado das línguas, trazendo-os e comparando-os com o estado presente destas. A história dessas línguas ajuda a responder aos questionamentos de estudiosos, sobre origem e percurso das línguas, os processos de variação e mudança por qual passam as línguas e a “previsão” das possíveis mudanças por qual a língua passará.

Quando se estuda a história das línguas, procura-se rever os erros, enaltecer os acertos, reformular nossas hipóteses. Enfim, há a luta em recuperar e manter até certo ponto o que é certo e eliminar o “errado”¹⁷.

A Linguística Histórica, doravante LH, não se trata apenas de contar a história de uma língua, porém, este desvendamento histórico também faz parte da LH. Diversos são os métodos com os quais conta a LH atualmente para realizar seus trabalhos de pesquisa nas línguas, sendo que estes podem se complementar ou o uso de um ou de outro, somente, pode contribuir para mostrar as respostas que o pesquisador procura. Destacamos três dos principais métodos da LH neste capítulo: Método Histórico-Comparativo, Reconstrução Interna e Teoria das Ondas.

Buscamos perpassar pela história da LH e sua caminhada nos últimos tempos, contemplando o leitor com dados nossos e de autores da área. Neste momento, nossa intenção é mostrar que a LH está muito mais presente em nosso cotidiano do que imaginamos, no que envolve os estudos linguísticos.

2.2- A TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA PARA A LINGUÍSTICA GERAL

A LH surgiu em meados do século XIX, quando os linguistas tentavam descobrir a protolíngua, ou seja, a língua-mãe, das diversas línguas que estudavam (TARALLO, 1990). A maior preocupação dos pesquisadores era conhecer a língua que deu origem às demais. A reconstrução das línguas, para se chegar à língua-mãe, era realizada através do método

¹⁷ Contribuição do Prof. Dr. Sebastião Elias MILANI (comunicação pessoal).

comparativo: diversas línguas de interesse do pesquisador eram comparadas entre si, percebendo as semelhanças e os contrastes entre elas.

No início dos estudos da LH, os estudiosos achavam que as mudanças linguísticas deveriam obedecer a uma regularidade (TARALLO, 1990), ou seja, caso houvesse uma mudança no léxico ou em um ponto que fosse comum entre as línguas que eram consideradas semelhantes, esses mesmos pontos nas demais línguas também deveriam mudar, por consequência. Percebemos que neste instante o trabalho dos denominados linguistas históricos era mais generalizador, sem levar em consideração as particularidades das mudanças linguísticas.

Diversos trabalhos envolvendo pesquisas linguísticas não atingiram o esperado, pois por pequenas semelhanças se dizia que uma língua era irmã de outra ou que a protolíngua era a língua *x*, sem se buscar aprofundar em maiores detalhes individuais dessas línguas.

Em 1871, Schleicher, baseado nas teorias da biologia, apresenta a teoria das árvores linguísticas (TARALLO, 1990). Na teoria biológica, é como se idealizássemos uma árvore quando pensamos em línguas. Assim, a protolíngua é representada nas ramificações da raiz, que são as línguas descendentes de uma língua inicial em comum, tendo nesta raiz pequenos segmentos, ou seja, bifurcações, originando tantas outras línguas a partir daquelas que vieram da língua-mãe. Se fôssemos considerar os dialetos, ou variações, que as línguas presentes nesta raiz histórica possuem, não teríamos espaços suficientes, não saberíamos denominar e enumerar todos eles, nem limitar o início de um dialeto e o término de outro.

Segundo Tarallo (1990), em 1872, surge o método da Teoria das Ondas, confrontando com o modelo das árvores de famílias linguísticas. O método Histórico-Comparativo cede espaço para um outro método que enfatiza o falante de uma língua, em que prevalece o contato entre as línguas e seus respectivos falantes. Nesta teoria mais contemporânea, não há a necessidade das

línguas terem um parentesco, mas sim, de terem tido um contato cultural ou histórico que envolva seus falantes.

Os pesquisadores passaram a perceber que a realidade da língua, ou seja, o que ela realmente é, a sua essência, está na fala, e não somente nos documentos escritos e nas gramáticas, como se afirmava antes de tantas inovações nos estudos linguísticos. A LH retirava um pouco seus olhos dos manuscritos e dicionários, para voltar-se para as comunidades de fala das línguas que estudava.

A analogia encontrada nos estudos linguísticos já na metade do século XX, precisa ser repensada, pois estabelecê-la como uma explicação universal para as mudanças na língua não dá cientificidade à LH. “Nosso pesquisador enfrentará situações de mudança linguística que não se encaixam em qualquer análise engendrada através de aparatos descritivos compostos por regras” (TARALLO, 1990, p. 44). Nem tudo ficaria explicado simplesmente dizendo que o falante tentou conciliar uma forma já existente com outra quase que desconhecida em partes, através de uma analogia. Os aspectos que envolvem a língua não são tão superficiais quanto parecem.

Como Tarallo (1990) e Faraco (2005) comentam, as línguas foram profundamente estudadas pelos linguistas, mas estes ainda não tinham passado a dedicar suas atenções a uma peça primordial das línguas, responsável por mudanças, arranjos, adaptações na língua: o falante. Aquele que utiliza a língua recebe ou descarta uma novidade linguística ou uma forma conservada. Com a Teoria das Ondas, todo o conjunto envolvendo variações, língua, falante e contato linguístico era visto com importância pelos pesquisadores.

A LH surge para sanar as dúvidas linguísticas que até então não haviam sido solucionadas (ILARI, 2006). Através de pesquisas mais particularizadas, a LH deixou de afirmar por generalização e passou a estudar de forma mais profunda casos particulares, sendo vista então como uma ciência digna de credibilidade, não deixando de contar com o auxílio de trabalhos de

cunho comparatista e filológico. A LH, então, reconstrói momentos da língua, com o auxílio de seus próprios métodos.

Reconhecida como ciência, com aproximadamente dois séculos de trajetória, a LH desempenha um trabalho essencial, tanto voltado para línguas quanto para dialetos, pois a ponte feita entre passado e presente, através de recortes temporais, auxilia pesquisadores da linguística, em geral, a conhecer a trajetória da língua com a qual trabalham. Seria mais difícil garantir cientificidade na linguística se os dados envolvendo mudança linguística aos quais nos baseássemos fossem apenas do presente ou se os fatos linguísticos fossem isolados dos outros acontecimentos que envolvem a língua.

2.3- AS PECULIARIDADES DA PESQUISA BASEADA NA LINGUÍSTICA HISTÓRICA

[...] a gradualidade do processo histórico se evidencia ainda pelo fato de que a substituição de uma forma x por outra (y) passa sempre por fases intermediárias. Há o momento (quase sempre longo) em que x e y coexistem como variantes; depois há o momento (também normalmente longo) da luta entre x e y seguida do desaparecimento de x e da implementação hegemônica de y (FARACO, 2005, p. 46).

O primeiro passo para que exista a LH é a existência de uma variação ou mudança¹⁸ na língua. Temos ciência de que modificações ocorrem em qualquer língua, em consonância com fatores culturais e históricos. A necessidade de “ampliar” a sua comunicação e de se fazer entendido por seu grupo faz com que o homem reorganize a língua a seu modo, sendo que muitas dessas inovações permanecem na recorrência linguística e outras não. Quando dizemos *a seu modo*, não queremos mostrar que a organização e criação na língua sejam extremamente livres,

¹⁸ Abordamos na próxima sessão questionamentos e diferenciações entre variação e mudança linguísticas.

pois existe uma moldura inicial em que a língua se baseia, para que possa ser acessível aos seus falantes.

Nosso intuito é mostrar que a LH conta também com a participação individual do falante, levando para o coletivo o seu modo de organizar e recriar na língua. A LH não potencializa, como muitos imaginam, somente o que há de *antigo* na língua. O que ela pretende é explicar, com base em dados e estudos, a possibilidade de uma mudança ocorrer e por que ela ocorreu. Sendo assim, ela pode prever mudanças que serão vistas na língua ou em um falar e dizer como e porque estas se deram.

Torna-se conveniente a nós, antes de adentrarmos nas definições da LH e em nossos estudos sobre os processos fonológicos, tratarmos sobre a mudança e variação na língua ou até mesmo em uma comunidade de fala, visto que certos grupos podem adotar um léxico ou alguns aspectos da estrutura linguística diferente de outros. Ao traçarmos linhas cronológicas ou buscarmos origens na LH, procuramos os vestígios de variação e/ou mudança como um ponto de partida, não recorrendo aos “achismos”.

2.4- O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE AU E UA > O ~ U: UM CASO DE MUDANÇA OU VARIAÇÃO NA LÍNGUA?

[...] Daí se dizer em linguística histórica que nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, o que significa, em outros termos, que a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora de nem todo fato heterogêneo resulte necessariamente mudança (FARACO, 2005, p. 23-24).

Nenhuma língua tem a capacidade de ser totalmente homogênea. As realidades e experiências dos falantes divergem na história e suas necessidades tendem a ser distintas, dependendo da situação em que se encontram, da necessidade que a língua tem para eles no processo comunicativo.

Consideramos nossa língua (ou o dialeto de uma língua), mesmo que inconscientemente, eficiente, pois o sistema em que ela se organiza nos permite a comunicação, atendendo nossas necessidades neste sentido. Poucos são os que param e pensam que a língua não foi sempre a mesma que é hoje e que certamente amanhã contará com recursos novos ou simplesmente modificados.

A mudança linguística é um processo misterioso (FARACO, 2005). À medida que as mudanças ocorrem na língua, não sabemos precisar com extrema exatidão quando elas ocorreram, porque ocorreram e como seria a língua se mudanças não tivessem ocorrido. O mistério a se desvendar é conseguir traçar esta caminhada linguística, sem pormenorizar os diversos detalhes da mudança linguística.

Por sermos falantes de uma língua que possui uma atividade intensa, contamos com um campo lexical amplo e bastante abrangente. O conjunto lexical que compõe uma língua varia de acordo com a necessidade de quem a fala. De onde vem cada parte deste conjunto lexical? Como chegou ou se originou na língua? Em que ponto houve variação e quando ocorreu a mudança?¹⁹ Esses rearranjos não ocorrem somente no léxico, mas nos diversos campos da gramática da língua, como na sintaxe, morfologia, fonologia e semântica.

¹⁹ Os estudos linguísticos têm nos reforçado constantemente a diferença entre variação e mudança, pois há dependência entre ambas, sendo que a variação vem antes da mudança, podendo a última existir ou não, ou seja, a mudança nem sempre ocorre, mas sempre que ela acontece, anteriormente, houve uma variação. Consideramos a mudança na língua como uma cristalização e a variação como um processo que desencadeia em mudança ou não.

Tomemos como ilustração do que estamos discutindo um exemplo presente em nossa pesquisa:

*De veis in quando muda pra otra...otra localidade...de festa né. Intão é mudado...é mudado. Hoje não. Hoje é **prantado**, **prantado** ali né. Onde tem o rancho da festa.*²⁰

Ao analisar os dados transcritos anteriormente, percebemos diversas situações de variação na língua, as quais elencamos. O colaborador emprega *prantado* (*plantado*), ocorrendo o processo fonológico denominado rotacismo, em que o fone [l] é substituído pelo [r], havendo uma variação no som, que é muito comum no grupo que elegemos para realizar a pesquisa e em outros já estudados por alguns pesquisadores. Recorrendo à LH, vemos que essa troca do [l] pelo [r] aconteceu em diversos momentos da língua portuguesa, sendo considerada como uma variação²¹.

Em seu enunciado, o colaborador se refere ao local que ocorre a folia de Reis, mencionando que o lugar é fixo e tal evento ocorre somente naquele lugar já estabelecido. Notamos a ampliação semântica deste léxico, visto que *plantado* não está aqui empregado para vegetais nem pessoas (em sentido conotativo), ao dizermos que alguém está imóvel, parado em um lugar.

O vocábulo *plantado* é derivado de *plantar*, com significações, segundo Houaiss (2001), de introdução de sementes no solo e até de colocar algo em algum lugar, como no sentido apresentado pelo colaborador no enunciado a que nos referimos, além da significação de construir, no sentido figurado.

²⁰ Em praticamente todos os trechos do *corpus* os quais empregamos para exemplificar nossa dissertação há um exemplo de monotongação, seja ela envolvendo a variação ou permanência dos ditongos *au* ou *ua*, ou outros casos diversos de monotongação. Porém, não nos é possível comentar cada caso de monotongação encontrado nos exemplos dados, mas sabemos de sua existência, bem como os empregamos nos momentos de análise dos dados.

²¹ Um dos exemplos desta permuta do /l/ pelo /r/ encontramos na transição do latim para o português da palavra *igreja* (*iglesia* > *igreja*)

O vocábulo *plantar* teve sua origem no latim (*planto*'), sofrendo algumas alterações durante sua formação histórica. Não houve, então, a origem da forma em questão e apenas a criação de palavras a partir desta forma. Não se trata apenas da produtividade na língua, no que compete à origem de novos léxicos. Há que se pensar que as mudanças ocorreram, incluindo a possibilidade, em qualquer léxico, de haver uma mudança de A para B e de B para C, seguida de uma mudança de C voltando para B. Isto confirma que nem sempre a mudança significa apresentar uma nova forma que não existiu anteriormente.

Campbell (2004) denomina a ampliação semântica como sendo um alargamento, ressaltando que este tipo de variação na língua parte do concreto para o mais abstrato. Temos o exemplo de *embarcar*, que antes era empregado somente para quem ia utilizar o barco como meio de transporte. Hoje, qualquer caminho percorrido, seja em um ônibus, avião ou trem utiliza-se *embarcar*, no sentido de realizar uma viagem, um percurso dentro de determinado meio de transporte.

Perdas e ganhos nas línguas são comuns (CROWLEY, 1992). São estes acréscimos e lacunas que possibilitam uma variação inicial, para depois implicar em uma mudança. A LH, com seu trabalho para explicar as mudanças na língua dentro de uma linha do tempo, inserido em um recorte feito pelo pesquisador, mostrou através da linguística sincrônica como a língua muda em um certo recorte realizado, recorrendo também à linguística diacrônica para perceber a trajetória das mudanças em diferentes estágios da língua.

Faraco (2005) argumenta que devemos entender as mudanças linguísticas e não apenas descrevê-las. Assim, ao nos depararmos com uma mudança na língua, precisamos analisá-la, estudá-la, saber como e por que ela se deu, e não somente listar as mudanças de forma superficial. A LH, então, realiza seu trabalho de investigação, tanto em escritos mais antigos como na história e cultura social, percebendo o que realmente ocorreu na língua.

A mudança ou a variação caracteriza-se pelo convívio e pelo uso da língua. Se uma criança produz um som a partir do que ouviu de outras pessoas, ela pode realizar mudanças involuntariamente, na tentativa de acertar, isto é, de se aproximar do que ouviu. Provavelmente, esta variação será temporária, pois há a tendência de “consertar” o que se pronunciava de modo considerado errado tanto para o falante quanto para a sociedade. Isto também não quer dizer que uma variação não possa vir a ser permanente. Trata-se de uma escolha dos falantes, mantê-la ou excluí-la.

Nem sempre as analogias²² são suficientes ou até mesmo eficientes na LH para explicar as mudanças na língua. As mudanças estão ocorrendo na fala e na escrita, sendo mais visíveis e comuns na fala.

Nossa intenção será guiar nossos olhares para perceber se há uma renovação ou uma manutenção no processo fonológico escolhido. Além dos métodos de pesquisa que foram vistos no primeiro capítulo, aplicamos métodos de pesquisa da Linguística Histórica na análise de nossos dados, ou seja, aqueles que mais nos auxiliaram no momento de responder nossas perguntas. Dentre estes métodos, estão a Teoria das Ondas, Reconstrução Interna e o Método Histórico-Comparativo, que são abordados em 2.6, com base em autores da Linguística Histórica, dentre eles Basseto (2001), Crowley (1992) e Campbell (2004).

2.5- LINGUÍSTICA HISTÓRICA: RENOVAÇÃO NA LÍNGUA

²² Analogia em Linguística Histórica é recorrente para se explicar momentos de similaridade semântica e fonológica, por exemplo, mas nem sempre é o modo mais eficiente de se explicar as mudanças da língua. Em nossos dados encontramos *aligria*, em que o primeiro *i*, por analogia, sofreu modificação para ser análogo ao segundo. A analogia se trata então de aproximar diferenças na língua, tornando-as iguais ou mais semelhantes do que era inicialmente, antes de sofrerem qualquer variação.

O linguista histórico encontra-se, então, em situação muito semelhante à do paleontologista. O paleontologista utiliza-se de fragmentos de evidência - um osso aqui, um fóssil ali - e combinando estes fragmentos com os princípios do método científico, através do qual ele trabalha, procede à descrição das aparências e hábitos dos animais pré-históricos. [...] O linguista histórico é o paleontólogo da língua. Através de poucos traços remanescentes, e da extrapolação dos princípios da linguística histórica, ele tenta reconstruir as línguas que já desapareceram. Ele tem que abordar a história da língua a meio caminho, segundo registros já existentes, embora ele saiba que a forma da escrita deva ser uma fase muito tardia do desenvolvimento da língua. Que ele consiga fazer isso, deve-se ao que sabemos a respeito do processo de mudança da língua no eixo diacrônico (TARALLO, 1990, p.52).

A LH não é o mesmo que História da Linguística (FARACO, 2005; CAMPBELL, 2004).

A história da Linguística vem a ser o retrato que a linguística tem, enquanto disciplina e ciência, desde sua origem. Ela mostra os caminhos percorridos por uma língua e considera os dias atuais, isto é, a história da linguística enquanto disciplina. Já a LH faz um trabalho mais minucioso sobre o percurso da língua, envolvendo as mudanças ocorridas nela. À nossa mente deve sempre vir que cada trabalho em LH é único, pois os dados de cada pesquisador são diferentes, as fontes que cada um usou para o embasamento teórico também não são as mesmas.

A LH retrata a cultura de um povo, já que as mudanças que ocorrerão na língua dependerão de seus falantes. Para realizarmos análises na LH, podemos pensar, inclusive, que cada dialeto ou língua é um cenário específico e singular, onde ocorrem variações a todo instante. O que mudou? O que permaneceu intocável? Como foi o processo de mudanças e variações? Essas são algumas perguntas feitas por um linguista histórico. Para estudar a LH, o pesquisador deve ter em mente que a língua muda e, conseqüentemente, deve entender o funcionamento da língua (CAMPBELL, 2004).

Para Campbell (2004), a LH não volta suas atenções para a origem da linguagem humana, ou seja, como esta surgiu e como se desenvolveu, mas, sim, para as mudanças ocorridas na língua. Coloca, então, que não é papel nem pretensão da LH apontar qual forma é a certa ou a

mais adequada, muito menos prevenir que mudanças ocorram na língua, mas acompanhar estas mudanças, realizando análises com os dados que se tem em mãos.

A LH também pode nos apresentar possíveis mudanças que ocorrerão nas línguas, já que consideramos essas mudanças em um ambiente cíclico, sendo coerente e provável o retorno de uma forma que já existiu. A LH pode deduzir as novas mudanças que ocorrerão na língua, por meio de Leis Universais que se encaixam na língua. A LH também considera o momento linguístico atual pelo qual a língua está passando, pois reconhece que este período apresenta os indícios que se busca para remontar o passado de uma língua e para prever os acontecimentos que farão parte dela.

Campbell (2004) põe a LH em um centro, sendo ladeada pela linguística diacrônica, que estuda a língua em tempos passados e pela linguística sincrônica, que vem a ser um recorte na língua, em um determinado estágio, para que se faça uma retrospectiva por meio de análise, sendo esta análise considerada sincrônica também quando tratamos somente do momento atual em que a língua se encontra.

A língua isolada, para a LH, isto é, palavras soltas, não é trabalhada senão no campo etimológico, que também é uma área fundamental para a LH, pois é neste momento que conhecemos as formas originais, a mudança semântica e morfológica de um vocábulo. A ampliação ou a redução semântica, quando ocorridas em qualquer léxico, é possível de ser visualizada através de estudos etimológicos.

A preocupação inicial dos linguistas históricos era saber por que as línguas mudam, mas atualmente tem sido por que e como elas mudam (CAMPBELL, 2004). Algumas dessas respostas, respaldadas pela LH, oferecemos ao longo de nosso trabalho. Entretanto, a Linguística Histórica indica possíveis caminhos pelos quais a língua percorrerá, mas não prevê exatamente quais mudanças ou variações ocorrerão.

As línguas mudam porque precisam ser ampliadas ou reduzidas, pois a cada dia surgem mais necessidades linguísticas, surgem novos grupos de fala, que buscam sua própria identidade através do modo de falar, os jargões, específicos para cada grupo social e novas construções sintáticas para atender o processo comunicativo dos falantes. Vem da natureza da própria língua e do usuário buscar estas mudanças. O falante nem sempre percebe que está realizando modificações em sua língua. O destino das mudanças e conservações linguísticas está na mão dos falantes.

A todo o momento, as línguas recebem influências externas (políticas e sociais) às suas estruturas, sejam empréstimos, sejam valores culturais de outros povos que vêm agregar riqueza a uma língua, considerando ainda a história desta língua. Nada sobra ou falta em uma língua. As medidas e usos quem dão são seus falantes, através de variações, mudanças e rearranjos linguísticos.

Afirmar como uma língua muda é uma questão mais sutil. Ao obtermos recortes de uma língua, dentro de uma linha cronológica determinada, vemos que quem decide como serão as mudanças da língua são os falantes. Nem sempre são grandes mudanças, ou são apenas variações, mas são modificações representativas para os estudiosos da língua, podendo uma mudança ou variação ocorrer por mero engano do falante, ocasionando uma permanência da “nova forma” na língua. Vemos um exemplo de um colaborador, que emprega *indiferente* não com seu significado inicial, de *menosprezo*, mas de *diferente*, sendo inserido apenas um prefixo no início do léxico, sem haver a alteração do significado.

*A veis ãa sala, um...um lugar **indiferente** lá pá durmi, né, forrava ‘quilo lá cê durmia. Nóis durmia tudo junto assim impariado assim, né, e aquilo era bão. Era bão. Achava bão né. Era desse jeito. Hoje não. Hoje cada um, cê tem seu...seu lugarzim [...]*

*Música caipira, puque hoje o...as coisa tá muito **indiferente** né. As música são **indiferente**.*

Assim,

A linguística histórica ocupa-se então, fundamentalmente com as transformações das línguas no tempo; e os linguistas que nela trabalham procuram surpreender, apresentar e compreender essas transformações, orientando-se, na execução dessas tarefas, por diferentes sistemas teóricos (FARACO, 2005, p. 91).

Com isso, não queremos dizer que o linguista histórico é obrigado a aceitar todas as mudanças que ocorrem na língua ao longo do tempo, sem questioná-las, mas ele precisa analisá-las, explicando por que as mudanças ocorreram e quais os passos seguidos pelas mudanças. Nem sempre as conclusões a que se chegam os pesquisadores são as mesmas. Está aí a riqueza da LH: estudar o que foi encontrado pelos linguistas, unindo-se os resultados obtidos e/ou aproveitando o que é mais coerente em cada pesquisa.

A seguir, apresentamos os métodos recorrentes na LH, os quais estão em consonância com nosso estudo, ou seja, abordamos os métodos de pesquisa usados em nossas análises e enfatizamos o significado deles para nossa pesquisa.

2.6- MÉTODOS EMPREGADOS NAS PESQUISAS EM LINGUÍSTICA HISTÓRICA

Um pesquisador que segue os caminhos da LH não apenas coleta dados e os organiza. Ele escolhe um método que seja eficiente na análise dos dados disponíveis, compatível com a pesquisa que se dispõe a fazer.

A LH conta com diversos métodos de pesquisa e, dentre estes, apresentamos os três principais²³. Destacamos aqueles que nos apoiaram nesta pesquisa científica que realizamos, pois não há a obrigatoriedade de seguirmos apenas um. Ao contrário, visto que captando o mais relevante, no momento, de cada método, garantimos uma maior consistência à nossa pesquisa, de forma que ela nos apresente resultados confiáveis.

2.6.1- As contribuições do método Histórico-Comparativo para as pesquisas em Linguística Histórica

O método histórico-comparativo é aplicável a casos de grupos de línguas genealogicamente afins. Dados colhidos nas línguas com a mesma origem são comparados entre si para se lhes encontrar a forma originária, determinar os metaplasmos ocorridos, verificar-lhes o significado, a formação de novos campos semânticos, o motivo ou os motivos de tais formações, e inúmeras questões semelhantes” (BASSETO, 2001, p. 64).

Este método, como o próprio nome diz, compara as características de línguas que sejam da mesma família. Este parentesco linguístico não é medido apenas através de similaridades lexicais ou fonológicas, mas há todo um aparato que analisa estas semelhanças, desde a estrutura da língua até as similaridades mais salientes.

Em nossa pesquisa, o método Histórico-Comparativo foi útil principalmente no estudo etimológico do léxico, visto que buscamos a origem e o percurso histórico dos vocábulos, levando em consideração, inclusive, as alternâncias de significados e da grafia. Temos percebido que conhecendo a origem de um léxico e sua trajetória na língua, mesmo que ele seja um

²³ Vale ressaltar que o mesmo método pode receber um nome diferente, variando de autor para autor. Nesta variação pode haver inclusão de alguma ideia nova ou rearranjo da ideia anterior. Trazemos *principais*, ao falarmos dos métodos, no intuito de informar que foram estes três métodos que nos proporcionaram formar o tripé de nossa pesquisa científica, ao organizar e analisar nossos dados.

empréstimo, facilita o trabalho do pesquisador em vários campos. Em nosso caso, principalmente, na morfologia e na semântica.

Os primeiros a aplicarem o método Histórico-Comparativo foram Friedrich Diez, em seus trabalhos filológicos, Franz Bopp e Jakob Grimm em estudos da língua (BASSETO, 2001). Como todos os métodos, o Histórico-Comparativo também possui suas falhas ou, ainda, não atende a todas as necessidades do pesquisador.

Se estivermos buscando comparações entre o Latim e a Língua Portuguesa, ao pesquisar algum dialeto brasileiro em específico, focando nossas atenções nas alterações fonológicas, como seria possível estudar a produção dos sons, se não contamos com um aparato de gravações do Latim, ou mesmo da Língua Portuguesa em outros momentos históricos? Ao realizarmos a comparação de uma língua ágrafa com outra que possui grafia, também é um modo de percebermos que nem tudo em LH é resolvido buscando o método Histórico-Comparativo.

Quando empregamos apenas um método da LH para analisar nossos dados e as respostas de pesquisa não são encontradas de modo satisfatório, partimos para o uso dos outros métodos disponíveis na LH, reunindo todas as conclusões a que chegamos.

Após vermos de que maneira o método Histórico-Comparativo pode nos auxiliar em nossas análises linguístico-históricas, partimos no próximo sub-item, para o estudo do método da Reconstrução Interna e suas contribuições para nossa pesquisa.

2.6.2- As contribuições do método da Reconstrução Interna para as pesquisas em Linguística Histórica

Há semelhanças entre o método Histórico-Comparativo e a Reconstrução Interna. O que difere a Reconstrução Interna do Método Histórico-Comparativo é que a Reconstrução Interna trata de realizar reconstruções de uma única língua, perfazendo caminhos entre o passado e o presente, enquanto que o Histórico-Comparativo compara aspectos de duas ou mais línguas que têm a mesma protolíngua, como já vimos anteriormente.

O método da Reconstrução Interna é essencial na LH, pois possibilita a obtenção de dados linguísticos de uma mesma língua, em tempos distintos (CAMPBELL, 2004). As mudanças lexicais, semânticas, morfológicas, dentre outras, que ocorrem em uma determinada língua podem ser percebidas quando recorremos a este método. Um dos conceitos trabalhados no método da Reconstrução Interna é o da cronologia relativa²⁴, pois para recuperarmos dados de uma língua, devemos considerar que seguir uma ordem cronológica é essencial para se saber qual mudança na língua veio primeiro e como se deram essas mudanças (CAMPBELL, 2004).

Tomemos como base um exemplo de nossos dados, mostrando como o método da Reconstrução Interna nos foi eficaz para explicar as variações que ocorrem no grupo pesquisado.

capto > **captiare* > *caçar* > *caçando* > *caçano*

Em nossos dados, o lexema *caçano* apareceu em um dos momentos de entrevista. Em uma busca etimológica, vimos que a primeira forma, *capto*, para Houaiss (2001) vem do latim clássico. A forma posterior, **captiare*, vem do latim vulgar, sendo a forma em seguida aportuguesada para *caçar*, depois *caçando*, que é uma derivação do verbo. Ocorre a queda do /d/ no gerúndio do verbo, que vem sendo comum na Língua Portuguesa.

²⁴ Nem sempre, nos métodos disponíveis na LH, a cronologia relativa é considerada um diferencial na avaliação dos dados que se tem em mãos. Muitas vezes não importa quando um evento linguístico aconteceu em uma determinada língua, mas importa para o pesquisador somente saber se este evento ocorreu ou não.

O método da Reconstrução Interna pode ser aplicado em um dialeto (CROWLEY, 1992), isto é, não temos a necessidade de analisar uma língua por completo, mas uma variedade pertencente a ela, que se trata do dialeto. Isto quer dizer que podemos analisar apenas aspectos linguísticos de uma comunidade de fala pertencente a uma determinada língua, sem a necessidade de estudar a própria língua como um todo.

Dentre as limitações deste método estão as restrições que existem ao comparar e analisar elementos de uma única língua, sem estabelecer relações com outras línguas, o que não ocorre no método Histórico-Comparativo. Devemos ter cautela ao realizarmos análises linguísticas, pois a quantidade de dados disponíveis para o pesquisador pode ser escassa.

O método da Reconstrução Interna nos foi útil para que percebêssemos como o fenômeno linguístico estudado por nós, as escolhas lexicais e os aspectos relacionados à semântica e morfologia são explicados em uma linha do tempo, em um dialeto da Língua Portuguesa.

O próximo método, o da Teoria das Ondas, o qual abordamos no próximo sub-item, fecha o tripé dos métodos que consideramos essenciais para a realização das nossas análises linguístico-históricas neste estudo.

2.6.3- As contribuições do método da Teoria das Ondas para as pesquisas em Linguística Histórica

Segundo J. Schmidt [...] as inovações linguísticas se propagam como ondas, irradiadas continuamente de centros geográficos humanos de prestígio, que se cruzam e entrecruzam com frequência (BASSETO, 2001, p. 82).

Conforme a definição de Basseto (2001), Teoria das Ondas é um método que ressalta que as novidades na língua se propagam como se estivessem inseridas em um alvo: onde acontecem as mudanças ou variações é o centro do alvo e as outras partes que o circundam são outros locais que acabam recebendo a inovação da língua. Uma mudança ou variação linguística muitas vezes não se restringe a um núcleo de fala apenas, pois a mobilidade da língua, através da fala ou da escrita, não deve ser desconsiderada.

Estas mudanças se autoinfluenciam, no sentido de que quando uma mudança parte de seu centro de origem, ou melhor dizendo, do alvo, ela recebe influência, ao mesmo tempo que influencia formas já existentes, sendo por isso que muitas vezes uma mesma mudança pode desencadear-se em outras mudanças diferentes na língua, pois em cada local que ela chega há um contexto diferente que a recebe.

A LH e os estudos voltados para a explicação dos dialetos que existem dentro de uma língua abordam estas mudanças que ocorrem dentro da mesma língua. Os estudiosos da dialetologia entendem que “cada palavra tem sua história” (CAMPBELL, 2004), sendo que esta afirmação se enquadra no que já havíamos comentado: o ponto de partida da mudança linguística é o mesmo, o que modificará é a variação que o léxico sofrerá ao chegar em cada comunidade de fala que ele “atingir”.

O método de Schimidt é voltado para trabalhar com as mudanças que ocorrem na língua devido ao contato com outras e o contato entre os dialetos²⁵. Cada vez que a mudança na língua se distancia mais do centro, de seu alvo inicial, vai se tornando mais fraca (CAMPBELL, 2004). Assim, entendemos que uma mudança em um lugar x não atinge o local a com a mesma precisão que atingiu o local y , devido às distâncias discrepantes entre estes locais.

²⁵ Apenas o contato entre os dialetos nos faz entender a utilidade deste método na LH, no que se refere às variações linguísticas.

Fizemos uso deste método em nossas análises, pois não esperamos uniformidades nas mudanças linguísticas encontradas no *corpus* desta pesquisa. Uma vez que as línguas, ou dialetos, exercem influências, este método se torna eficaz para sabermos que grupo linguístico pode influenciar o falar pesquisado. Quando percebemos que há uma tentativa de manutenção da língua, até mesmo esta resistência ao novo foi influenciada por algum outro falar ou algum outro povo e cultura. Existe então, a política de resistência e inovação linguísticas. A resistência às novidades é percebida quando um grupo de fala quer manter algumas características da língua ou quando um falar é visto como o de prestígio. As inovações são realizadas pelas novas gerações, que trazem novidades à língua.

O que motiva uma mudança na língua é o contato entre os falantes de vários dialetos, ou seja, o contato linguístico pode ser um dos fatores, além da necessidade e vontade de ter algumas semelhanças com outros falares mais prestigiados. Já o que contribui para a resistência a mudanças na língua é justamente querer conservar os aspectos culturais de uma localidade, isto é, o fato da fala de um grupo ser justamente a sua marca distintiva perante outros grupos.

Temos a influência dos escravos, índios e imigrantes em nossa língua, trazendo novas expressões lexicais, acrescentando novidades à estrutura da nossa língua, através de suas culturas e histórias. Os falantes trazem novidades para a língua que usam, e não é a língua que apresenta mudanças as quais os falantes terão que se adaptar. Caso uma língua não tenha nem interferências externas nem dos falantes, o que é praticamente impossível, é bem provável que ela não mude, pois uma língua sem falantes existe somente nos papéis. Não havendo a fala, não ocorrem as mudanças.

Como todos os métodos, este também deixa a desejar em alguns aspectos, pois ainda não podemos precisar os limites da influência de uma língua ou dialeto sobre outra comunidade de fala, nem limitar os territórios de uso de cada falar. Quem pode nos garantir que uma mudança

chegada em um determinado dialeto seja realmente vinda de um dialeto vizinho, e não uma coincidência de criação entre os dois grupos? Responder questões metodológicas não é nosso foco no momento, mas queremos mostrar que um trabalho científico não tem a obrigatoriedade de adotar um método como sendo universal, desconsiderando particularidades de outros métodos.

Predominantemente, em nossa pesquisa, foi utilizado o método da Reconstrução Interna, mas tivemos a necessidade de contar com o método Histórico-Comparativo e da Teoria das Ondas em nosso estudo.

Ao estudarmos a LH, podemos conhecer seu percurso dentro da ciência das línguas, saber sobre seu papel fundamental e sua importância inquestionável perante os estudos linguísticos como um todo.

O que mostramos com nossos escritos apresentados anteriormente, é que não há grandes segredos para entender o papel da LH: a partir das mudanças ou variações que passam a existir na língua, a LH faz um traçado destes acontecimentos, procurando se aproximar, através de análises e de dados, dos acontecimentos que rodeiam uma língua ou dialeto.

Quando finalizamos estes apontamentos dizendo *métodos* significa que não somos impedidos de ter em mãos, ao trabalharmos com a LH, mais de um método, para que tenhamos certeza de que através do cruzamento de dados que realizamos empregando métodos da LH, nossas hipóteses foram ou não coerentes com o que realmente ocorreu na língua.

Uma vez que podemos conhecer com mais profundidade a LH, nossos apontamentos acerca da linguística são voltados mais para certezas que generalizações, já que o fato de trabalharmos dentro das ciências humanas não nos impossibilita de realizarmos um trabalho científico, como os que são realizados por outras ciências. A exatidão se encontra nos métodos que utilizamos, no modo de conduzir esta pesquisa que fizemos, sem omissão de dados e sem

realizar analogias perante as dificuldades de se explicar novidades encontradas, mas tratando cada informação dentro de sua particularidade, garantindo a credibilidade no universo linguístico.

No próximo capítulo, tratamos do léxico, incluindo nosso embasamento acerca da LH, em uma pesquisa utilizando o método da Reconstrução Interna e realizando uma busca etimológica, permeando nossos dados com as questões semânticas e morfológicas da língua. Neste capítulo, refletimos sobre questões linguísticas, históricas e culturais envolvidas nas escolhas lexicais do grupo de fala pesquisado.

CAPÍTULO 3

LÉXICO E ESCOLHAS LEXICAIS DA COMUNIDADE DE FALA DA BAIXA-MG

Tratamos, a seguir, de aspectos do inventário lexical da comunidade de fala da Baixa-MG. Para tanto, realizamos um estudo sobre o léxico e conhecemos um pouco mais das escolhas lexicais feitas pelos falantes durante seus discursos. Torna-se imprescindível para a Linguística Histórica e para nosso trabalho a análise destes léxicos empregados nos dias atuais, reconstruindo, concomitantemente, o percurso histórico dos vocábulos e das expressões lexicais, e ainda, como ocorre este “uso” na sociedade. Constatamos que há a ocorrência de alguns dos léxicos em outras comunidades de fala.

Assim, sincronia e diacronia se relacionam neste instante para mostrar como a Linguística Histórica e o maior conhecimento da língua são fundamentais para que haja um trabalho, assim como este nosso, mais aprofundado por parte do pesquisador.

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações.

Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (BIDERMAN, 2001, p.179).

Neste capítulo, abordamos o Léxico²⁶ voltando a atenção desta área da linguística para os exemplos encontrados em nosso *corpus*. Além dos léxicos que selecionamos, há também as expressões lexicais. Tratamos, inclusive, da essencialidade dos estudos morfológicos e semânticos no campo lexical.

Ao discorrer sobre Léxico, Escolhas e Expressões Lexicais, não poderíamos banir a Semântica de nossas abordagens, pois é perceptível que a noção de significação do falante influencia nos significados dados a esses lexemas, empregados consciente ou inconscientemente.

Em um primeiro momento deste capítulo, no sub-item 3.1, abordamos o Léxico de uma maneira geral, o surgimento dele relacionado à criatividade do falante, a necessidade e a dificuldade que se tem para estudar um léxico e o entendimento de seus significados.

Posteriormente, em 3.2, discorreremos sobre as Expressões Lexicais e a importância da análise tanto do léxico quanto da semântica e, por último, comentamos sobre o léxico, as escolhas e expressões lexicais inseridos em um contexto específico, ou seja, encontrados em nossa pesquisa.

3.1- LÉXICO

[...] a razão por que formamos palavras é a mesma razão por que formamos frases: o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz

²⁶ Estabeleceremos uma distinção entre léxico, vocabulário e lexicografia, mesmo que de maneira menos aprofundada. Dubois (2006, p. 364) menciona tais nomenclaturas e suas respectivas distinções. Para ele, o léxico está ligado à língua, enquanto que o vocabulário ao discurso, tendo como unidades, respectivamente, o lexema e o vocábulo/palavra. Os itens lexicais não devem ser confundidos com os termos dicionarizados, pois não são palavras, mas lexemas. Já a lexicografia relaciona-se com o estudo e formação de dicionários, realizados por lexicógrafos.

num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos (BASÍLIO, 2004, p.10).

Frequentemente temos presenciado discussões acerca do Léxico, sua formação e relevância para os estudos Linguísticos. Antes de apresentarmos qualquer definição para que possamos ter um panorama sobre o Léxico, é indispensável comentar que os estudos relacionados com tal assunto não são tão simples como podem parecer.

A criação do Léxico depende da criatividade, da necessidade e da realidade do falante/escritor em dar surgimento a novas palavras, termos e nomes. O Léxico pode ser criado por uma comunidade, ser recorrente em seu interior, e ao mesmo tempo ser totalmente desconhecido por outras pessoas que falam a mesma língua. Entender (no aspecto semântico) essas *inovações linguísticas* não requer somente leituras e estudos intrínsecos para se comunicar, mas, sim, entender o que o falante quer transmitir ao seu ouvinte, ou seja, compreender suas mensagens. Os dicionários nem sempre nos trarão o significado que condiz com a realidade e com o emprego do Léxico na conversação, podendo, em alguns momentos, serem inteligíveis para quem os buscam como fonte de significação da língua.

Biderman (2001) aponta que existem dificuldades relacionadas ao estudo lexicológico no campo da etimologia, etnologia, cultura, geografia linguística e dialetologia. Não entramos em maiores detalhes sobre cada um desses aspectos neste momento. Focamo-nos em apontamentos sobre tais dificuldades destas análises.

Alguns léxicos têm sua etimologia desconhecida. Nesses casos, torna-se mais difícil para o pesquisador conhecer o processo de formação do léxico, as transformações pelas quais ele passou até chegar à forma conhecida na atualidade.

Quanto à etnologia e cultura, podemos pensar no quanto cada grupo contribui para a formação de um léxico rico e como esses grupos possuem suas *redes de palavras*, sendo iguais, semelhantes ou discrepantes das pertencentes a outros grupos. Já a geografia linguística e a dialetologia estão ligadas aos indivíduos, seus espaços e grupos de convívio, todos com seus léxicos particulares, que em uma miscelânea com o léxico de outros indivíduos, formam léxicos locais ou regionais, de acordo com o grupo que se analisa.

Muitas vezes depende de quem cria um léxico para que ele seja incorporado na fala de um grupo social, ou seja, a inovação na língua ganha um *status* favorável e torna-se comum com o decorrer do tempo se o grupo ou indivíduo que a criou tiver alguma influência ou “poder” na sociedade. Um léxico pode ainda desaparecer e se transformar, tanto morfológica como semanticamente. Não é uma criação fixa e imutável. Destaca, então, Coutinho (2005, p. 210) que “os vocábulos não desaparecem de um momento para o outro. Aliás, nenhum fenômeno linguístico surge ou desaparece repentinamente. Nos idiomas, as mutações são sempre demoradas [...]”.

Podemos perceber que um lexema criado há certo tempo pode ter apresentado suas modificações ao longo de sua formação histórica e que este, analisado diacronicamente, provavelmente tenha passado por alterações morfológicas e, conseqüentemente, semânticas.

Caso um Léxico ou Expressão Lexical tenha surgido em um grupo elitizado, com influência social, poder político e econômico, possivelmente terá menos dificuldades em ser aceito, enquanto que um outro que surge em um ambiente marginalizado ou discriminado poderá ter sua *permanência negada* pelos falantes “mais poderosos” (BAUER, 1989). Esta situação, porém, não é uma regra, pois temos percebido surgimento e desaparecimento de léxicos e expressões lexicais nas comunidades que falam a Língua Portuguesa, independentemente de status social.

3.1.1- O Léxico e a morfologia

Quando escrevo, repito o que já vivi antes.
E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente [...].(GUIMARÃES ROSA)

O léxico e a morfologia são praticamente indissociáveis. Quando Basílio (2004) questiona *Por que formamos palavras?*, seriam inúmeras as respostas que teríamos de imediato, enquanto pesquisadores da língua. Novas palavras são formadas pela dinamicidade presente nas línguas.

A formação de palavras acontece por meio de acréscimo de morfemas/afixos que na verdade devem “combinar” com as bases/radicais a que se adjungem, para que seja uma formação produtiva (BAUER, 1989).

Essa breve apresentação permite-nos passar ao próximo tópico, no qual falamos mais sobre a formação do léxico e, por consequência, da abrangência morfológica que faz parte da formação deste.

3.1.2- A formação do léxico

As novas formações lexicais, independente de quem as criou, geralmente obedece a certas regras de formação de palavras, incluindo a fixação de morfemas/afixos à base ou radical da nova palavra inventada.

Bauer (1989) considera que a formação de novas palavras ocorre através da *nonce-formation*²⁷, sendo que ela é caracterizada pela criação de novas formas para suprir uma necessidade na comunicação ou para denominar algo que ainda esteja sem nome. *Nonce-formations* podem ocorrer diversas vezes, em um grupo restrito ou mesmo se expandirem e se tornarem lexemas de uso comum.

Durante todo o processo pelo qual percorre um lexema ou expressão lexical até que seja aceito e se torne comum mediante os usuários da língua, os falantes fazem uso desses léxicos, sem perceberem, na maioria das vezes, passando de uma *nonce-formation* para a institucionalização do termo criado. Bauer (1989) salienta que inicialmente um nome tende a receber uma carga semântica maior, porém, com o passar do tempo, é bem provável que permaneça com apenas um significado. Um termo, ao ser lexicalizado, pode ser passível de análise dos morfemas ou não, ou seja, não há uma regra determinando que a divisão dos morfemas que constituem um léxico terá significação, ao passo que, juntos, esses morfemas apresentarão a significação do novo léxico.

Nem sempre esses novos lexemas são formados através de regras produtivas²⁸, em que os morfemas podem ser “desligados” da base/radical para uma análise de suas significações. A opacidade desses morfemas perante o novo léxico ou expressão lexical é o que ainda desassossega os estudiosos da linguística, pois, se um morfema não pudesse se juntar a outro para formar uma palavra, mas se por diversos motivos isso aconteceu, como explicar tal fato?

Não paramos para refletir sobre que estrutura nossa língua exige para formar novas palavras, porém sempre criamos novos termos, principalmente na fala.

²⁷ Bauer (1989) classifica *nonce-formation* como palavras inventadas pelos usuários de uma determinada língua, sendo essa denominação mantida até que aqueles que usam a língua não percebam tal invenção lexical como uma novidade linguística. *Nonce-formations* podem ou não serem utilizadas várias vezes, porém, quando isso acontece, o termo, segundo o autor, torna-se um lexema institucionalizado, podendo vir a ser lexicalizado.

²⁸ Regras produtivas referem-se àquelas que produzem um grande número de termos entendidos pelos usuários da língua (CRYSTAL, 1985).

Quase sempre fazemos uso automático das palavras, sem parar muito para pensar nelas. E não nos damos conta que muitas vezes estas unidades com que formamos enunciados não estavam disponíveis para uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente na hora em que a necessidade apareceu (BASÍLIO, 2004, p. 5).

Um dos motivos da riqueza da língua portuguesa está no que Basílio (2004) argumenta: sem intenção e vigilância, os usuários da língua, sendo considerados por gramáticos como competentes ou não, são donos de invenções que se tornam comuns para um grupo específico, ou estas criações se tornam comuns para mais de um grupo.

Definir com exatidão o que forma um léxico é muitas vezes extrínseco. Contudo, podemos dizer que os afixos, incluindo flexões e derivações, são responsáveis por formações dos léxicos. Não são disposições ao acaso, mas combinadas e ligadas às raízes.

3.2- EXPRESSÕES LEXICAIS

As expressões lexicais tendem a ser formações um pouco mais complexas que o léxico por si só. Envolvem um processo de formação em que é indispensável levar em consideração o campo semântico da *inovação linguística*.

Cada grupo de fala tem suas expressões específicas, podendo se expandir para outras comunidades linguísticas. Temos as expressões lexicais em ditados populares, expressões metafóricas e em outros contextos.

3.2.1- A contribuição semântica no campo lexical

[...] os artistas da língua também estão criando sempre termos e expressões novas, ou dando conotações novas a palavras já existentes. Assim, a criatividade humana em todos os domínios é a principal causa da expansão sempre crescente do sistema léxico da língua (BIDERMAN, 2001, p.213).

Ao dar origem a novas palavras, o falante de uma língua pode utilizá-las com uma significação, e ao ser disseminado um novo termo para a comunidade, ele pode modificar o seu significado e até mesmo “aproveitar” o nome criado para designar algo diferente do que era proposto inicialmente.

Biderman (2001, p. 179) assinala que,

ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica de sua língua, particularmente os indivíduos mais criativos e de maior competência linguística como os escritores e poetas.

As considerações de Biderman (2001) têm um certo grau de verdade, porém afirmar que somente a competência linguística determina que significado designar para cada termo não é cabível, pois qualquer usuário da língua pode muito bem fazer esse *jogo linguístico* sem que haja uma sofisticação ou esforço excessivo para isso. Geralmente, os escritores e poetas ficam mais receosos ao atribuir novos significados ao léxico ou a expressões lexicais, pois correm o risco de terem suas literaturas diminuídas pelos “excessos” cometidos, relacionados à inovação. Em contrapartida, podem tornar-se únicos e contribuintes para o enriquecimento da língua.

Nos exemplos que se seguem, temos léxicos de Guimarães Rosa, inovando o campo lexical através de suas ‘invenções’ e inovações lexicais:

Enchadaxim: composição de *enxada* + *espadachin*, referenciando o trabalhador rural.

Imitaricar: *imitar*, porém acrescida do sufixo – icar.

(Revista Veja, Junho 2001)

Veremos em seguida que toda a contextualização dos léxicos e expressões lexicais possibilita entender o que foi dito pelo falante, sem apelarmos para dicionários ou maiores explicações durante a comunicação.

Basílio (2004) afirma que os léxicos julgados como pejorativos são definidos em muitos casos pela estrutura morfológica dos lexemas, através da análise dos afixos que são colocados com o radical/base da palavra. Assim, fica a mercê da imaginação, criatividade e produtividade dos falantes a utilização do novo léxico e a atribuição de significados.

A palavra é uma incógnita a se desvendar, pelo fato das controvérsias no conceito e criação dela²⁹, com o campo semântico isto também ocorre, pois como precisar exatamente o que foi dito, como crer que nossa compreensão do que foi exposto é a mesma que o falante teve.

Como temos visto, com a evolução da língua, o Semântico, em alinhamento com o Morfológico, também sofre modificações, sendo que analisar a língua em uma perspectiva sincrônica nos privaria de um aprofundamento nos estudos linguísticos. A compreensão da evolução dos léxicos ao longo do tempo torna-se indispensável para o entendimento da estrutura interna do termo, de seu uso e sua significação.

Qual é, então, a relação entre morfologia e semântica? A morfologia, através dos morfemas, estabelece a significação das palavras, através dos afixos *colados* a elas. Os morfemas permitem uma compreensão mais acessível dos lexemas. À medida que outros morfemas (afixos)

²⁹ Os linguistas têm se perguntado ao longo do tempo como definir palavra. Conforme Biderman (2001), ela é a primeira a ser articulada, produzida em um discurso humano. A autora ainda comenta que alguns autores, como Bloomfield, lançam mão do termo palavra e conceituam-na entre morfema e forma livre mínima. Outros ignoram o termo palavra e analisam apenas os morfemas.

são adjungidos ao lexema inicial, a restrição no campo semântico é maior (ELSON e PICKET, 1973).

Uma palavra analisada sem se considerar seu significado torna-se apenas um emaranhado de letras, morfemas, sem uma definição específica. Por esse motivo é que se torna fundamental o triângulo Léxico, Morfologia e Semântica.

3.2.2- Léxico e Expressões Lexicais no contexto social.

Como já dito anteriormente, o léxico e as expressões lexicais fora de seus contextos de produção tornam-se meros coadjuvantes da língua. Notória é a importância tanto da morfologia quanto da semântica neste caso, mas o todo em que os léxicos se encontram é ainda mais importante.

O prestígio que a etimologia³⁰ tem perante a união do semântico-morfológico não é recente, sendo enriquecedor para os linguistas conhecer a origem de cada lexema e o caminho histórico pelo qual percorreu o léxico da língua. O próprio povo é responsável por recolocar as palavras em um contexto (ILARI,1999).

A seguir, apresentamos algumas expressões lexicais e léxicos presentes na comunidade de fala da Baixa. Nem todos os falantes utilizam os mesmos léxicos em seus enunciados, como em qualquer comunidade de fala, mas podemos perceber que as expressões empregadas enriquecem nossa língua mediante aspectos linguísticos e culturais.

³⁰ Etimologia, de acordo com Silveira Bueno (1992), trata-se de uma área da Linguística que estuda o vocábulo que dá origem a outros em relação ao significado.

Os itens lexicais “selecionados” pelos falantes desta e de qualquer outra localidade têm semântica e historicamente uma razão para serem escolhidos. Eles não são somente simples escolhas dos usuários do local, mas fazem parte de uma trajetória que a língua portuguesa tem percorrido ao longo do tempo.

3.3- ESCOLHAS E EXPRESSÕES LEXICAIS³¹

Bafejá

*Essa' qui é a vaca que foi... bafejá puquê era muito fri. (C01F)*³²

O léxico *bafejá* (constituído por *bafo* + *-ejar* ‘bafejar’), é um nome que recebe um sufixo (no caso, *-ejar*) para formar um verbo. Em Minas Gerais, usa-se mais o termo *baforar* que *bafejar*. Houaiss (2001) apresenta os significados ‘soprar’, ‘aquecer’, ‘aquecer com o bafo’, para este léxico.

O trecho deste enunciado nos remete à significação de *bafejar para aquecer aquele que sente frio*, no caso, o menino Jesus, aquecido por animais, como nos conta a colaboradora.

³¹ As vogais finais átonas /e/ e /o/ serão mantidas nas transcrições fonográficas, não sendo alteradas para, respectivamente, /í/ e /u/, pois falantes da língua portuguesa, em sua maioria, não preservam em suas falas os primeiros, e sim, os últimos.

³² As transcrições receberam referência com a letra C, indicando colaborador e um número, de acordo com a ordem da entrevista. Além disso, um F ou M, indicando sexo do entrevistado.

Barranco de água

Daí peguemo, tiremo ele lá...sentemo ele lá no barrenco... barranco do... de água lá... perto do rêgo...ele todo moiadim...aquela coisinha. (C04M)

Geralmente o léxico *barranco* é empregado quando relacionado à terra. Houaiss (2001) argumenta que este léxico tem origem controversa, pois sofreu latinização tardia (*barrancus*), sendo a sua base pré-românica. No campo semântico, o termo tem o significado de ‘ribanceira de um rio com margem íngreme ou alta’ (HOUAISS, 2001).

Batê caixa

Tem uns minino que ‘juda batê caixa. Já vai aprendeno... (C02M)

Essa escolha lexical, *batê caixa*, significa ‘tocar tambor’, ‘bater na caixa com o auxílio de um instrumento’. A *caixa*, além do significado mais comum que conhecemos (recipiente), que os romanos utilizavam para armazenar livros, e que tinha o formato cilíndrico, designa um instrumento musical pequeno coberto por membranas nas extremidades (HOUAISS, 2001).

Consideramos *batê caixa* uma escolha lexical, pois nenhum dos léxicos sozinho produz o sentido que toda a expressão produz. Na Folia de Reis, batem as caixas alguns dos participantes da folia, como uma forma de acompanhar os outros instrumentos que estão sendo tocados.

Como este bairro é conhecido pela tradição na Festa de Reis, *bater caixa* significa ‘tocar um instrumento musical durante o percurso dos participantes do giro da folia, e na festa’. *Bate caixa* aquele que faz parte de um grupo de tocadores, que acompanha com o instrumento similar ao tambor, a voz e os versos dos companheiros de folia.

A caixa é um instrumento mais pesado que o tambor, geralmente amarrado com cordas para que o seu batedor fique com as mãos livres para poder tocar.

Bestá

*Tem gente que num...num...num...num zela cum nada, né...do jeito que ele..que...que se **bestá** ele deita cus carçado no pé...tem gente que fais isso. (C04M)*

A palavra *bestá*, significando ‘bobo’ (nesse caso, *bestiá* nos remete a ‘ficar bobo’, ‘deixar quieto’, ‘não prestar atenção’) tornou-se um verbo composto por sufixação. Seguindo a “regra” de alguns processos de formação de palavras, *besta* recebeu o sufixo *-iar*, tornando-se um verbo, sofrendo uma redução, posteriormente, para *bestá* (HOUAISS, 2001).

Este verbo, *bestiar*, significa ‘dizer besteiras’, ‘tolicies’, ‘asneiras’, ‘praticar inconveniências’, ‘estar ocioso’ em Houaiss (2001), sendo de origem latina vulgar duvidosa. Nossa escolha lexical, *bestá*, significa *se bobear*, *se deixar*, neste contexto apresentado por nós, vindo de *bestar*, havendo um apagamento do *-r* final, que é um marcador de verbo no infinitivo.

Houaiss (2001) traz alguns significados para *besta*, como “que ou quem é ignorante ou pouco inteligente; burro, tolo”. O autor ainda afirma que a origem do léxico é no latim vulgar *bĕsta*, tendo sua primeira significação ‘animal feroz, agressivo’, que se manteve, semanticamente, nos dias atuais como a fêmea da espécie equina.

Caçano

*Quando num tem...o cara puzempu chega...aí fala...vô fazê uma festa?...vô..aí ele sai **caçano** os otos dois cumpanhero. (C02M)*

O léxico *caçano* (caçando) é uma derivação de *caçar*. *Caçar* originou-se do latim vulgar **captiare* (HOUAISS, 2001), vindo do latim clássico *capto*, significando apossar-se, apoderar-se, procurar.

Quando o colaborador menciona que *sai caçando os outros companheiros*, significa que sai à procura de outras pessoas que o acompanhem na realização da folia e da festa. Semanticamente, este verbo tem uso mais recorrente quando relacionado à captura de animais, diferente do que acontece neste trecho.

Capitão

No nosso tempo mesmo o capitão era o Clarindo, né [...] depois que passô pu Vardemar. (COIF)

Vemos atualmente, que *capitão* está ligado ao serviço militar, sendo aquele que comanda um exército ou um grupo de militares (HOUAISS, 2001). Na folia, o capitão também está à frente de um grupo, coordenando o mesmo para que tudo ocorra bem na comemoração. Vindo do latim tardio *capitānus*, o léxico sofreu algumas modificações ortográficas em sua formação histórica, até chegar à forma que conhecemos hoje.

Na língua portuguesa, o sufixo - *ão* tem como principal significação o aumentativo, seja referente à pejoratividade ou relacionado ao tamanho. Nesse caso, não há uma forma base de capitão (**capito*), sendo esse vocábulo passível de aumentativo e diminutivo (*capitãozinho*, *capitãozão*).

Trata-se então, de uma escolha lexical usada por grupos de foliões, para se referir ao comandante da Folia de Reis.

Carcunda

*Aque'as caxa de coro...né[...] na **carcunda** aqui duía mais tinha que carregá aquilo. (C04M)*

O léxico *carcunda* teve origem no quimbundo ('*kakunda*') (HOUAISS, 2001), designando uma parte das costas. Ferreira (1986) nos diz que *corcunda* surgiu da junção de *carcunda* com *corcova*.

O colaborador refere-se a *carcunda* como a parte superior das costas, perto do ombro, onde carregava a caixa da folia. Alguns significados ainda são relacionados a este léxico, como *corcunda* e *corcova*.

Não é, entretanto, um léxico comum para designar apenas o dorso de seres humanos, mas de animais como o camelo e o dromedário.

Casaréu

*Cêis pode í...e eu vô ficá aqui... na casa do fulano...um **casaréu**... mai' num tinha um cochão pá durmi. (C04M)*

Inicialmente, antes de analisar o lexema *casaréu*, é necessário mencionar o vocábulo *casarão*. Ambos são derivados de *casa*, tendo alguns falantes a impressão de se tratar de um léxico com mesma significação, porém, com sufixos diferentes.

Os dois léxicos remetem à ideia de casa grande, sendo o *casarão* um local considerado rico e o *casaréu* sendo mais humilde, sem conforto. Com a mesma derivação sufixal *-réu*, temos *mundaréu*, *fogaréu*, que nos remetem, na linguagem popular, a muito, a excesso, sendo que *casaréu* tem uma alteração apenas no conforto do local, e não no tamanho físico.

Chucutiá

*Briga... briga...briga... ma' num brigava nada...só memo pá luta memo...só pá... **chucutiá** e... só pá fazê farra pro povo...é...é uma aligria da fulia, né... (C04M)*

Com a origem em *chicotear* (*chicote* + *-ar*), o verbo originado de um nome significa ‘dar chicotadas’ e ‘bater com o chicote’, a fim de distrair as pessoas que assistem e participam da Folia, simbolizando a proteção à bandeira da Folia. O termo *chicote* tem origem duvidosa, talvez vindo do francês *chicot* (HOUAISS, 2001).

No enunciado do colaborador, o termo tem uma significação restringida para *agitar*, pois ninguém nem objeto algum é chicoteado. Há apenas o ato de ‘bater o chicote para fazer barulho’, em um tom de brincadeira. O ato de *chicotear* significa alegrar as pessoas e animar a Folia de Reis. Atualmente, esta prática já não é mais comum na Folia de Reis.

O verbo *chucutiá* possivelmente sofreu uma assimilação, pois *chi* passou a *chu*, assimilando o som de *i* com o segundo *u*. Este é também um termo voltado para uma ação que ocorria na Folia de Reis, entre os palhaços de folia, que na verdade, tinham a função de alegrar a festa e a caminhada dos foliões.

Coisera

*Não...que saía muita coisa, né... **coisera**...a não... e levava aqui tudo e ó...tudo...tudo baum...tudo in farra, né. (C04M)*

Tanto *coisa* como *trem* são bastante comuns no dialeto mineiro (e em outras regiões brasileiras, como Goiás e Tocantins) para designar vários fatos, objetos ou situações. Peguemos o primeiro (*coisa*), para uma análise inicial: *coisa*, dando origem através de derivação sufixal a

outra palavra, *coisera* (coiseira). Ambas com significações abrangentes, porém, a última restringindo mais o campo semântico do léxico de origem. Contamos em nossa língua com diversos termos oriundos de *coisa* (*coisinha*, *coisíssima*, *coisar*, *coisona*). Neste caso, *coisa* + *eira* se refere a uma grande quantidade de coisa, tais como os diversos acontecimentos ligados à Folia de Reis.

Houaiss (2001) inicia sua significação em relação a *coisa* como ‘tudo que pode existir’, mostrando que até mesmo ele, enquanto lexicógrafo, não encontrou uma definição mais restrita para *coisa*, e nem mesmo para seus derivados.

O vocábulo *coisa* surgiu no latim, como *causa* ou *caussa*, posteriormente sendo *cousa*, *coisa*, não alterando, porém, seu campo semântico. O colaborador refere-se a *coisera* como o número de acontecimentos que havia na folia, exaltando esse número de episódios por meio da palavra *coisera*.

Condefé

Ela divagarzim vai pegano,vai pegano...tá lá ajudano a batê. Condefé aprende, né. A caxa do mesmo jeito. (C04M)

A expressão lexical *condefé* (uma modificação da forma *quando é fé*) é mais empregada entre os mais velhos, principalmente nas áreas rurais, mas comum também em outros diversos grupos linguísticos, devido ao contato que os falantes de diferentes comunidades estabelecem. A expressão tem uma significação de tempo (*quando dei por fé*, significando *quando percebi*).

Nessa expressão, se separássemos todas as palavras que a constituem, não conseguiríamos abranger a significação que a mesma tem ao ser empregada como uma expressão única, pois não acolheria o sentido real transmitido pelo falante do local pesquisado.

Jensen (1944) trata esse tipo de composição, como *condefé*, de composição endocêntrica, em que há um núcleo básico na expressão, que atribui o significado da mesma. A expressão, como um todo, designa, que, quando menos se espera, aprende a bater a caixa, a tocar um instrumento.

Podemos supor que a estrutura básica originária seja “quando der por fé”, em que “dar por fé” quer dizer “dar atenção”, “dar crédito a algo”. Então, “quando for dar crédito a algo, esse algo já aconteceu”.

Cundução

*Mais cê p'icisa vê o tanto de gente...ali no...naquele mata-burro que entra pra cá a puliça não dexava descê mais **cundução**. (C02M)*

Nesta passagem é empregado o léxico *cundução*, de origem latina, *conductio*, *ōnis*, significando ‘meio de transporte’. Na maioria das vezes, ele é terrestre (carro, carroça), remetendo-nos ao ‘ato de levar ou trazer’, no sentido de ‘ser conduzido por alguém ou utilizar certo transporte’ (HOUAISS, 2001). Em 1660, *cundução* passou a ter o significado de ‘direção’, ampliando assim seu campo de atuação semântica.

Neste contexto que apresentamos, *cundução* designa meio de transporte, em especial os carros, que estavam, pela grande quantidade de automóveis já existentes naquele local, impossibilitados de trafegar na área.

Giro

*Antigamente, a folia saía dia vinte e cinco, ela num vortava, ela posava... aonde que ela fazia o **giro**...ela... ela ficava e hoje o... a condução já leva...trais. (C02M)*

Girar originou-se do latim *gyrare* (HOUAISS, 2001). Este léxico tem o significado de ‘fazer andar ao redor, obrigar a descrever um círculo; dar voltas; ir ao redor de’. Ao dizer que a folia *fazia o giro*, o entrevistado diz que ela andava nas fazendas ao redor do local de onde saiu, dando voltas nos lugares onde os foliões eram recebidos.

Mata-burro

Mais cê p'icisa vê o tanto de gente...ali no...naquele mata-burro que entra pra cá a puliça não dexava descê mais condução. (C02M)

O termo *mata-burro* é comum nas localidades rurais e interioranas. De origem brasileira e provavelmente rural, faz referência a um ‘fosso construído para evitar a passagem de animais’ (HOUAISS, 2001), principalmente os maiores.

O léxico *mata-burro* designa uma passagem, em local em que não há a possibilidade de transitar animais que tenham patas como as dos equinos e bovinos (animais quadrúpedes), pois eles não conseguem passar sem que se firam ou até morram.

De acordo com o colaborador, o *mata-burro* é uma espécie de ponte que está dividindo limites espaciais no local mencionado por ele. Trata-se de uma ponte feita com madeira, com largura menor que um palmo, sendo esta colocada a uma distância que caiba um pouco mais que uma pata de animal quadrúpede.

Munição

Aí foi aonde tem essa fulia puquê...aí a cumitiva dele pidia cumida...pidia as coisa... puque a munição que e'is levô cabô...aí é aonde eles bate de porta in porta pidino e festéja. (C01F)

O vocábulo *munição* (*munir* + *-ção*), no qual um verbo recebe um sufixo formador de nomes, teve sua origem no latim (*munitio*). Segundo Houaiss (2001) designa ‘qualquer objeto empregado para defesa e proteção de algo ou alguém contra prejuízos’.

Esse léxico sofreu uma ampliação em seu campo semântico, em que *munição* faz referência a alimento e elementos essenciais para a sobrevivência. A *munição*, em ambos os sentidos, tem o significado de ‘proteção’, de ‘garantir sobrevivência’, sendo que, no contexto apresentado pela colaboradora, foge da significação de armamento de guerras, abordando o sentido de falta de comida para conseguir manter-se vivo.

Pastorava

O anjo Gabriel...o primero...condo Jesus naceu o primero que ficô sabeno foi os treis pastor que pastorava o gado...que é ...pastorava as ovelhinha. (C01F)

O léxico *pastorava* não é comumente empregado na atualidade. Para alguns, é um léxico desconhecido. O vocábulo é formado pela derivação sufixal de *pastor-* + *-ava*, em que *pastor* tem sua origem no latim (*pastore*). Ferreira (2004) menciona que o significado desse termo está relacionado a guardador de gado, mas vemos que a colaboradora estende esta significação para as ovelhas também, dando-nos a abrangência de que qualquer animal que vive no campo é pastorado, o que não acontecia com esse significado anteriormente.

O vocábulo *pastorar* significa também ‘vigiar’, ‘cuidar de animais no campo’. Em algumas localidades, este léxico é empregado quando se trata de olhar atentamente pessoas que precisam de maiores cuidados, principalmente crianças e idosos.

Perna Pura

*Não...num tinha...num tinha condução não mi'a fia...isso aí é no...na... na **perna pura**. A vêis tava chuvengo...saía...(C04M)*

A expressão lexical *perna pura* designa e dá ênfase ao andar a pé, não contando com nenhuma meio de se deslocar que não seja as próprias pernas.

O colaborador talvez tenha preferido enfatizar o andar, não colocando apenas *a pé*, pois, *perna pura*, neste sentido aqui empregado, mostra o desgaste da atividade de caminhar, juntamente às condições climáticas e de locomoção desfavoráveis em que todos se encontravam durante o trajeto realizado neste período da folia.

O léxico *pura* enfatiza a ação, dando a ideia de sozinha, ou seja, somente as pernas contribuía para que se chegasse aos locais pretendidos.

Pinguela

*A vêis cê num vê...num vê a situação da... daquele caminho...daquela **pinguela** que tá ali procê atravessá...ela tá podre.(C04M)*

Termo de origem duvidosa (HOUAISS, 2001), *pinguela* possibilitou o surgimento de novos léxicos, como *pinguelear*. Neste caso, o colaborador se refere à *pinguela* como ponte feita com um único pedaço de pau.

O léxico *pinguela* está relacionado a *pingar*, originário do latim vulgar (*pendicāre*), significando ‘estar suspenso’, ‘pendurado’.

A expressão *atravessar a pinguela* seria, então, percorrer um caminho através de uma ponte, construída com um único pau, que está em condições precárias. Assim, o sentido de

suspensão e pendurado, ou seja, de *pingar*, relaciona-se com o fato de que aquele que atravessa a pinguela está percorrendo um caminho com apenas um pau que lhe assegure passagem, correndo riscos de se machucar ou de cair.

Pititim

Os minino meu era porcaria, era pititim. (C02F)

O lexema *pititim* deriva-se do diminutivo de *pequeno*: *pequeninho*. Este vocábulo tem origem no latim vulgar (HOUAISS, 2001). A aproximação entre os fonemas sonoros /k/ e /t/ ocasionou essa variação, já que a etimologia da palavra *pequeninho* não nos mostra proximidade ou relação entre *pequeninho* e *pititim*.

Ao realizar uma linha histórica deste vocábulo, temos: *pequeninho* > *pequenim* > *pititim*. Quando a colaboradora diz que os filhos eram *pititim*, quer dizer que os mesmos ainda eram crianças com pouca idade.

Salientamos que o falar mineiro tem a tendência de colocar diversos nomes no diminutivo e, além disso, reduzir *nho* a *im*, sendo um traço marcante da fala do local. Isto ocorre em *pititim*, havendo uma redução dos fonemas e variação deles. O léxico empregado pela colaboradora parece ressaltar ainda mais o tamanho ‘pequeno’ das crianças, inclusive quando levamos em conta a ênfase na fala da colaboradora.

Pontiado

Quem sabia tocá demais tocava...parece que vem até... os pontiado de violão...os instrumento tudo...certim né...ele cantano junto com a gente assim,né...então... tudo é uma recordação. (C04M)

Ferreira (2004) apresenta diversos significados para *pontear* (*pontiado*= *ponte* + - *ado*), dentre eles, o citado pelo entrevistado: disposição dos dedos ao tocar instrumentos musicais de corda, assim como o violão. Percebemos, portanto, que é um léxico menos familiar para muitos, mas bem recorrente para os que acompanham a folia e as festas religiosas, pelo fato de terem mais contato com instrumentos musicais de corda.

O verbo *pontear*, ao passar pela sufixação e formar *ponteadado*, muda sua classe gramatical para um nome.

Posava

*Antigamente, a folia saía dia vinte e cinco, ela num voltava, ela **posava**... aonde que ela fazia o giro...ela... ela ficava e hoje o... a condução já leva...trais. (C02M)*

Em Houaiss (2001), a etimologia do verbo *posar* (no caso, *posava* é empregado aqui no pretérito) é de origem francesa, surgindo no século X a palavra *poser* ‘depositar, colocar’. Já no século XII significava também ‘fixar’, ‘estabelecer’ e no século XIX ampliou seu campo semântico, significando ainda ‘ficar imóvel’. Do baixo latim surge *pausore* ‘cessar’, ‘interromper’, ‘descansar’, sendo esta última definição a mais pertinente para designar o uso da escolha lexical feita pelo colaborador.

O léxico *posar* (*posava*) recebe o sentido de dormir, passar a noite em um local em que a folia visitou, sem retornar para casa.

Prantado

*De veis in quando muda...pra otra... otra localidade... de festa né...então é mudado... é mudado...hoje não...hoje é **prantado**, **prantado** ali...né. Onde tem o rancho da festa... (C04M)*

O colaborador emprega *prantado* (plantado) em seu enunciado para se referir ao rancho onde ocorre a folia, dizendo que ele é ‘plantado’, ‘fixo’, ‘que fica somente naquele lugar’, ou ainda, que a festa acontece somente no ‘local estabelecido’. A ampliação semântica é notória, visto que empregamos *plantado* para vegetais ou até pessoas (em um sentido conotativo), ao dizermos que alguém está imóvel, parado em um lugar.

O léxico *plantado* é derivado de *plantar*, com significações, segundo Houaiss (2001), de ‘introdução de sementes no solo’, colocar algo em algum lugar’, como no sentido visto acima no enunciado a que nos referimos, além da significação de ‘construir’, no sentido figurado.

O léxico *plantar* teve sua origem no latim (*planto*), sofrendo algumas alterações durante sua formação histórica.

Rebocava

Semp’ tinha umas rosinha nas tuaia, né...era de flor...flor memo de papel...chuvia aquilo rebocava tudo...tanto na tuaia cumo na camisa...tudo...virava um trem isquisito. (C04M)

O vocábulo *rebocar*, originado no português (HOUAISS, 2001), designa ‘revestir parede com massa e reboco’. Já *reboco* se trata, segundo Ferreira (1986, p. 1458), de “argamassa de cal, ou de cimento, e areia, que se aplica a uma parede, [...] para lhe proporcionar uma superfície lisa e uniforme, apta a receber pintura ou outro material de revestimento”. O vocábulo está especificando uma superfície limpa que foi manchada ou suja por tinta.

Ferreira (1986, p. 1458), traz *rebocado* como “excessiva ou imperfeitamente maquilado”, havendo uma ligação com o sentido empregado pelo colaborador: a maquiagem, no caso a tinta que sai dos papéis molhados, faz um revestimento colorido em uma superfície sem manchas.

No aspecto semântico, o vocábulo aumentou suas significações, sendo que não se relaciona totalmente com o vocábulo “original” que é trazido pelos dicionários e suas definições apresentadas.

Tambor

*O rancho ali...o rancho ali tem de tudo...prato, panela, tacho...tem tudo...[...]marca de muê carne, marca de ralá fruta...tem tudo...tacho de ferro...tacho de alumino...**Tambor** de alumino pá pô carne...tem tudo. (C02M)*

De origem árabe, *tambor* (‘at-tanbūr) teve o significado modificado ao longo de sua formação histórica, pois se referia a ‘guitarra’ inicialmente. Por influência persa, passou a ter os significados que conhecemos hoje.

O termo sofreu um aumento em seu campo lexical, pois além de instrumento musical, é utilizado ao nos referirmos a recipientes diversos, porém em formato cilíndrico ou feitos de metal.

Em alguns momentos, os colaboradores usam vasilha e vasilhame para designar recipiente, mas quando se trata daqueles em que armazenam os alimentos da folia de reis, utilizam tambor. Ao mesmo tempo, o instrumento cilíndrico que utilizam na festa e nos “giros” é denominado por eles de caixa. Vemos, então, além da ampliação do vocábulo, uma seleção feita por um grupo social para nomear objetos de acordo com a situação, material com que é fabricado e sua utilidade.

Tocô

Seu avô também tocô ela muitas ano...seu..não... cumé que é... tataravô[...] nem sei que que é seu...bisavô...(C01F)

Pretérito do verbo *tocar*, *tocou* (*tocô*), no contexto acima, significa ‘estar à frente’, ‘comandar a folia’. Houaiss (2001) apresenta algumas definições para esse termo: ‘colocar a mão em algo ou alguém’, ‘mexer’, cujos significados não estão inseridos no contexto semântico anterior. Podemos, entretanto, perceber que ao dar a definição referente a ‘tocar animais’, o sentido é semelhante ao usado pela entrevistada, designando movimento, ou seja, fazendo algo para que a festa ocorresse.

O termo *tocô* tem origem onomatopaica, surgindo no latim vulgar **toccare* no século XIII, primeiramente como *tocon* e somente no século XV teve sua forma ortográfica como *tocar* (HOUAISS, 2001).

Tranco

Num tinha tanto véi não como hoje não... que é só veio, né...não...pur isso qui ‘guentava...’guentava o tranco mesmo...’guentava chuva... (C04M)

Houaiss (2001) apresenta *tranco* (neste caso um nome e não o verbo ‘trancar’= fechar) como ‘solavanco’, ‘tombo provocado e forçado’, ‘empurrão’. O significado que faz parte do enunciado do colaborador relaciona-se com ‘aguentar os obstáculos da situação difícil’ (HOUAISS, 2001), ‘passar por dificuldades’, ou seja, aguentava o *tranco* aquele que suportava os abalos do clima, da precariedade de comida e agasalhos durante o giro da folia de Reis.

Neste contexto, o colaborador comenta que quando ele era jovem e seguia a folia, os seus companheiros também eram moços, capazes de suportar as adversidades, o *tranco*.

A expressão *aguentar o tranco* significa ‘superar os obstáculos e imprevistos’. Houaiss (2001) aponta que *tranco* é uma modificação do termo *tranca*, sendo que este provavelmente seja de origem provençal pré-romana, que designava ‘choque’, ‘batida’, tendo estreita relação com o *tranco* visto neste contexto apresentado pelo colaborador.

Trem

Você já ouviu falá no tal de paiáço... de fulia?...É um cara que vistia de paiáço, né...vistia uma...uma masc'a horrívi, né...na cabeça da pessoa cê oiava aquei' trem...cê num cunhecia a pessoa. (C04M)

Inicialmente, o léxico *trem* surgiu na língua inglesa (‘train’), com o significado de ‘conjunto de vagões acrescido da locomotiva que os puxa’ (HOUAISS, 2001).

Nos estados de Minas Gerais, Goiás e Tocantins, a palavra passou a ter significações mais amplas, chegando a fazer referência àquilo que se queria enfatizar, sendo concreto ou abstrato, real ou não. A palavra *trem* pode significar um alimento, uma pessoa, um animal ou uma situação. O que lhe dá significação é o contexto da conversação, pois quando se diz *trem*, tanto falante quanto ouvinte sabem do que ou de quem se trata.

No caso deste enunciado, *trem* tem a significação de ‘algo estranho, assustador, que não é comum’. Na região de Minas Gerais, como um todo, pode significar, conforme demonstra Houaiss (2001), ‘notícia’, ‘mal físico’, ‘agrado’. Trata-se de um léxico sem restrições semânticas, pois, por fazer parte de um sistema aberto, é quase impossível a delimitação de significados.

3.4- CONSIDERAÇÕES SOBRE O LÉXICO E AS EXPRESSÕES LEXICAIS

Como pudemos notar, o léxico e as expressões lexicais criados e inseridos em um campo morfológico e semântico enriquecem qualquer língua. Torna-se imprescindível e indispensável questionarmos sobre algo que parece ser tão simples e ao mesmo tempo, no decorrer de nossos apontamentos, notamos ser tão complexo.

Quando há intenção de formar e fazer surgir um novo léxico ou expressão lexical? Essas invenções e inovações linguísticas têm “respeitado”, em sua maioria, as regras de formação de palavras da Língua Portuguesa, ou ficam a critério do falante/ouvinte/escritor determinar sua formação e significação?

Mesmo que os apontamentos dos autores de diversas épocas da história da Linguística sejam divergentes a respeito do Léxico, a grande maioria concorda que a riqueza que este campo da linguística acarreta para a língua e sua complexidade são difíceis de mensurar. Não poderíamos nos perguntar quantos léxicos ou expressões lexicais são formados diariamente, quais seus sentidos, nem se resistirão intactos ao tempo, pois todos esses fatores dependem dos usuários de uma língua. Enquanto a língua for exaustivamente “testada” pelos seus falantes, não há como quantificar o que é produzido, o que é produtivo ou futuramente será descartado dos processos linguísticos.

Podemos afirmar que um povo ou uma comunidade torna-se *rico* quando percebe sua influência incalculável perante a língua, e não quando contamos quantos sabem respeitar a norma culta ou apenas estabelecer uma conexão coerente entre regras morfológicas e o campo semântico utilizado pelas palavras. São acontecimentos naturais que tornam a língua imprevisível e sempre

em movimento. O Léxico é um dos grandes contribuintes para as “novidades” apresentadas pela língua, sendo essencial a sua exploração e estudo na área Linguística.

Outro fator que influencia para que ocorram mudanças nas línguas, além das escolhas lexicais, são os processos fonológicos. As variações possivelmente surgirão antes das mudanças. Vemos no capítulo seguinte, no qual tratamos dos processos fonológicos, o quanto um grupo de fala, independentemente do número de pessoas que o compõe, acrescenta novidades ou retoma particularidades na língua, através de variações fonológicas. Estas variações são comuns nas línguas, sendo algumas mais recorrentes em uma que em outra, mas os processos, isto é, as variações fonológicas, estão presentes em todos os falares, como constatamos neste próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

PROCESSOS FONOLÓGICOS

Neste capítulo tratamos dos Processos Fonológicos na Língua Portuguesa. Justificamos a inserção desse tema em nosso trabalho porque sabemos que, ao conhecer mais sobre estes processos, entendemos melhor os estudos de LH. Remontamos, através de recortes sincrônicos de nossos dados, uma diacronia destes dados na língua portuguesa. Além disso, este material serve como um guia para leitores e estudiosos da área, iniciantes ou não no assunto, pois possivelmente sanará dúvidas daqueles que lêem trabalhos na área da linguística.

A junção do estudo destes processos fonológicos com a LH possibilita-nos ter uma visão mais ampliada da língua ou de um dialeto e de suas origens. Percebemos que o que alguns consideram “errado” tem uma explicação na LH, pelo fato de se tratar de uma variação da língua, como é o caso do processo de monotongação que abordamos com mais afinco no próximo capítulo.

4.1- OS PROCESSOS FONOLÓGICOS RECORRENTES NA COMUNIDADE DE FALA DA BAIXA.

Antes de tratarmos dos processos fonológicos que consideramos relevantes apresentar para que haja um maior entendimento não só do nosso trabalho, mas da linguística, em especial da fonologia, é preciso afirmar que há sempre questionamentos envolvendo a fonética e a fonologia. Dessa forma, visando responder de forma geral a esses questionamentos, refletimos sobre o que

consideramos ser um processo fonético e um processo fonológico. Assim, apontamos características de cada um desses processos, bem como suas respectivas considerações.

Enquanto a fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas, a fonologia irá estudar os sons do ponto de vista funcional como elementos que integram um sistema linguístico determinado. Assim, à fonética cabe descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. À fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, que se vinculam a diferenças de significação, estabelecer como se relacionam entre si os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases. A fonética se distingue, pois, da fonologia pelo fato de considerar os sons independentemente de suas oposições paradigmáticas – aquelas cuja presença ou ausência importa em mudança de significação [...] – e de suas combinações sintagmáticas, ou seja, os seus arranjos e disposições lineares no contínuo sonoro (CALLOU e LEITE, 2009, p.11).

Baseados na citação anterior, percebemos que a fonética e a fonologia têm uma relação bem estreita na linguística. A fonética preocupa-se em estudar a produção dos sons, do ponto de vista articulatorio, enquanto a fonologia estuda os traços distintivos, a junção dos fonemas para formar os vocábulos. A fonética, então, lida com todos os sons.

Trabalhamos com a fonética e com a fonologia nesta pesquisa. Empregamos a fonética em recortes diacrônicos, já que, como estuda as entidades físico-articulatórias, ela volta-se para a produção do som sem se preocupar com as mudanças e variações na língua. A fonologia recebe uma atenção sincrônica, pois em cada momento da língua pode haver uma realização diferente de um vocábulo. Portanto, trabalhamos pancronicamente nesta dissertação, já que por meio das transcrições fonéticas analisamos um vocábulo e por meio da transcrição fonológica, suas variações no dialeto em questão.

A produção fonética ocorre, passando a ser uma produção fonológica, ou seja, um som é produzido, sendo inicialmente um processo fonético, e passa por variações, originando diversos sons a partir do som inicial, resultando no processo fonológico. O modo de perceber um som e suas alterações é o que leva a língua a apresentar mudanças na fala, pois a incapacidade do ser

humano de produzir os mesmos sons sempre da mesma forma, resulta nas variações e/ou mudanças que ocorrem em uma língua.

Salientamos que o estudo fonológico acaba sendo um trabalho mais generalista, visto que necessitamos analisar um determinado *corpus* com a consciência de que novidades linguísticas, conservações e, acima de tudo, a diversidade de sons é o que enriquece a pesquisa e individualiza cada estudo.

Coutinho (2005) apresenta três leis fonéticas que buscam explicar o porquê de certas ocorrências acontecerem, que acabam ocasionando mudanças nas línguas: “lei do menor esforço”, “lei da permanência da consoante inicial” e “lei da persistência da sílaba tônica”.

A primeira lei, bastante discutida entre estudiosos da linguística, por apresentar dezenas de divergência de opiniões, estabelece que esta “se exerce no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação das palavras” (COUTINHO, 2005, p. 137). Afirmamos que a economia linguística não é uma redução de esforços ao produzir os sons, mas sim, que se trata de uma redução do que não é distintivo no som produzido³³.

Até que ponto seria menor esforço a variação de *quanto é > conté*³⁴? Houve uma redução morfológica, com a formação de uma palavra³⁵ fonológica, sendo mais complexa a elaboração de um novo vocábulo que conta com a mudança do *qua* para *co*. Ocorreu a monotongação no vocábulo, mas ao mesmo tempo um arranjo para que o novo fone que preencheria o espaço dos dois outros ([o] ou [u] substituindo [ua]) fosse compreensível durante o processo de comunicação.

³³ Contribuição do Professor Sebastião Elias MILANI (comunicação pessoal).

³⁴ Os exemplos deste capítulo, que mostram a variação do português, referentes a processos fonológicos, ilustrando nossas explicações teóricas, são retirados de nosso *corpus* de pesquisa, sendo vistos como variações, ou até mesmo conservação, na Língua Portuguesa, a partir de uma forma “estabelecida” pelo conservadorismo.

³⁵ Oscilaremos entre as nomenclaturas *vocábulo* e *palavra* para que a leitura de nosso texto não seja repetitiva, mas tendo como respaldo o conceito de vocábulo apresentado em Camara Jr (1971).

Uma redução na quantidade de fones não significa uma busca por menor esforço, mas deve-se levar em questão fatores que possam ter contribuído para este acontecimento, como situação de produção da fala, os vocábulos que antecedem ou vem após o vocábulo em questão.

O exemplo *no 'Sinhora* ilustra o que dissemos anteriormente. Essa ilustração assenta-se no fato de *sinhora* contar com um fonema inicial [si] semelhante ao fonema final [sa], de *nossa*, a eliminação dele é facilitada no primeiro vocábulo da expressão, que é *Nossa*, já que há uma “complementação do mesmo som” quando vistos os dois vocábulos morfológicos juntos, formando um processo fonológico denominado *sândi*.

Quanto à *lei da permanência da consoante inicial*, temos visto quedas ou abrandamento dos segmentos consonantais finais ou no meio de vocábulos, mas bem menos frequente no início de palavras, tanto na transição do Latim para o Português quanto dentro das variações do português brasileiro.

(1) *católica* > *catóica*

[kə'tɔ:líkə] > [kə'tɔ':kə]

(2) *acostumar* > *custumá*

[əqoʃtu:'maɾ] > [qoʃtu'ma:]

Nas situações anteriores, houve em *catóica* uma queda no meio da palavra do fonema /l/, sendo que em *custumá*, uma queda do segmento vocálico inicial /a/ e do consonantal final /r/. Esta última ocorrência (queda da consoante final /r/) é comum nos verbos no infinitivo no Português do Brasil, quando se trata da fala. O segmento consonantal inicial de (1) permaneceu, enquanto o final de (2) foi apagado. “Enquanto as *médias* e *finais* (consoantes) estão sujeitas a

frequentes sonorizações ou quedas, as *iniciais* passam integralmente ao português, com raras exceções” (COUTINHO, 2005, p. 135).

Na transição do Latim para o Português e até dentre as variações do Português, em nossos dados, a passagem de *qualquer* > *carqué* ~ *corqué* sofre uma sonorização do primeiro segmento consonantal, mostrando que pode ser rara uma variação fonológica como *carqué* em nossa língua, mas ela é possível.

Aí tem ambulância, carqué coisa aí a aimbulância leva p'a cidade né, mais hospital mesmo nu tem não.

Agora corqué pessoa tem um carro, né? Naquele tempo era difícil dimais.

Revisitamos a *lei da persistência da sílaba tônica* em diversos estágios de nossos estudos. As sílabas de um vocábulo podem ser apagadas, estando no início, no meio ou no fim dele. Porém, a sílaba tônica é respeitada devido a uma hierarquia que dificulta a sua queda. “No meio das transformações e quedas dos fonemas, foi o acento tônico que guardou a unidade da palavra, ameaçada de perecer” (COUTINHO, 2005, p. 138). A sílaba tônica do vocábulo dá uma garantia a mais da continuidade do vocábulo em uma língua.

Entretanto, isto não quer dizer que a sílaba tônica não passe por variações/mudanças. Exemplos como *condo* (*quando* > *condo*) e *conto* (*quanto* > *conto*) mostram que a sílaba tônica do vocábulo não tende a desaparecer, mesmo que passe por algumas alterações. Discutimos mais sobre este caso nesta dissertação no próximo capítulo.

Qual seria a resposta ou justificativa para a ocorrência de inúmeros fenômenos fonológicos em uma mesma língua? Neste estudo, vemos que a origem do falar deste grupo não interfere nas ocorrências linguísticas que analisamos, pois fatores linguísticos, como o contato entre falantes, são os que promovem as variações.

Sabemos da impossibilidade de listarmos todos os fenômenos fonológicos existentes na Língua Portuguesa, mas nosso intuito é, neste momento, realizar um estudo fonológico, recorrendo ao estudo linguístico histórico de outros autores e inserindo exemplos de nossa pesquisa.³⁶

A abrangência do termo *processo fonológico* tem suas divisões em Carvalho e Nascimento (1970), sendo sub-classificado em Processos Fonológicos por aumento, supressão, transposição e transformação, denominados por Coutinho (2005), respectivamente, de aumento, subtração, transposição e permuta. Não concordamos, como Carvalho e Nascimento (1970) concordam, que os processos fonológicos sejam apenas alterações fonológicas que surgiram na transição do Latim para o Português. A morfologia, a semântica e a fonologia também explicam muito sobre estes fenômenos e são partes da Linguística fundamentais para que entendamos os processos fonológicos. Trabalhamos, contudo, com as alterações fonológicas que estão presentes na Língua Portuguesa, a fim de percebermos que tanto comparações entre várias línguas como entre elementos da mesma língua são possivelmente realizáveis.

Em uma pesquisa voltada para a Linguística Histórica, apresentar a influência do Latim na Língua Portuguesa é válido para entendermos as variações em nossa língua, que podem ou não culminar em mudanças. Crowley (2003) oferece seus exemplos em outras línguas que não o Latim, tais como as línguas australianas, dando-nos uma noção de que tais fenômenos, citados a seguir, são recorrentes em quaisquer línguas, mas que em cada língua estes processos fonológicos possuem peculiaridades.

³⁶ Recorremos principalmente a Carvalho e Nascimento (1970), Crowley (2003), Campbell (2004) e Coutinho (2005), por considerarmos obras mais completas que fazem referência a fenômenos fonológicos, com o intuito de auxiliar aqueles que buscam conhecer um pouco mais sobre a fonética e fonologia da Língua Portuguesa.

4.2- PROCESSOS FONOLÓGICOS POR ADIÇÃO³⁷

Nesta seção, tratamos de mudanças fonológicas ocorridas na Língua Portuguesa, as quais receberam a adição de uma carga fonêmica na fala, ocasionando ou não alteração na escrita. Observamos que em nossa pesquisa sobre a monotongação de *au* e *ua* > *o* ~ *u* houve uma redução sonora, caso oposto a estes que apresentamos a seguir.

4.2.1- Prótese

Quando ocorre a *Prótese*, o vocábulo recebe um som em seu início. Nos exemplos a seguir, temos a mudança da língua latina para a Língua Portuguesa (*spiritu* > *espírito*; *scola* > *escola*). Para Campbell (2004), estes vocábulos se encaixam no caso em que, no século II, na língua latina, as palavras que iniciavam com *s* acompanhadas de plosivas, ganhavam um *i* na fala. A Língua Portuguesa herdou do latim este fonema inicial, seja em /e/ ou em /i/.

Em nosso *corpus* temos os seguintes casos de *Prótese*:

(1) *antes* > *inhantis*

[ˈã:tʃɪs] > [iˈnã:tʃɪs]

(2) *reformou* > *arreformô*

[ʁefoʁˈmou:] > [ərefoʁˈmo:]

³⁷ Utilizamos a nomenclatura *Adição de som*, dada por Crowley (2003).

4.2.2- Epêntese

Quando um fonema surge no interior da palavra, denominamos este processo fonológico de *Epêntese*. Na definição de Crowley (2003), a adição de fonemas se restringe aos segmentos vocálicos, apenas, no meio dos vocábulos, separando um segmento consonantal de outro, da seguinte maneira: CCV > CVCV.

Já no exemplo que temos, da transição do Latim para a Língua Portuguesa, há o acréscimo de um segmento consonantal *r* no meio do vocábulo (*stella* > *estrela*). Dos nossos dados, temos algumas ocorrências como:

(1) *ignorou* > *inguinorô*

[iʝ̃no'rou:] > [iʝ̃no'ro:]

(2) *pegrino* > *pelengrinu*

[pe'gri:ɲu] > [pe'ẽ'gri:ɲu]

4.2.3- Paragoge

A *Paragoge* é caracterizada pela inserção de um fone no final de um vocábulo. Devemos estar atentos para o fato de que uma derivação sufixal, neste caso, não se enquadra na *paragoge*, assim como uma derivação prefixal não deve sempre ser vista como *prótese*.

(1) *talvez* > *tauveizi*

[tɐ^{wl}ves:] > [tɐ^{wl}ve^j:zɪ]

4.3- PROCESSOS FONOLÓGICOS POR SUPRESSÃO

A denominação *supressão* já indica que houve perda de fonemas nos vocábulos deste grupo específico de fenômenos fonológicos. Como no grupo de processos fonológicos por aumento, o que se altera é a posição em que ocorre a variação linguística.

Crowley (2003) denomina estes casos de fenômenos fonológicos de *Lenition* e *Fortition*, que significam, respectivamente, o enfraquecimento e o fortalecimento de certos fonemas, sendo responsáveis também pelo acréscimo ou queda de fonemas nos vocábulos.

4.3.1- Síncope

A *síncope* é o apagamento de um fonema inserido no meio de um vocábulo (*legale* > *leal*³⁸; *malu* > *mau*). O fonema apagado pode tanto ser um segmento vocálico como um consonantal. Tal processo fonológico originou-se no Latim Vulgar e permanece nas Línguas Românicas (CAMPBELL, 2004). Em nossos dados também é recorrente tal processo, como se vê adiante:

³⁸ Neste exemplo, o apagamento foi no meio do vocábulo e no final, havendo, além da *síncope*, a *apócope*.

(1) *quinhentos* > *quinhes*

[kĩˈnẽ:tʊs] > [kĩˈnẽs:]

(2) *córrego* > *corgu*

['kɔ:χeɾɐ] > ['kɔ:ɾɐ]

4.3.2- Haplologia

Um fenômeno fonológico menos frequente é a *haplologia*, que se trata da *síncope*. Ocorre o apagamento da primeira sílaba de duas sílabas que são semelhantes foneticamente, como em *bondadoso* > *bondoso*; *formicicida* > *formicida*.

Com apenas uma situação de *haplologia* nos dados de nossa pesquisa, temos *prósta*, para *próstata*, em que havendo duas sílabas iguais, uma após a outra, o falante tende a eliminar uma delas, sendo possivelmente por uma comodidade fonética ou uma tentativa de “correção” quanto à reduplicação silábica.

(1) *próstata* > *prósta*

['pɾɔs:tətə] > ['pɾɔs:tə]

4.3.3- Apócope

Quando um fonema final de um vocábulo é eliminado, damos o nome a este processo fonológico de *apócope*. Geralmente, o *apócope* ocorre nos vocábulos em segmentos vocálicos finais (CAMPBELL, 2004). A Língua Portuguesa conta com poucas palavras finalizadas em segmentos consonantais, se não considerarmos os verbos no infinitivo³⁹ ou vocábulos no plural, sendo que o apagamento final de segmentos vocálicos funciona também como uma forma de arranjo entre a palavra que perdeu seu segmento vocálico final e a palavra posterior (*mare > mar; male > mal*).

Dentre os dados que obtivemos, estão:

(1) *capaz > capá*

[kɐ'pa:s:] > [kɐ'pa:]

(2) *presépio > presépi*

[pre'zɛ:pjʊ] > [pre'zɛ:pi]

³⁹ Inclusive o /r/ final dos verbos no infinitivo vem apresentando queda na fala e, por consequência, em alguns momentos da escrita.

4.3.4- Crase

Quando no percurso das línguas há a queda de um fonema e dois segmentos vocálicos iguais ficam juntos, um se unindo ao outro, ocorre a *crase*. Em nossos dados, este processo fonológico foi identificado.

(1) *alcoólica* > *arcóica*

[aʊ'qɔ:lɪkə] > [aɾ'qɔ'kə]

No Latim, temos exemplos tais como:

pede > *pee* > *pé*;

nudu > *nuu* > *nu*.

4.3.5- Sinalefa

A *sinalefa* corresponde a um tipo de *crase* no qual o segmento vocálico final da primeira palavra se junta ao segmento vocálico inicial da seguinte, formando uma palavra fonológica a partir de duas morfológicas⁴⁰, como encontrada nos dados a seguir.

outra + *hora* > *outrora*⁴¹

⁴⁰ A *sinalefa* não deve ser confundida com o fenômeno fonológico *Sândi*, que se trata da junção de duas ou mais palavras morfológicas para formar uma palavra fonológica apenas.

⁴¹ Neste caso, o grafema *h* não tem som, equivalendo a vogal *o* ao som inicial na segunda palavra morfológica.

de + intro > dentro

Já em nossos dados, temos como ocorrências deste processo:

(1) *não é > né*

[¹ɲãw ε:] > [¹ɲε:]

4.4- PROCESSOS FONOLÓGICOS POR TRANSPOSIÇÃO

Com frequência, dependendo da situação de fala em que o indivíduo se encontra, a realização de transposição de fonemas em um vocábulo é comum, inclusive ocorrendo com aqueles que “monitoram” suas falas com maior rigor. “Os metaplasmos por transposição podem se dar por deslocação de **fonema** ou de **acento tônico** da palavra” (CARVALHO e NASCIMENTO, 1970, p. 37).

4.4.1- Metátese

A *metátese* é percebida quando um fonema muda de lugar dentro de uma mesma sílaba (*pro > por; inter > entre*). Em nosso *corpus* de pesquisa, esta troca geralmente é mais recorrente com o fonema /r/. Crowley (2003) denomina tal fenômeno fonológico de incomum, pois não há

um acréscimo nem uma perda fonêmica, mas uma mudança na localização dos fonemas, que estão inseridos em uma estrutura vocabular. Em nosso *corpus* temos:

(1) *agradece* > *agardece*

[əgrɐ'ɖɛ:sɪ] > [əgɐr'ɖɛ:sɪ]

(2) *pergunta* > *prigunta* (*pirguntô*)⁴²

[per'gũ:tə] > [prɪ'gũ:tə]

4.5- PROCESSOS FONOLÓGICOS POR TRANSFORMAÇÃO

Os processos fonológicos por Transformação consistem em mudanças e/ou alterações de fonemas inseridos em um mesmo vocábulo. Não dizemos que estes processos fonológicos são mais recorrentes ou mais importantes que os outros apresentados, mas que suas transições do Latim para a Língua Portuguesa são mais facilmente perceptíveis. Vejamos a seguir casos de processos fonológicos por Transformação e seus respectivos exemplos.

⁴² Há casos em que não ocorre a metátese, considerando o mesmo vocábulo. Algumas vezes o colaborador utiliza a forma sofrendo a metátese e em outros momentos não.

4.5.1-Vocalização

O fenômeno da *Vocalização* se trata da mudança de um segmento consonantal para um vocálico, como ocorre em alguns vocábulos na transição do Latim para a Língua Portuguesa: *nocte* > *noite*; *multu* > *muito*. Isto também percebemos em nossos dados:

(1) *desde* > *deu'de* (deusde; deisde)

[ˈd̥es:d̥e] > [ˈd̥eu:d̥ɪ]

4.5.2- Nasalização

Quando o vocábulo perde um fonema oral, recebendo em seu lugar um nasal, este processo é denominado de *nasalização*. A nasalização não precisa necessariamente ocorrer no final de palavras. No Latim, temos algumas ocorrências em final de vocábulos, como em *nec* > *nem* e *bonu* > *bom*. Já em nosso *corpus* temos:

(1) *pelegrino* > *pelingrino* ~ *pelengrino*

[peleˈgri:n̩u] > [peɫĩˈgri:n̩u] ~ [peɫẽˈgri:n̩u]

(2) *evoluiu* > *involuiu*

[evoluˈiʷ] > [ĩvoɫuˈiʷ]

4.5.3- Desnasalização

A perda da nasalidade é chamada de *Desnasalização*. O som nasal sofre uma modificação que resulta na queda da nasalidade. Assim, vemos, vindo do Latim, *bona* > *bõa* > *boa*; *luna* > *lua* > *lua*. Em ambos os casos há uma desnasalização. Em nossos dados, o apagamento da consoante nasal no final do vocábulo, quando a sílaba que tem a nasalidade não é a tônica, ocorre nos exemplos (1) e (2), a seguir. O primeiro exemplo faz parte também do processo fonológico descrito e analisado no capítulo seguinte: o processo de monotongação *au* > *o*, com a perda da nasalidade no final do vocábulo, em que a palavra paroxítona, na língua portuguesa, tende a terminar com vogais.

(1) *deram* > *dero*

[¹d̥ɛ:rã^w] > [d̥ɛ:rʊ]

(2) *sacanagem* > *sacanagi*

[səkɐ¹ɲa:ʒẽ^j] > [səkɐ¹ɲa:ʒɪ]

Os verbos na terceira pessoa do plural, assim como em *deram*, têm seus finais nasalizados. A tendência é que a nasalidade em fim de sílaba e no final de palavras desapareça, sendo substituída por [o], ocorrendo então uma apócope no final do vocábulo.

Houve anteriormente a passagem de *au*, que representa o segmento nasal, para *o* (na fala com o som de *u*). Os verbos de terceira pessoa tendem a sofrer essa mudança na fala, perdendo a nasalidade.

Tanto *deram* quanto *sacanagem* são diferentes dos exemplos do latim *bona e luna*, pois se tratam de uma ocorrência de nasalização e, posteriormente, desnasalização no final dos vocábulos. Optamos por citar todos estes casos, a fim de mostrarmos ao leitor as duas situações.

4.5.4- Assimilação⁴³

A *Assimilação* vem a ser um processo fonológico no qual os fonemas se arranjam no vocábulo, a fim de que haja uma semelhança ou identificação entre fonemas inseridos no mesmo vocábulo. Os motivos pelos quais ocorre este fenômeno são diversos, seja para a facilitação na fala, seja por desconhecimento da pronúncia de algum dos fonemas, ocorrendo assim uma adaptação linguística. A *assimilação* é um dos fenômenos fonológicos mais comuns que ocorre nas línguas (CROWLEY, 2003).

Não acontece somente uma tentativa de aproximação de sons nos vocábulos, mas sim, diversas formas de assimilação ou aproximação dos sons (CAMPBELL, 2004), sejam estas parciais, quando tal fenômeno ocorre, mas não ficam com os sons idênticos entre si, sejam elas totais, quando os sons dos vocábulos têm uma semelhança maior, chegando a ser idênticos ou muito semelhantes.

Na transição do Latim para o Português temos:

⁴³ Câmara JR (1971) já nos alerta sobre o risco que corremos em generalizar como *Analogia* os fenômenos fonológicos para os quais desconhecemos o nome ou o percurso histórico-linguístico. Neste momento, *Assimilação* e *Analogia* passam por uma mesma definição, se tivermos como base para esta Câmara Jr (1971). Para afirmarmos que realmente um vocábulo passou pelo processo de *assimilação*, torna-se necessário conhecer sua história, assim como suas variações linguísticas. Carvalho e Nascimento (1970) apresentam quatro ramificações dentro do fenômeno da *assimilação*: total, parcial, progressiva, regressiva. Tratamos, porém, somente da *assimilação* de uma forma mais abrangente, pois na realidade este fenômeno não é o foco de nossos estudos linguísticos no momento.

lacte > *laite* > *leite*

nostro > *nosso*

Em nossos dados temos como exemplo de assimilação:

(1) *condução* > *cundução*

[qõdu¹sãw:] > [qudu¹sãw:]

Neste caso, há a assimilação de *o* na antepenúltima sílaba com o *u* da penúltima sílaba, havendo assim a semelhança fonética realizada por meio da assimilação.

4.5.5- Palatalização

A *Palatalização* é decorrente da mudança de um ou mais fonemas, passando a um fonema palatal, sendo recorrente no dialeto que pesquisamos. Acompanhamos a palatalização em /j/ (*vinea* > *vinha*), /j/ (*invidia* > *inveja*), /ʃ/ (*clave* > *chave*) e /ʎ/ (*oculo* > *olho*).

Em nossos dados, vemos:

(1) *capim* > *capinho*

[kɐ'pĩ:] > [kɐ'pi:ɲu]

4.5.6- Ditongação ou alargamento

O processo de *Ditongação* envolve mais do que apenas o acréscimo de um segmento vocálico. “É a passagem de um hiato ou de uma vogal a ditongo” (CARVALHO e NASCIMENTO, p. 41, 1970), visto que os processos de *Ditongação* geralmente são descritos por meio de mais variações, pois um segmento vocálico ou um hiato, possivelmente, não passou de um estágio para outro sem estágios intermediários. A ditongação dá origem ao processo de monotongação, sendo um processo comum apenas nas línguas ibéricas⁴⁴. No Latim temos alguns casos como:

malo > *mao* > *mau*

arena > *area* > *areia*

Em nosso *corpus* temos casos como:

(1) *capaz* > *capais*

[kɐ'pas:] > [kɐ'pa'is:]

(2) *arroz* > *arrois*

[ɐ'χos:] > [ɐ'χo'is:]

⁴⁴ Contribuição dada pelo Prof. Dr. Seung Hwa LEE (comunicação pessoal).

4.5.7- Rotacismo

Campbell (2004) apresenta o *rotacismo* como sendo um processo fonológico em que caracteriza uma mudança de /s/ > /r/. Na Língua Portuguesa é mais comum encontrarmos o rotacismo na mudança do /l/ > /r/. Recorremos aos nossos dados para exemplificarmos tal processo fonológico:

(1) *explicar* > *ixpricá*

[esplɨ'kaɾ:] > [ɨsprɨ'ka:]

(2) *canavial* > *canaviar*

[kənɐvi'a^w] > [kənɐvi'aɾ]

4.5.8- Monotongação ou redução

A *Monotongação* é um processo de redução de um ditongo para um segmento vocálico⁴⁵.

Vale observar o percurso da mudança do Latim para o Português, envolvendo a *monotongação*.

fructu > *fruito* > *fruto*

lucta > *luita* > *luta*

⁴⁵ Exploramos no próximo capítulo o que consideramos sobre monotongação e ditongo.

Em nossos dados, a monotongação é comum, sendo inclusive tema de nossa discussão no próximo capítulo:

(1) *descendência* > *descendença*

[d̥esẽ¹d̥ẽ:s¹ə] > [d̥esẽ¹d̥ẽ:sə]

(2) *alumínio* > *alumino*

[ɐ̃lũ¹mi:n̥¹ũ] > [ɐ̃lũ¹mi:nũ]

Dentre todos os fenômenos fonológicos apresentados e ilustrados, determinamos que este seria selecionado e detalhado, enquanto tema central de nossa pesquisa e análise dos dados coletados na Baixa. Aprofundamos o estudo sobre este processo fonológico ao passarmos para o próximo capítulo, para referenciar o processo fonológico da Monotongação.

CAPÍTULO 5

O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO

Os processos fonológicos por supressão, dentre eles a monotongação, não significam apenas economia linguística ou preguiça por parte dos falantes. Há mais pontos a serem considerados sobre este processo, que atualmente têm chamado a atenção dos linguistas e estudiosos da área. Fizemos um estudo sobre este processo fonológico em um grupo de fala mineiro, para podermos realizar nossos apontamentos e análises a respeito do ditongo *au* e *ua* que se tornam monotongos em *u* ou *o*.

5.1- O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE *AU* E *UA* > *O* ~ *U*⁴⁶

Como vimos no capítulo anterior, os processos fonológicos são diversificados e, ao mesmo tempo, explicam muito de uma língua ou de uma comunidade de fala. No processo fonológico por supressão, encontra-se a monotongação, que se trata de uma redução de um ditongo para um monotongo, ou seja, dois segmentos vocálicos sofrem uma variação e passam a ser um segmento apenas. Diversos são os casos de monotongação vistos na Língua Portuguesa. Entretanto, focaremos nossa atenção nas reduções vocálicas.

⁴⁶ Tratamos da variação no som de *au* e *ua* > *o* ~ *u*, e não desta variação na escrita.

Consideramos este processo de monotongação, frisando mais uma vez, como uma variação, visto que ainda há a oscilação, por exemplo, entre *saudade* e *sodade*. Não é um processo que ocasionou em uma mudança linguística.

Para chegarmos à decisão final do processo fonológico escolhido para ser pesquisado, procuramos conhecer detalhadamente o nosso *corpus*, para verificarmos o que mais nos chamava atenção nestes nossos dados. Inicialmente, em um primeiro projeto, trabalharíamos com a supressão vocálica postônica, situação em que também ocorre uma monotongação, como nos exemplos destacados a seguir.

*Intão tem a fazenda que chama os Quartel...é onde qu'es arruma o quartel p'as **puliça**...e que aqui tinha izistia três painera muito bunita...intão os pulicial deu baxa...*

*Mi'a...mi'a irmã ganhô o permero fí cum partera. O p'mero eim. O p'mero que é **difiço**. O pemero e o sigundo parece que é tudo igual, mai' depois a gente já acostuma, sabe...a dor...mai' o primero é pior que ninguém sabe nada.*

Com uma análise mais minuciosa, notamos que palavras ou expressões com formação *quan* tornavam-se *con* em léxicos como os apresentados abaixo.

*Sempre ocê alembra que o que aconteceu **condo** aconteceu com o fulano, sempre um amigo da gente, aconteceu c'o fulano. (quando > condo)*

***Inconto** eu pude eu ajudei a fazê a cumida, que saía surtiado né, mais a festa passô. Era... de primeiro era no sortei' mes', aí foi pra... passô assim né. (enquanto > inconto)*

*Aquela bate pandero, bate caxa, **corqué** coisa. É...até cavaquinho ela já dá conta ... de batê o cavaquinho. (qualquer > corqué)*

***Contas** ora? (quantas > contas)*

Percebemos, no entanto, que este processo fonológico não era comum apenas nos casos vistos anteriormente, mas envolvia os ditongos *au* e *ua*, como mostramos a seguir.

Fizero tipo ãa... um luxo de churrasco, de restaurante né.

Contudo, notamos ao longo de nossa pesquisa que os ditongos *au* e *ua* não sofriam uma variação para *o* em todos os casos, pois em alguns momentos não houve variação e em outros, sim. Na verdade, não encontramos uma regra única que coubesse a variação *au* e *ua* > *o* ~ *u*. Tratamos esta ocorrência linguística por monotongação, mas havendo uma ressalva de que o fenômeno fonológico com o qual trabalhamos não aborda todas as monotongações existentes e observadas em nosso *corpus*, mas dos casos em que os segmentos vocálicos *au* e *ua* passam a *o* ou passam a *u*, em contextos orais ou nasais.

Propusemos duas perguntas de pesquisa: *Por que e em que circunstâncias há a variação de au e de ua para o ou u, em contextos orais ou nasais?*, buscando no *corpus* e na literatura respaldos e possíveis respostas para estes questionamentos, recorrendo à Linguística Histórica, entendendo como se deu em outros tempos e como tem ocorrido este fenômeno.

Até que ponto a não escolaridade, o acesso à comunicação ou a faixa etária de um indivíduo determina as ocorrências fonológicas? Com base na Linguística Histórica, este fenômeno pode ser considerado cíclico ou espiral no percurso da Língua Portuguesa? A tonicidade influencia neste processo fonológico?

Respondemos estas perguntas no decorrer de nossa dissertação, propondo ainda outros questionamentos para possíveis estudos futuros. Isto não significa que todas estas sejam perguntas de pesquisa, mas são consequência das duas primeiras perguntas que nos propomos a

responder, que são “*Por que e em que circunstâncias há a variação de **au** e de **ua** para **o** ou **u**, em contextos orais ou nasais?*”.

5.2- DE DITONGO A MONOTONGO: PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE AU E UA > O ~ U

Após o início de nossa pesquisa linguística, abordando a monotongação, demos maior atenção à variação de *au* e *ua* > *o* ~ *u*. A ocorrência deste processo fonológico se dá no vocábulo independentemente do lugar que ele ocupa na frase, tanto em expressões lexicais como em léxicos “livres”, isto é, sozinhos, como em *colidade* e *restorante*. Consideramos que a língua tem regras e que estas fazem com que seja possível ou não a ocorrência do processo fonológico que estudamos.

Esta variação não tem se mantido constante na Língua Portuguesa, havendo uma oscilação entre a forma que hoje consideramos um processo fonológico e aquela considerada correta pelas normas de uso da língua. Assim, em alguns momentos encontramos a forma original do vocábulo e em outros a forma já modificada.

A variação ou não dos ditongos *au* e *ua* não ocorre devido ao fator ambiguidade, como constatamos. Grande parte dos vocábulos que foram monotongados não gerou ambiguidade, mas o falante, na verdade, orienta-se pelo contexto da conversação, e não por vocábulos isolados. Mesmo que fosse produzida uma forma semelhante à outra já existente, não haveria um confronto semântico, pois ocorreria a contextualização linguística.

Em França (2004), há uma menção de Oiticica (1924), de que na fala há ditongação e hiatização dos vocábulos. Caso nossos dados que têm o ditongo *au* e *ua* fossem facilmente hiatizados na fala, seria mais rara a ocorrência da monotongação. Ao testar nossos dados, vimos que realmente eles permanecem como ditongos na fala, o que nos leva à recorrência da monotongação de *au* e *ua* > *o* ~ *u*.

Em nossa pesquisa, a tonicidade interfere no processo de variação de ditongo para monotongo, mas em outros casos de monotongação pode não ser um aspecto linguístico determinante.

Através de uma busca em Ferreira (1986), vimos que os vocábulos que apresentam variação de *au* > *o* ~ *u*, quando *au* se encontra em sílabas átonas, são provenientes do latim (*aumenta*, *auxílio*, *não*, *saudade*) e quando não o são têm suas origens em línguas que surgiram a partir do latim. Dentre estas línguas está o francês (*restaurant*). Como a variação que estamos pesquisando era comum no latim, sendo a língua portuguesa originada a partir dele, vemos que a variação é conservada em nossa língua, não sendo, por enquanto, um traço permanente, mas presente.

Vinda do Latim Vulgar para a Língua Portuguesa, nesta variação houve “[...] redução dos ditongos e hiatos a simples vogais: *plostrum* (*plaustrum*), *orum* (*aurum*), *preda* (*praeda*), *paredes* (*parietes*), *quetus* (*quietus*), *dodece* (*duodecim*), *cortem* (*cohortem*), *battalia* (*battualia*), *prendere* (*prehendere*), *febrarius* (*februarius*)” (COUTINHO, 2005, p. 32), o que explica a origem da variação linguística que estudamos.

Pensamos na denominação cíclica ou espiral para este fenômeno. Seria ele cíclico, sendo um processo fonológico da língua, que ora aparece com a forma ditongada *au* e *ua*, ora com a forma monotongada *o* ou *u*, oscilando conforme a situação linguística. Se pensarmos na denominação espiral, seria um movimento que não retorna ao seu ponto de origem, ou seja, ele

teve uma forma em um dado momento na história da língua, havendo variações até que chegássemos às formas vistas hoje, o que não ocorre com os dados que temos nossa pesquisa.

Com as pesquisas voltadas para a Linguística Histórica, assumimos que se trata de um fenômeno cíclico, que tem permanecido na língua desde a transição do latim clássico para o vulgar, não havendo queda do processo, mas momentos de ascensão de uma forma ou de outra. A variação ocorre em um ponto da língua e depois retorna em outros instantes a este mesmo ponto, mostrando que os processos linguísticos não deixam de existir, mas são momentaneamente substituídos uns pelos outros.

Nunes (1980) comenta que sendo átono ou tônico, o ditongo *au* geralmente é visto com a forma *ou*, mas este processo não é mais visto no Português. A mudança do latim para a Língua Portuguesa ocorre somente nas sílabas tônicas. Vejamos os exemplos a seguir.

auru-, *ouro*, *tauru-*, *touro*, *mauru-*, *mouro*, *causa-*, *cousa*, *raucu-*, *rouco*, *cautu-*, *Couto*, *paucu-*, *pouco*, *lauru-*, *louro*, *thesauru-*, *tesouro*, *audio*, *ouço* etc., [...] **ausare* (por *audere*), *ousar*, *autumnu-*, *outono*, *audire*, *ouvir*, *clausura*, *chousura* (*arc.*), *laurariu*, *loureiro*, *pausare*, *pousar*, *lauretu-*, *Louredo* etc. (NUNES, 1980, p. 76).

Em nossos dados, também encontramos esta variação tanto nas sílabas tônicas quanto nas átonas, mas envolvendo apenas *o*, e não *ou*. Teoricamente, houve a seguinte passagem: *au* > *ou* > *o* ~ *u*. Ao recorrermos a um exemplo de Nunes (1980), percebemos a mudança *thesauru* > *tesouro* > *tesoro*, mas não há oscilação entre *o* e *u* em *tesoro*. As formas ditongadas *au* e *ua* passam a monotongadas *o* ou *u* em nossa pesquisa.

Qual seria, então, uma outra explicação para a ocorrência deste processo fonológico apresentado por Nunes (1980)? Na verdade, *au* passa a *ou*, que posteriormente tem uma supressão do segmento vocálico de menos saliência, no caso *u*, permanecendo apenas o segmento

vocálico *o*. Os vocábulos monossílabos tendem a conservar *au* e *ua* como única forma, isto é, sem variações, mas elas ainda existem. A seguir, há exemplos de conservação:

Doce de leite, doce de mamão, doce de pau de mamão, doce de cidra, doce de mamão in pedacim, doce de goiaba.

O vocábulo monossílabo conta com a variação de *au* > *o*, como em *sinau au menu* > *sinau o menu* e em expressões como *cainu aus pedaço* > *cainu us pedaço*. Exceto em nasalidade como *não*, temos a mudança para [ˈnũ:], mantendo a nasalidade. Nossas observações são confirmadas, sendo possível a ocorrência da mudança *au* > *o*, em sílabas tônicas, sendo a nasalidade sobreposta a todas as outras regras fonéticas. Posteriormente, estudamos este caso. O mesmo não ocorre em [ˈmã:w], sendo /nãw/ realmente uma exceção neste processo fonológico.

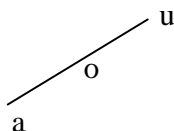
Com a origem no Latim, presentes na Língua Inglesa, vocábulos escritos com *au*, e que tenderiam a ser pronunciados como na escrita, são pronunciados [ɔ], como em *August* [ˈɔ:gʊst], o nome próprio *Austin* [ˈɔs:tɪn] e *autumn* [ˈɔ:tʌm]. Todos têm /au/ com som de [ɔ] tônico aberto. Mencionamos tais ocorrências na língua inglesa por acharmos oportuno ilustrar nossa pesquisa com vocábulos de outras línguas. No vocábulo *restaurant*, do Italiano, ocorreu a mudança de *au* > *o*. Isto já nos dá sinais de confirmação de que realmente é um fenômeno comum em línguas como o inglês, o francês e o italiano, independentemente da origem que elas têm, assim como afirmam os autores por nós citados, pois a variação ocorreu em outras línguas, principalmente nas românicas, e não somente no Português.

Podemos considerar este fenômeno como um processo de variação na língua, pois em momentos monitorados ou não, ele está presente. Quando o vocábulo é pronunciado

isoladamente, em grande parte dos momentos, não é produzido com a variação, e com isso podemos dizer que toda a atenção de uma “produção correta” está voltada unicamente para ele. Percebemos ora a produção do processo fonológico, ora a sua não-produção, em um mesmo vocábulo, no mesmo momento de comunicação, como acontece a seguir.

E aquele do...e assim... e aquele do...quando... Quando eu era... quando eu era...condeu tinha... quando eu tinha doze, treze ano, eu arrumei ãa namoradinha, intão pelejei pra casá cum ela.

Ambos os processos de formação do ditongo *au* e *ua* contam com a passagem do som pelo *o*. No ditongo *au*, há um alçamento, levando em consideração o sistema triangular da produção de sons. Há também que se considerar a “queda” na produção do ditongo *ua*, modificando-se e passando a *o*. O esquema que se segue nos mostrará mais claramente essa rápida ou permanente passagem do *a* pelo *o* até chegar ao *u*, e de *u* passando a *a*, mas também tendo contato com *o*.



Ditongo *au* > segmento vocálico *o*

Ditongo *ua* > segmento vocálico *o*

Esta produção não se trata de uma economia linguística nem assimilação do falante, mas de uma acomodação fonética, em que *a* é assimilado pelo *u*, resultando em *o*. Assim, há uma assimilação de traços do *a* e do *u*, variando para *o*. O falante produz *o* ao invés de *au* e *ua*, já que o segmento vocálico *o* encontra-se em um estágio intermediário, não sendo necessário, no primeiro caso, que atinja o *u* e, no segundo caso, que “desça” até o *a*.

Campbell (2004) comenta sobre a direcionalidade das mudanças em se tratando de línguas. Assim, uma mudança tende a ocorrer em uma direção e não em outra. Podemos salientar

que *au* e *ua* não tendem a mudar para *i*, mas para *o* e *ou*. Ainda temos que considerar que nesse processo fonológico tanto $A > B$, assim como $A, B > A$ ou B são recorrentes, ou seja, uma forma *A* passa a uma forma *B* ou formas *A* e *B* existem ao mesmo tempo, até que apenas uma delas prevaleça. Vemos, então, que o segmento vocálico *a* é assimilado pelo segmento vocálico *o* e este *o* assimila o segmento *u*. Em nossa pesquisa, podemos apresentar a seguinte estrutura para estas mudanças na língua:

$$A/B > A \text{ ou } B$$

Em nossa pesquisa, as formas *A* e *B* ocorrem simultaneamente, mas em determinado momento, uma das duas formas deixará de ser empregada, caindo, portanto, em desuso.

Temos a tendência em escolher os sons que aparecem mais (CAMPBELL, 2004), ou seja, aqueles que são mais arredondados. Nas línguas e, por consequência, na comunidade de fala estudada, tende-se a evitar dois segmentos vocálicos ou dois segmentos consonantais juntos, ocorrendo possivelmente o apagamento de uma das vogais, formando um ditongo ou criando outra vogal. Em nosso estudo, consideramos primeiramente a formação de um ditongo e por último a criação de outra vogal, através da variação linguística.

*O cavalo saiu correno, pulano, correno, pulano e **inconto** o gai' de ispin num saiu dibaxo do rabo dele, ele num parô de pulá.*

*Aquela bate pandero, bate caxa, **corqué** coisa.*

Pelos exemplos dados anteriormente, percebemos que o falante em nossa pesquisa dá mais ênfase quando diz *enconto* do que quando diz *enquanto*. A ideia de economia linguística

será colocada em questão, mas, na verdade, é falsa, pois há uma elaboração maior na produção de um novo som para um léxico, ao invés de manter o som já existente, mesmo que a palavra fique mais curta.

Os colaboradores empregam ora a forma que sofreu o fenômeno fonológico e ora a forma original, pois a palavra que variou não está cristalizada, nem sofreu uma variação regular dos ditongos *au* e *ua*, fazendo com que a oscilação entre a forma original e a que foi modificada ocorra. Não se trata de uma questão de escolaridade, como já colocamos, mas se trata de uma comunidade linguística que tende a produzir tal processo fonológico, não sendo também a única, quando se trata de fenômenos da Língua Portuguesa⁴⁷, particularmente a falada no Brasil.

As análises que realizamos mostram esta tendência na fala à mudança de *au* e *ua* para *o*. Isto se explica também pelo fato de que “na linguagem popular o –a, oral ou nasal, que se segue à semivogal, assimila-se a esta, reduzindo-se depois as duas a uma só” (NUNES, 1980, p. 99).

Na fala, em diversos momentos, passa-nos despercebido o processo pesquisado, visto que os limites entre a forma original, a “intermediária”, que é aquela que apresenta as transições através da ocorrência do processo fonológico, e a forma que sofreu variação, são estreitos. Podemos nos perguntar se a tendência, neste caso, é que *au* e *ua* se tornem *o*, independentemente da situação. Assumimos que não. Temos diversos fatores a se considerar: momento e contexto discursivo, tonicidade, ritmo, sílaba, os quais aprofundamos mais ao tratarmos de cada situação de processo fonológico, com seus respectivos exemplos.

⁴⁷ Outros estados e dialetos brasileiros convivem com este processo fonológico, não sendo este uma peculiaridade do local pesquisado. Regiões nordestinas e o estado de Goiás são exemplos de locais que apresentam este fenômeno.

5.3- O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE $AU > O \sim U$

Assim haviam permutado com outras e até desaparecido muitas vogais que já de sua natureza soavam fracamente, isto é, em cuja pronúncia a voz se detinha a metade de tempo que noutras, porquanto, sendo o acento a princípio, segundo parece, de intensidade, o esforço maior com que era proferida a sílaba inicial de qualquer vocábulo devia naturalmente fazer que as seguintes fossem pronunciadas com força muito menor, por assim dizer, quase de raspão, de modo que as suas vogais chegavam ao ouvido muito atenuadas, quase inaudíveis, sobretudo quando as precediam fonemas que podiam encostar-se aos que vinham logo atrás deles ou elas próprias impediam a formação de grupos consonânticos (*lau(i)tus, cau(i)tus, ul(u)lus, dex(i)ter, inf(e)ra, sup(e)ra*, etc.). Às reduções a vogais, que tinham sofrido os ditongos *ai, ei, oi, eu, ou*, ajuntavam-se ainda as dos *ae* e *oe* em *e* e **também de *au* em *o* em muitos casos (grifo nosso)** (cf. *coda, lótus, Clodius*, etc. ao lado de *cauda, lautus, Claudius*, etc.) (NUNES, 1980, p. 6-7).

No Latim Vulgar, a variação de *au > o* ocorreu nas classes sociais consideradas inferiores. Esta variação foi sendo empregada pelas outras pessoas por motivos políticos, para que os governantes estivessem mais próximos do povo, usando a fala da plebe, para conseguirem ser aceitos pelas pessoas (ILARI, 2006). Sabemos que hoje esta variação se deve a fatores de produção do som, sem muitas vezes os falantes se darem conta desta modificação.

Trata-se, então, de um processo cíclico da língua, visto que já foi anteriormente produzido, modificado e que agora retorna ao ponto original, ininterruptamente, no percurso linguístico do português. Estudamos, a seguir, casos de *au > o* vistos em nosso *corpus* e analisamos cada um destes, levantando as possíveis hipóteses para estas ocorrências.

5.3.1- Variação de *au* > *o* ~ *u* em sílabas postônicas finais

Como exemplos de mudança de *au* > *o* ~ *u* em sílabas postônicas finais temos todos os verbos na terceira pessoa do plural, no pretérito perfeito do indicativo. Não foram encontradas exceções. Os verbos nesta situação representam na fala um ditongo nasal, mas na Língua Portuguesa, de acordo com Camara Jr. (1971), não existem vogais nasais. O que marca a nasalidade é o arquifonema /N/ no fim do vocábulo, como se ficasse /*derauN*/ para *deram* e /*falarauN*/ para *falaram*.

Nos verbos no presente do indicativo e no pretérito imperfeito, este processo de assimilação não ocorre, não havendo, então, a monotongação no final do verbo. Se considerarmos os verbos *falar* e *amar*, em *falam* e *amam*, não temos a variação para *falo* e *amo*, nem para *falavam* e *amavam*, não vemos a pronúncia de *falavo* e *amavo*. Todos estes exemplos possuem a mesma condição de produção, mas nem todos passam pela monotongação do ditongo nasal final.

Todas as produções de /*ãwĩ* > /*u*/, isto é, *-am* [ãwĩ] passa a [u]. A seguir, temos exemplos de como ocorreu esta variação, visto que é uma tendência do português, neste caso, a assimilação no final de vocábulos.

Foram > *foro*

Deram > *dero*

Mataram > *mataro*

Cantaram > *cantaro*

Puseram > *pusero*

Falaram > *falaro*

Pegaram > *pegaro*

Mudaram > mudaro
Cortaram > cortaro
Vieram > viero
Morreram > morrero
Pararam > pararo
Voltaram > voltaro
Asfaltaram > asfaltaro
Desmancharam > desmancharo
Começaram > começaro
Esparramaram > esparramaro
Apropriaram > apropriaro
Colocaram > colocaro
Reposaram > reposaro
Esqueceram > esquecero
Conseguiram > conseguiro
Cancelaram > cancelaro
Diminuíram > diminuíro

Esta variação fonológica de /ãw/ para /u/ dos verbos no pretérito perfeito aparece constantemente na Língua Portuguesa e reforça a nossa proposta de que a variação de *au* e *ua* > *o* ~ *u* pode ser uma tendência na língua, considerando os aspectos linguísticos apresentados neste trabalho.

Como uma curiosidade e um ponto a mais para refletirmos, temos vocábulos como *sótão* e *órgão*, que comumente na fala passam respectivamente a *sótu* e *orgu*, reforçando nossa hipótese sobre a manutenção da sílaba tônica e que mesmo no caso o qual a sílaba apresenta a nasalidade, esta nasalidade pode sofrer uma variação e, conseqüentemente, uma queda, não se mantendo presente no vocábulo.

5.3.2- Variação de *au* > *o* ~ *u* em sílabas tônicas

Guarda sacola, carro... sa' qui enche tu' de carro. Intão eu num gos' nem de fechá mi'a casa, porque falo, se eu fecho, vô pra lá, os que vem, os cunhido qué guardá ãa sacola, que dá baim no minino, qué fazê um mingau, qué isquentá um leite, tô co'a mi'a casa fechada. Eu não fecho.

Temos diversos exemplos em nossos dados de sílabas tônicas finais que apresentam o ditongo *au*, mas nenhuma delas tem a variação de *au* > *o* ~ *u*. Sabemos da impossibilidade de dizermos *mingô* e sermos compreendidos. Mais uma vez, consideramos a tonicidade como um fator de manutenção, ou seja, ela dificulta a variação de *mingau* > *mingô*, e de tantas outras variações que aparecem em nosso *corpus*, principalmente sendo em final de vocábulo, exceto nos casos de nasalidade anteriormente citados. No final de vocábulos é um local onde ocorrem menos variações do processo fonológico pesquisado.

Em vocábulos monossílabos a variação de *au* > *o* ~ *u* não ocorre também. Há exceções, as quais trataremos aqui, como /*nãw*/ > /*nũ*/. A possibilidade de variação deste vocábulo, dentre as mais recorrentes e encontradas em nossa pesquisa é *num*⁴⁸.

Quanto ao vocábulo *não* e suas variações, temos os seguintes casos, quando recorremos ao nosso *corpus*.

Não, o mutirão é um dia né, mais aqui é assim... os seus cumpade vem, trais os filho dele, chega cedim e fais o serviço. Se num 'cabá dipois o dono da roça 'caba, né. Nóis até 'custumava 'cabá o serviço in um dia.

O milho num perde fácio não. [?]. Num perde como o arrois perde. Tem lavora de arrois que ocê só planta e num colhe.

⁴⁸ Em nossa concepção, o percurso das variações é /*nã:w*/ > /*nũ*/ > /*nu*/, ocorrendo uma assimilação em cada momento destas variações.

*Eu era muleque eu lembro. A banda vinha. Quarto bataião. Minino perdía. Agora hoje **num** tem ninguém mais.*

***Num** sei se cê viu ali uma casa nova que tem ali sabe. Ela é um...um grupo de istudá. Depois né, e's dismancharo ali né, os minino passô a istudá aqui.*

***Nuera**⁴⁹ todos não, mais a base de...de deis, doze, quinze né. Até hoje 'inda...'inda...'inda 'cumpanha né, nessa base aí. Mais é essa base aí. Até de vinte pessoa nós já 'cumpanhô. E **num** separava **não**.*

As possibilidades de variação deste vocábulo, dentre as mais recorrentes e encontradas em nossa pesquisa são *num* e *nu*. Dentro de uma perspectiva linguístico-histórica, *não*, de forma resumida, teve o seguinte percurso na Língua Portuguesa nos últimos tempos: *não* > *num*, e em alguns casos ocorre a variação /*nu*/, quando acompanhado de outros léxicos, formando uma palavra fonológica. O vocábulo *não* pode ser empregado em início, meio e final de frase, mantendo a forma original do vocábulo, isto é, sem variações. Já em *num*, vemos que é empregada no início e no meio de frases. Consideramos também que as três formas mesclam-se em uma mesma oração, dependendo da vontade do falante, empregando de forma consciente a palavra negativa, escolhendo a “mais adequada” para o momento do uso.

Desconsideramos o fato da nasalidade ser a causa desta variação em *não*, pois os verbos na terceira pessoa do plural no pretérito perfeito ficam isentos do som nasal na variação *au* > *o* ~ *u*. Sendo assim, *não* é uma forma pouco cristalizada na língua, admitindo outras formas que não são somente a inicial, sendo, contudo, uma palavra de ênfase e destaque, e essa forma de produção do vocábulo sinaliza a intenção daquele que fala e, ainda, reforça que a rigidez perante a língua, sobretudo à fala, foge dos parâmetros da Linguística Histórica.

A variação sofrida pelo *não* pode ser a seguinte, sem que ocorra a perda da nasalidade⁵⁰:

⁴⁹ Trata-se de um caso de palavra fonológica, em que *num* + *era* > *nuera*.

não > *non* > *num* > *nu* + palavra morfológica

[^hṅãw:] > [^hṅõ:] > [^hṅũ:]

Vemos, então, que há uma variação inicial de *au* > *o*, que posteriormente passa a *u*. Como dissemos anteriormente, sem a queda do som nasal durante os processos de variação, exceto em *nu*, que fica desta forma quando acompanhado de uma outra palavra morfológica.

Temos o caso de monotongação nasalizada que passa a ditongo, permanecendo a nasalidade em *bono* > *bom* > *bão* no falar mineiro. Neste exemplo, ocorre uma inversão com relação ao processo fonológico o qual estamos pesquisando, já que a forma monotongada varia e torna-se um ditongo.

Retornemos para os vocábulos monossílabos, depois de explorarmos um caso de exceção, que é o vocábulo *não*. A seguir, vemos exemplos de conservação linguística dos monossílabos:

Naquela época fazia 'té de pau a pique que's falava né. Barreava, um pedaço era de tijolo, ot'o não.

Deu descarga aqui, dispejava na fossa'li. É... mai' tu' tampadinha né. Tinha um tampão de cimento, tudo arrumadim, num dava mau-cherô de jeito nenhum sabe, mais a mi'a fossa era'li.

Tinha muito baile de fazenda, né, de sanfona. Izistia um tal de mutirão p'a capiná lavora, o ot'o sabia fazê um baile. Tinha muito baile essa época'qui. Baile de sanfona, mais assim, [?] uma pessoa cum safona e uma no violão, no cavaquim, nas caxa. Dava uãs festa muito boa.

Jesuis foi nascê do dia vinte quat'o p'o dia vinte cinco, que Jesuis foi nascido meia-noite, do dia vinte quat'o p'o dia vinte cinco, só que a maoria fala que Jesuis nasceu vinte cinco de dezembro né, u contráriu [...]. (ao contrário > u contráriu)

⁵⁰ A palavra fonológica *né* é um exemplo da perda de nasalidade pela qual passa o *não*. Deste modo, temos: *não* > *né*.

A nasalidade sobrepõe-se à tonicidade silábica no processo fonológico que estamos estudando, no que se refere à variação de *au* > *o* quando oral átono. Assim:

falaram > *falaro*

deram > *dero*

5.3.3- Variação de *au* > *o* ~ *u* em sílabas átonas pretônicas

Em cada uma das situações abaixo, vemos casos do processo fonológico *au* > *o* ~ *u*, com suas respectivas análises, quando sua ocorrência se dá em sílabas átonas pretônicas.

Canta agradeceno, né, canta pidino verso, canta pidino o oxílio, depois canta agradeceno né. É assim.

O vocábulo *auxílio* origina *oxílio*, em que *au* > *o* em uma sílaba átona pretônica. Possivelmente, o falante aproxima o som de *a* e *u* ao som intermediário, que é *o*, originando esta variação. As sílabas átonas pretônicas que contém o ditongo *au* sofreram variação para *o*, inclusive quando a variação ocorreu de *al* > *au*, como em *Baltazar* > *Botazar*. Já em vocábulos como *geralmente* > *geralmente* e *talvez* > *talveis* não ocorre a variação. Mais uma vez, mostramos que este fenômeno fonológico que estamos estudando ainda não tem suas mudanças cristalizadas, pois em alguns instantes há uma variação de *au* > *o* ~ *u*, e em outros não há. O que queremos dizer com relação à forma estar cristalizada é que esta variação ainda não passou a ser uma mudança em todos os momentos em que aparece um vocábulo ou expressão que contenha os

ditongos *au* ou *ua*. Sendo assim, há uma oscilação com relação à ocorrência do processo fonológico, ora sendo encontrado na fala, ora sendo mantida a forma sem variação.

O exemplo a seguir é referente a duas palavras morfológicas que originam uma fonológica:

*Agora dipois **qui omentô** mais o gado, e's pusero um 'judante. Sempre ajudava.*

Em *aumentou*, assim como em *auxílio*, estando o ditongo no início do vocábulo, há uma variação, sendo neste caso um pouco mais complexa. Poderia se pensar que seria devido ao vocábulo que o antecede. Assim, a ocorrência de *que aumentou* > *quiomentô*, sendo a forma *que* abreviada produzida com um som mais breve, dá origem a uma palavra fonológica apenas. Todavia, destacamos que a forma *omentô* seria possivelmente produzida mesmo sem o *que* que a antecede, como em outros casos que trazemos de nossa pesquisa.

A variação de *au* > *o* ocorre também em nomes próprios, como vemos a seguir:

*Aí, cumbinô que quando Jesus nascê e's ia adorá...os treis...os trei' rei mago, que'ra o Gaspar, Brechó e **Botazar**.*

O nome próprio *Baltazar* passa a *Botazar*, conforme foi citado, assim como *Valdemar* passa a *Vodemar*. Já em *Isaura*, não vemos a possibilidade de *Isora*, possivelmente explicada pela manutenção da tônica nos vocábulos. Nem sempre há esta manutenção, mas ela é mais comum que em ditongos que ocorrem em sílabas átonas, assim como nas quedas e acréscimos.

Novos casos surgirão em seguida:

Intão diz que os...os trei' rei, desse dia in diante, todo ano, dia vinte quat'o de dezembro a meia-noite, foi quando Jesus foi nascê do dia vinte quat'o p'o dia vinte cinco, que Jesus foi nascido meia-noite, do

dia vinte quat' o p' o dia vinte cinco, só que a maioria fala que Jesus nasceu vinte cinco de dezembro né, u contrário.

A iscolinha tá lá 'inda. Cainu os pedaçu. Mai' de primero era muito difíci né, fis só até a quinta série.

A expressão *u contrário* veio da forma *ao contrário*, assim como *cainu os pedaçu*, da forma *caindo aos pedaços*. A conjunção *au* passa a *o* e posteriormente a *u*.

Ao contrário > *o contrário* > *u contrário*

[auqõ'tra:rjʊ] > [ʊqõ'tra:rjʊ] > [uqõ'tra:rjʊ]

Caindo aos pedaços > *cainu us pedaços* > *cainu os pedaçu*

[ka'i:nɔ'aus: pe'ða:sos] > [ka'i:nʊ 'us: pe'ða:sus] > [ka'i:nʊ 'us: pe'ða:sʊ]

Na variação da conjunção *aos* > *aus* > *us*, não há somente a queda do segmento vocálico *a*, mas o processo de monotongação *au* > *o*, sendo este *o* também modificado na fala, variando para *u*.

Tem uns fala que tem sodade daquela... daquele tempo atrás. Eu num tem sodade não. Mi'a vida era muito mai' sofrida.

[...] é *polista*, nasceu no ista' de São Paulo.

Tanto *saudade* como *paulista* passam pela monotongação do ditongo átono *au* > *o*, situação esta que no primeiro caso parece ser imperceptível no momento de comunicação, mas em *polista* já fica mais claro esse processo de variação, tornando-se uma “regra” este acontecimento em sílabas átonas, mas com um som mais claro, evidenciando a variação *au* > *o*. A Linguística Histórica, em seus registros, mostra que as formas *sodade* e *soidade* são comuns no

português brasileiro. Assim, são vistas atualmente como variações de *saudade*, havendo recorrência destas formas que sofreram variação em alguns grupos de fala.

5.4- CASOS DE MONOTONGAÇÃO DE $UA > O \sim U$

Encontramos diversos exemplos e explicações na literatura sobre a ocorrência do processo fonológico $au > o \sim u$. Mas, e a respeito da passagem de $ua > o \sim u$, que é menos citada e comentada pelos autores? Ela segue as mesmas características e regras da variação de $au > o \sim u$? O que devemos considerar quanto à posição que o ditongo *ua* ocupa nos vocábulos e quanto à sílaba tônica? Não discutimos a possibilidade de não haver uma monotongação de $ua > o \sim u$, mas o *u* pode ser reconhecido como um alçamento, visto que este segmento vocálico está em posição átona em relação ao *a*, de *ua*. A seguir, apresentamos cada um destes casos de monotongação de $ua > o \sim u$, analisando estas ocorrências.

5.4.1- Variação de $ua > o \sim u$ em sílabas postônicas finais

Tinha água a vontade, o rego d'água...o corgo passa no fundo lá. Tem o rego d'água que desce pur aí abaxo tudo. Qué dizê que tinha mais ispaço p'a cumeçá o arraial né.

Em casos como no exemplo anterior, *água*, independentemente se o vocábulo ocorre sozinho (*água*) ou acompanhado de outros (*d'água*), não tem sua forma original modificada, isto

é, *água* não passa por variação do ditongo *ua*. Como já comentamos anteriormente, a queda de fonemas em final de palavras pode ocorrer, mas a mudança de ditongação para monotongação é menos comum.

O vocábulo *água*, então, não admite a forma *agu*, e o mesmo acontece com outras formas que se enquadram neste caso, como *légua* e *língua*. Contudo, mesmo sem a recorrência em nossos dados, pensamos na possibilidade de *água* sofrer parcialmente uma variação de *ua* > *oa*, como se estivesse em um estágio inicial da variação que é percebida no fenômeno fonológico por nós estudado. O que diferencia, então, é o fato de *a* ser mantido no vocábulo, havendo um menor arredondamento do segmento vocálico na nova forma, que passa de *u* para *o*, da seguinte forma: *água* > *ágoa*. Na fala, com frequência, ouvimos *aguar* ou *agoar* com o significado de ‘molhar, regar algo com água’.

Neste caso, não haveria variação, pois a nova forma ficaria *á.go.a*. Haveria uma hiatização do ditongo, que era inicialmente *ua* e passou a *oa*, considerando que os hiatos não tendem a passar por este processo que estamos estudando.

5.5- SÍLABAS TÔNICAS NO PROCESSO FONOLÓGICO DE AU E UA > O ~ U

Quanto às sílabas tônicas de léxicos que continham os processos fonológicos *au* e *ua* > *o* ~ *u*, no primeiro caso de fenômeno fonológico, *au* > *o*, a variação esteve em sílabas átonas em todos os léxicos, inclusive nos verbos de terceira pessoa do plural do pretérito perfeito. Em boa parte dos processos fonológicos, o *o* tem o som fechado depois que o vocábulo sofre a variação (assim, *ua* > *o* fechado).

Assim,

umenta > *omenta*

[ʋ^wˈmẽ:tə] > [õ^lˈmẽ:tə]

auxílio > *oxílio*

[ʋ^wˈsɪ:lju] > [õ^lˈsɪ:lju]

Quando ocorre a variação lexical, a sílaba tônica que contém o ditongo *ua* continua sendo a mesma depois da variação, se se tratar de uma realização isolada, como em *qualidade* > *colidade*.

Porém, quando se trata de uma expressão em que se tenha duas monossílabas seguidas, como em *qual é* > *colé*, apenas a última delas será a tônica. A penúltima deveria ser pronunciada com maior duração, mas se mantém com a intensidade das átonas. Inicialmente, afirmamos que *qual é* > *qualé* > *colé*. Quando *qual é* passa a *qualé* há uma aglutinação das palavras morfológicas, formando apenas uma palavra fonológica. Ao variar *qualé* para *colé*, há a monotongação, passando *ua* > *o*.

Os vocábulos que apresentam [k^w] / [g^w], tendem a mudar, indicando uma queda (BISOL, 2001), porém, em nosso *corpus* não encontramos esta variação de [g^w] em vocábulos como *guaraná* e *guardado*. Para pensarmos sobre esta questão, já acentuamos que pode haver uma “resistência” nesta comunidade a monotongar formas com [g^w], haja vista que não encontramos exemplos dessa monotongação.

Isto não significa que realmente ocorrerá a variação ou até mesmo a mudança em [k^w] ou que não ocorrerá em [g^w], mas elas podem acontecer em algum momento na língua. Entretanto,

vimos alguns casos que esta mudança ainda não tendeu a ocorrer em nossos dados, principalmente em [g^w].

*É...nóis compra aqui só **guaraná** nas venda.*

O léxico [g^wɐrɐ'na:] tem a possibilidade de variar para [gorɐ'na:], mas não foi isto que ocorreu em nosso *corpus*. Houve a permanência da forma original do vocábulo, o que retrata que esta variação ainda não se concretizou nem se tornou uma característica no local pesquisado, havendo ainda casos em que não há a ocorrência do processo fonológico estudado.

A variação *gua* > *go* não está tão propensa a ocorrer na comunidade de fala da Baixa.

Vejamos a seguir um outro exemplo de manutenção do ditongo *ua* em nossa pesquisa:

*Num é **igual** hoje in dia. Hoje in dia tá fácio dimais né.*

Podemos explicar *iguau* por meio da tonicidade, reforçando que **igou* algumas vezes será encontrado na fala, enquanto *goraná*, *gorda-ropa* não são léxicos impossíveis de ouvirmos.

No caso anterior, em *guaraná*, *ua* não é seguido de outro segmento vocálico como neste caso, em *igual*. Poderíamos analisar os tritongos para explicarmos um exemplo como este, pois processos fonológicos envolvendo tritongos diferenciam-se daqueles que envolvem os ditongos, mas percebemos que nos casos em que aparecem os tritongos que passam por uma variação, eles são sempre acompanhados de uma outra palavra, não sendo sozinhos, passíveis de ocorrência.

Temos *igual* e *qual* (considerando o /l/ final com o som de /w/), vocábulos que não se ditongam ou não se monotongam quando pronunciados isoladamente. No caso de *igual*, *igól* se ditongaria e poderia se monotongar para *igó*, mas se fosse acompanhado por outros vocábulos.

Como exemplo, *igó te falei*, em que o falante pronuncia a forma monotongada em consonância com vocábulos posteriores. Já como uma resposta, não encontramos apenas o léxico *igó*.

O vocábulo *qual* será produzido como *col*, mas se for junto ao vocábulo *é*, ficando então, *colé*. Neste caso, o tritongo passa a monotongo, porém quando seguido de *é*.

Fazemos uma ressalva quanto ao vocábulo *igual*, que também pode variar para um monossílabo, através do processo fonológico de aférese, passando a /'g^waw:/, desde que acompanhado de outro vocábulo: *guaw te falei*.

5.6- RESUMO DO PROCESSO FONOLÓGICO DE AU E UA > O ~ U

Quadro da variação de *au* > *o* ~ *u*

Percurso histórico ⁵¹	Representação fonográfica	Transcrição fonológica	Transcrição fonética
ao contrário > u contrário (A-PRT) ⁵²	Ucontrario	/u contrario/	[uqõ'tra:r ^j o]
ao menos > aumeno > omeno (A-PRT)	ao meno > o meno	/o menu/	[o 'mẽ:nu]
asfaltaram > asfaltaro (A-PT)	Asfautaro	/asfautaru/	[ɛsfeu'ta:ro]

⁵¹ Percurso histórico sistematizado por nós, de acordo com os dados que temos.

⁵² Esta nomenclatura refere-se aos seguintes termos lingüísticos presentes neste quadro:

T: tônico

A-PRT: átono pretônico

A-PT: átono postônico

aumenta > omenta (A-PRT)	Omenta	/omenta/	[õ'mẽ:tə]
auxílio > oxílio (A-PRT)	oxílio	/osíliu/	[o'sriliu]
Baltazar > Bautazar > Botaza (A- PRT)	bautaza > botaza	/botaza/	[bɔtɛ'za:]
caindo aos pedaços > caino os pedaço (A- PRT)	caino aus pedaçu > caino os pedaçu	/cainu us pedaçu/	[ka'ĩnospe'da:ʃu]
cancelaram > cancelaro (A- PT)	cancelaro	/cancelaru/	[kase'la:ru]
deram > dero (A-PT)	dero	/deru/	['dɛ:ru]
diminuíram > diminuiro (A- PT)	diminuiro	/diminuiru/	[dʒimiɲo'i:ru]
falaram > falaro (A- PT)	falaro	/falaru/	[fe'la:ru]
esqueceram > isquecero (A- PT)	isquecero	/isqueceru/	[isce'se:ru]
não > num > nu (T)	não > n-um	/nãu/ > /nu~/ > /nu/	['ɲãu] > ['ɲú:] > ['ɲu:]
paulista > polista (A- PRT)	polista	/polista/	[pɔ'li:stə]
restaurante > restorante (A-PRT)	restorante	/restoranti/	[çɛʃto'rã:tʃi]
saudade > sodade (A- PRT)	sodade	/sodadi/	[so'da:dʒi]
sinal ao menos >	sinal o meno	/sinau o menu/	[si'ɲau: o 'me:ɲu]

sinau au menos > sinau o meno (A-PRT)			
Valdemar > Vaudemar > Vodemar (A-PRT)	Vodemá	/vodemá/	[vode^ɫma:]

Quadro de variação de *qua > co*

Percurso Histórico	Representação Fonográfica	Transcrição fonológica	Transcrição fonética
de vez em quando > de veiz im condo (T)	de veis im condo	/di veis im condo/	[diveizim^ɫqõ:ɗu]
enquanto > inconto (T)	inconto	/incontu/	[^ɫqõ:ɗu]
qualidade > colidade (A-PRT)	colidade	/colidadi/	[qoli^ɫɗa:ɗi]
qualquer > corqué (A-PRT)	/corqué/	corqué	[qɔr^ɫke:]
quando > condo ~ conto (T)	Condo ~ conto	/condu/ ~ /contu/	[^ɫqõ:ɗu] ~ [^ɫqõ:ɗu]
quando é fé > condefé (A-PRT)	condefé	/condefé/	[qõɗe^ɫfɛ:]
quantas > contas (T)	contas	/contas/	[^ɫqõ:ɗəs]
quanto > conto (T)	conto	/contu/	[qõ:ɗu]

quanto é > conto é	conté	/conte/	[qõ'te:]
> conté (T)			

5.7- COMPOSIÇÃO SILÁBICA NA OCORRÊNCIA DA MONOTONGAÇÃO DE AU E UA > O ~ U

Depois de analisar e expor nossos dados, propomos algumas hipóteses, descartando-as ou inserindo-as em nossos estudos. Na fala, há a dificuldade em dizer onde uma sílaba começa e onde ela termina (COUTINHO, 2005). Na fala, temos em nosso quadro silábico as seguintes situações, ao tratarmos da ocorrência do processo fonológico estudado em sílabas átonas, em que *V* se trata de um segmento vocálico, *v* de um glide e *C* de um segmento consonantal:

$$CVvC > CVC$$

$$VvCV > VCV$$

Consideramos anteriormente apenas a parte do léxico em que ocorre a mudança fonológica. Podemos notar, de antemão, que há a tendência da construção silábica *segmento vocálico* e *segmento consonantal*, separados. Assim, dois segmentos vocálicos ou dois segmentos consonantais não tendem a permanecer juntos na mesma sílaba.

A construção silábica do português já respeita a ordem CV, e uma das explicações seria que o processo fonológico por nós estudado, ao ser produzido, acaba seguindo esta tendência do português. Seria uma falsa impressão de economia linguística, que ao mesmo tempo se enquadra na estrutura pré-estabelecida pela língua.

A seguir, vemos a relação *segmento consonantal* e *segmento vocálico*, tanto na palavra original quanto naquela que se formou após a realização do processo fonológico de monotongação:

CV_v > CV

Valdemar > *Vaudemar* > *Vodemar*

paulista > *polista*

Bautazar > *Botazar*

saudade > *sodade*

restaurante > *restorante*

quando > *condo/conto*

enquanto > *inconto*

quanto > *conto*

qualidade > *colidade*

quantas > *contas*

quanto > *conto*

qualquer > *corqué*

V_v > V

aumenta > *omenta*

auxílio > *oxílio*

Cristófarro (2001) afirma que as sílabas do português que respeitam a estrutura CV, CVC e CCVCC são consideradas sílabas perfeitas, ou bem formadas. Temos em nosso *corpus*, nos casos mostrados anteriormente, vocábulos com estruturas silábicas dos tipos CV_v, CV_vC e V_v, o que não são vistas como “ideais” para o português, mas depois de ocorrido o processo fonológico de

monotongação, há a formação de sílabas consideradas “regulares” no português, que se tornam, respectivamente, CV, CVC⁵³ e V.

5.8- PERCURSO NA LÍNGUA PORTUGUESA DA MONOTONGAÇÃO DE AU E UA > O ~ U

Cada geração contribui, sem que o perceba, com o seu pequeno contingente, para as transformações do próprio idioma. Estas, à proporção que o tempo procede, se vão avolumando e radicando nas gerações posteriores, até que se tornam verdadeiramente sensíveis, depois de alguns séculos (COUTINHO, 2005, p. 16).

Indiscutível dizer que partes das línguas mudam constantemente, em lentos passos, mas que tais mudanças ocorrem (SAUSSURE, 2006). Ao analisar os sons, é ainda mais visível que a alteração ocorre no modo de falar e de produzir os sons, pois as particularidades dos idioletos se dirigem para um grupo linguístico, formando os dialetos. O que estamos investigando é “Por que ocorre o processo de monotongação *au* e *ua > o ~ u*?” e “Como e em que momento na língua há a possibilidade dessa variação?”.

Assumimos que os segmentos *au* e *ua* sofrem variações na língua e passam a *o*, sendo que, posteriormente, retornam a *au* e *ua* e, conseqüentemente, passam a *o*, ocorrendo então um processo cíclico na língua, sendo entremeado por estágios e tempos diferentes. Isto quer dizer que alguns vocábulos passam de uma forma para outra antes de outros vocábulos, mas mesmo assim, há a tendência de sofrerem esta variação, exceto nos casos que citamos anteriormente, com base em nossa pesquisa.

⁵³ No caso de nossos dados, o segundo segmento consonantal de uma sílaba com formação CVC pode ser um *n* ou *r*, assim como em *con.do* ou *cor.qué*.

Sabemos que a Língua Portuguesa veio do latim (COUTINHO, 2005). Por volta do século X, a variação de *au* e *ua* > *o* já vinha sendo observada pelos estudiosos das Línguas Românicas. Há a “mudança do Latim Clássico para o Latim vulgar de *au* para *o* que mostra como *o* nas línguas românicas modernas [...]” (CAMPBELL, 2004, p. 42) surgiu. Então:

Espanhol	<i>auru-</i> = oro ‘ouro’, <i>tauru</i> = <i>toro</i> ‘touro’
Francês	<i>or</i> ‘ouro’
Latim	<i>causa-</i> ‘ <i>causa</i> , <i>caso</i> , <i>coisa</i> ’ > italiano <i>cosa</i> , espanhol <i>cosa</i> ‘coisa’.

(CAMPBELL, 2004, p. 42-43).

Fica claro que esta variação que analisamos não se trata de uma eventualidade neste grupo de fala que pesquisamos, nem em outros grupos falantes do Português no Brasil, mas de um processo que ocorria no Latim e continuou a ser produtivo nas Línguas Românicas e nas Neolatinas. Analisando como se deu esta mudança inicial⁵⁴, vemos que:

$$au > o \sim u$$

$$ou > o \sim u$$

Estes léxicos acima, vistos em Campbell (2004), como exemplos, não estabeleceram o processo cíclico que citamos, pois na Língua Portuguesa não retornaram à forma inicial *au*, permanecendo na escrita *ou* e na fala apenas *o* (como em *aurum* > *ouro* > *oro*). Quanto às variações ocorridas na língua, percebemos que a forma original *au* passou a *o* na transição do latim clássico para o latim vulgar. Depois, *o* passou a *ou*, ou seja, recebendo *u* e havendo na fala a queda deste *u*, voltando ao segundo estágio de mudança, que é o *o*. O vocábulo *causa* não tem a

⁵⁴ Não descartamos as possibilidades desta variação ter ocorrido antes nas línguas Românicas, porém, a data mais antiga que encontramos desta ocorrência é o século X.

queda do *u* no Português. Esta variação não ocorre possivelmente devido à tonicidade e, além disso, por causa da ambiguidade que pode existir com o vocábulo *casa*, e ainda, o falante sabe que se ele empregasse a redução de *au > o* obteria *cosa*. Isto iria levar para uma possível variação para *coisa* e não para *causa*, ocasionando em uma possível confusão semântica⁵⁵.

*Intão aquila'li fais uma parte né, da música, porque aquela caxa, no **causo**, se num sabê batê nela e acumpanhá os instrumento que toca, aí num vira nada, num entende, né?*

No exemplo citado anteriormente, *no causo*, a monotongação decrescente não ocorre devido à tonicidade, como já comentamos e, por sabermos que *coso* não é um vocábulo recorrente na Língua Portuguesa, já que a sílaba tônica tende a se manter sem variações na língua. Temos, então, a permanência do vocábulo *causo* sem a ocorrência de alterações fonológicas de *au > o*.

Recorrendo aos nossos dados, podemos notar como os léxicos *auru-*, *tauru*, *or* e *causa*, citados por Campbell (2004) se mantiveram na fala, não se restringindo estas realizações linguísticas da Língua Portuguesa apenas ao grupo de fala no qual pesquisamos, mas sendo comum na maioria dos discursos dos falantes de Língua Portuguesa, principalmente quando se trata de uma fala não-monitorada. Vemos que nas regiões nordeste, norte, centro-oeste e sudeste, em algumas comunidades de fala, esta variação é recorrente, quando tratamos de monotongação⁵⁶.

*Aí...é que os rei foi levá...foi adorá Jesus né. Levaro os presente: **oro**, incenso, mira né?...pá 'dorá ele. Hoje a gente... num...num...num... tem o preparo...fais a festa mai num vai oferecê lá **oro**, incenso, mira, puque...*

⁵⁵ A ambiguidade é considerada no processo de monotongação que estamos abordando apenas neste exemplo.

⁵⁶ Não vamos nos ater a casos de monotongação de outras regiões do Brasil, pois este não é nosso foco no momento.

É pu'causa que foi... dero a baxa da...da guerra né, aí cabô a...a revolução, sabe. Aí ficô que'sse nome de Baxa.

Frisamos que esta nova elaboração pode ser mais complexa, mesmo havendo redução lexical. Permanece na língua tanto aquilo que é distintivo e as variações e mudanças podem ou não ser decorrentes da influência de outras classes sociais⁵⁷. Assim, um grupo que não sofre interferência de outros grupos linguísticos pode “criar” suas inovações na língua, enquanto que nos grupos que se relacionam entre si pode haver variações que são resultado da influência de diversos grupos sociais e linguísticos diferentes.

5.9- A OCORRÊNCIA DA MONOTONGAÇÃO NA ESCRITA

Fora da infância querida
 No seu uso de razão
 Vê muntas fulô caída
 Machucada pelo chão,
 Pois vê neste mundo ingrato
 Injustiça, assassinato
 E uns aos outros perseguindo
 E assim nós vamo penando
 Vendo os ispinho **omentano**
 E as fulô diminuindo.

(ASSARÉ, Patativa, in Ispinho e fulô, 2005 , p. 26)

Relembramos que nossa pesquisa é voltada para a variação linguística na fala, mas que este fenômeno fonológico foi retratado na escrita por alguns autores, com o intuito, possivelmente, de materializar a fala em versos, como Patativa do Assaré (2004; 2005), que

⁵⁷ Contribuição do Prof. Dr. Sebastião Elias MILANI (comunicação pessoal).

apesar de ser do Ceará e não de Minas Gerais, ilustra muito bem o que nos é relevante na presente discussão.

Quando a escrita tem a finalidade particular de representar modos variados da fala de uma comunidade, há o aparecimento da monotongação. Mesmo que seja uma variação, tende a permanecer na língua, pois se trata de realizações possíveis. O que contraria as regras linguísticas não sobrevive na língua.

Isto significa que em outras regiões do Brasil também têm havido esta variação na língua, reforçando nossa teoria de que há uma tendência do surgimento das mesmas variações na língua, mesmo que em locais distantes uns dos outros. Portanto, há evidências que regem as línguas, fazendo com que as mesmas variações ocorram em comunidades de fala distintas, ou que haja uma propagação da variação (Teoria das Ondas, BASSETO, 2001). Há que se considerar, por outro lado, que também existe uma tendência seguida pela língua mesmo que não haja um contato entre suas variantes.

Patativa do Assaré (2004; 2005) retrata sua fala e de seu povo assim como são compreendidas. Ao citar alguns textos do referido poeta, nosso intuito é mostrar que parte do nordeste brasileiro conta com a ocorrência do mesmo processo fonológico que o pesquisado em Minas Gerais. Vejamos a seguir um exemplo de Patativa do Assaré (2005):

[...] Se arguma nutiça das banda do Norte
 Tem ele por sorte
 O gôsto de uvi,
 Lhe bate no peito **sodade** de móio
 E as água dos óio
 Começa a caí. [...]

(ASSARÉ, Patativa, in Triste Partida, 2005, p. 49)

5.10- O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE *GUA* > *GO* E DE *QUA* > *CO*

Os processos de variação linguística têm tratado a oscilação ou transição de *gua* > *go* e *qua* > *co* como fatos que devem ser estudados isoladamente. Isto porque as regras fonéticas que se enquadram para vocábulos que apresentam somente a variação de *au* e *ua* > *o* ~ *u* não são as mesmas.

Vemos em seguida um primeiro caso desta monotongação de *qua* > *co*, levando em consideração o *corpus* de nossa pesquisa:

As colidade de doce?

O limite entre a pronúncia de *qualidade* e *colidade* é estreito. A sílaba pretônica sofre uma alteração de [k^wa] > [qo]. Ao escutarmos esta produção, notamos que a intenção, mesmo inconsciente, é simplificar ou condensar o que será dito, mas essa simplificação ou condensação é falsa, pois envolve fatores mais complexos do que se espera. O número de fonemas é reduzido, mas há uma alteração estrutural no vocábulo, tornando-o mais complexo do que era inicialmente.

A seguir, apresentamos a análise de mais um caso de variação do processo fonológico que investigamos:

Agora corqué pessoa tem um carro, né? Naquele tempo era difício dimais.

O mesmo que ocorreu com *qualidade* > *colidade* ([k^weli'da:d'i] > [qoli'da:d'i]), aconteceu com *qualquer* > *corqué* ([q^wew'ker] > [qor'ke:]). O que diferencia os dois casos é que há uma

vocalização na sílaba átona em *qualquer* e em *colidade* são mantidas as condições de consoante ao sofrer a variação. O vocábulo *corqué* passa pelo processo de rotacismo, que influencia a monotongação que estamos estudando. Interpretamos que o processo se deu na seguinte sequência: *qualquer* > *quarqué* > *corqué*.

Para compreendermos outros casos do processo fonológico que estudamos, trazemos outro exemplo recorrente em nossos dados, sendo comum inclusive na fala cotidiana de outros grupos de fala.

Eu posso até te contá colé as casa que era de tijolo aqui. Tinha bastante moradô tamém na épua. Capais que...num era...num era o tan' de morador que tinha agora não, mais tinha bastante moradô aqui.

A variação de *qual* para *col-*, em léxicos que não são acompanhados por outros, não foi percebida em nossos dados, mas ao nos referirmos à junção de *qual* + *é*, temos a formação *colé* [qɔ^hl̥ɛ], que se enquadra no processo fonológico que estamos estudando, apenas quando forma uma palavra fonológica. A variação de *ua* > *o* ~ *u* em uma palavra monossílaba não foi encontrada, mas o acompanhamento de outra palavra logo em seguida, havendo a aglutinação de uma à outra, formando uma palavra fonológica, faz este processo fonológico possível.

Ao contrariar os casos que vimos anteriormente, há casos em que a variação de *qua* > *co* não ocorre. Quais seriam os motivos para que a monotongação não aconteça? Um deles seria a tonicidade. Vejamos os exemplos que se seguem.

É...o quartu ano era muito apertado né fia?

Eu num vô na casa de quais ninguém passíá, que eu num gosto de saí, sabe. (quase > quais)

Nos casos de *quartu* e *quais* (variação de *quase*), as tônicas também não sofrem variação, não havendo a forma *cortu* e *cois* ou *cose*, o que para os falantes da Baixa-MG seria, atualmente, inadmissível de ser ouvido, inclusive porque a comunicação não ocorreria.

Verificamos que há uma oscilação entre a ocorrência do processo fonológico e a permanência da forma original, até quando tratamos do mesmo vocábulo. Por isso, ressaltamos a importância do capítulo 3 de nossa dissertação, que trata sobre o léxico e escolhas lexicais referentes à comunidade de fala pesquisada, a fim de que conheçamos estas oscilações linguísticas e, por consequência, a criação ou conservação de novos léxicos. A etimologia, inclusive, nos auxilia na compreensão destes quesitos, fazendo-nos perceber o que o falante tende a variar e o que tende a manter na língua.

Já em alguns vocábulos, algumas variações não são vistas em nenhuma hipótese. Interpretemos os dados seguintes tratando das possíveis variações que envolvem os vocábulos *quando* e *quanto*:

*Tinha que fazê de tudo **quanto** há e num tinha sussego pra nada. A gen'deitava meia-noite, uma hora da madrugada.*

***Conto**⁵⁸ Jesus naceu o primeru que ficô sabeno foi os treis pastor qui pastorava o gado...que pastorava os ovelhinha.*

***Contas** hora?*

*Aí, **quando** Jesus...**condo** os rei...o...adorô Jesus aí pegô pidisse o Jesus Cristo pr'ele...pr'ele tê o poder de sê santificado, de sê santo, sabe, pu'que antis elis num era santo. Era os trei' rei mago. Aí, o Jesus pegô, falô pra ele que santificava e's.*

*Parece que **conto** mais fica mais bunito né, mais **quanto** ...**quando** ...dis que **quando** cumeçô a fulia de reis era treis instrumento. Era a viola, o...ũa caxa e...e um pandero.*

⁵⁸ O vocábulo *conto*, neste exemplo, refere-se a *quando*, apresentando então, uma variação linguística.

Os exemplos anteriores evidenciam que os vocábulos *quando* e *quanto* e suas variações são recorrentes em nossos dados. Temos, então, com base em nosso *corpus*, as seguintes realizações:

Quanto > *conto*

[^hk^waĩtu > 'qõĩtu]

Quando > *condo* ~ *conto*

[^hk^waĩdu > 'qõĩdu ~ 'qõĩtu]

Quantas > *contas*

[^hk^waĩtas > 'qõĩtas]

O que vimos anteriormente também acontece no vocábulo *enquanto*:

O cavalo saiu correno, pulano, correno, pulano e inconto o gai' de ispim num saiu dibaxo do rabo dele, ele num parô de pulá.

Inquanto e's foi arrumá lá o...a iscola nova lá, foncionava aqui, ot'a casa lá imbaxo lá, 'que'a casona lá imbaxo lá, p'que era muita gente, muitus aluno e usava o... o garpão da...de festa.

Em primeiro lugar, ao analisarmos os dois casos anteriores, notamos que há uma oscilação natural que ocorre no discurso desta comunidade de fala, ou seja, em alguns momentos o mesmo falante produz *inconto* e *enquanto*, *quando* e *condo*. Independentemente da posição que o vocábulo ocupa na frase, *enquanto* muda para *inconto* em alguns momentos de fala. Realmente, é difícil perceber a variação e quase inaudível em muitos instantes da análise dos dados. A

variação de *inquanto* > *inconto* é produzida sem um critério específico, variando o uso em uma mesma situação.

Nunes (1980) afirma que o ditongo *au* tende a se reduzir a vogal. Em alguns casos, constatamos realmente essa redução, porém, considerando-a como uma transformação e não somente uma redução. Nem todos os ditongos são reduzidos. Camara Jr. (1999) revela que em alguns ditongos é impossível ocorrer a redução.

Percebemos que *ua* também tende a passar a vogal, a partir dos dados a seguir.

Intão tem que ser no Beraba. Tudo no Beraba. Mais já acostumei minina, sabe. Nós vai nim Beraba é...qué vê...tem dia que nós vai ao mei'-dia né, dá cinco hora a gente volta, cas compra da gente. Um dia trais no ônibus. Um dia que a gente vai no mercado e fais a compra maior a gente...e'is trais pra gente.

Com as > quas > cas

[qõ^las:] > ['k^was:] > ['kas:]

Intão já ia e encontrava ca chuva. Moiava tudo!

Com a > qua > ca

[qõ^la:] > ['k^wa:] > ['ka:]

A, isso...isso...a gente tem tudo guardado qua gente né. Quem já cantô junto, já faleceu, foi imhora né.

Com a > cum a > qua

[qõ^la:] > [kũ^la:] > ['k^wa:]

Há que se pensar se o processo fonológico que estamos pesquisando se trata realmente de redução de um segmento vocálico ou de um processo de transformação do ditongo em um segmento vocálico, ou seja, um caso de supressão ou de transformação. Vemos que quando *au* ou *ua* se torna *o*, a variação ocasiona uma espécie de substituição dos sons produzidos, pois onde se dizia *au* ou *ua*, há apenas *o*. Já quando resta apenas *u* ou *a* que acompanhavam estes ditongos, podemos dizer que houve uma redução, pois um som deixa de existir no ditongo, sendo que o som que desaparece geralmente é o mais fraco, sendo mais propenso a sofrer a queda.

O *o*, inclusive, pode passar o *u* na fala e neste caso não se trata de redução, mas de um caso de monotongação que posteriormente apresenta uma variação entre *o* e *u* quando não estão na escrita. Devemos ter atenção para detectar qual o caso em questão: monotongação ou variação fonológica de *o* para *u*.

Uma última afirmação que fazemos, sendo inclusive uma curiosidade e um caso a se pesquisar, pode ser ilustrada a partir da variação na fala das formas *qualhada* e *coalhada*, sendo a primeira mais comum na Língua Portuguesa. Levamos em consideração que *coalhada* originou-se de *coalho*, tendo origem em coágulo (HOUAISS, 2001). Assim, por uma adaptação fonética, a forma *qualhada* é aceita sem maiores discussões em nossa língua.

Para entendermos as situações de ocorrência dos processos fonológicos descritos e analisados, mostraremos as diferenças em cada momento de ocorrência do fenômeno fonológico, para resumirmos o que já dissemos anteriormente:

Processo de Monotongação	Sílaba átona final	Sílaba tônica	Sílaba átona pretônica
<i>ua > o ~ u</i>	Processo fonológico não encontrado.	Processo fonológico não encontrado, exceto em vocábulos com <i>qua</i> .	Processo fonológico não encontrado, exceto em vocábulos com <i>qua</i> .
<i>au > o ~ u</i>	Encontrado em todos os casos, pois todos se tratam de verbos na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito.	Aparece apenas em expressões, em que as conjunções <i>ao/aos</i> , mudam respectivamente, para <i>o</i> e <i>us</i> .	Recorrente em diversas situações.
<i>qua > co</i>	Processo fonológico não encontrado	Recorrente em diversas situações.	Recorrente em diversas situações.
<i>gua > go</i>	Processo fonológico não encontrado	Processo fonológico não encontrado	Processo fonológico não encontrado

5.10.1- A variação de *qua > co* em sílabas átonas pretônicas

Uma incógnita a ser desvendada é o motivo pelo qual tanto sílabas átonas quanto tônicas que tem o ditongo *ua* podem variar para *o* em vocábulos que contém *qua* em sua formação. Perante a organização da língua, a sílaba que contém o ditongo *ua* pode ser tanto átona ou tônica, não sendo isto um fator determinante para que ocorra ou não a variação em *qua*. Nos mesmos momentos de uma conversa, o falante realiza a forma original, com *ua*, e a forma variada, com *o*.

O que nos alerta é que o falante, quando pronuncia a palavra que poderia passar por esse processo fonológico, a mantém na forma original, ao passo que quando a insere no meio de uma

frase ou quando esta palavra não é de destaque, aparece na forma variada, podendo ser assim considerado que o monitoramento e o conjunto de produção dos sons contribuem para a ocorrência de tal fenômeno fonológico.

Em algumas situações há a ocorrência de um processo fonológico, mas em outras não.

*O o'to é os **Quartel** véi'. Que no tempo da... da guerra, essas coisa, lá era, ponto da... p'a ficá lá p'a isperá briga delis lá, aí colocaro nome dos **Quartel** véi'.*

Devido à sílaba átona conter o ditongo *ua*, ela poderia sofrer a variação para *o*, mas isso não ocorreu em *quartel*. Aqui não consideramos a resistência da tônica, mas salientamos que processos fonológicos envolvendo *qua* e *gua* precisam ser analisados separadamente dos outros léxicos que apresentam *ua*.

Não há outras ocorrências similares a *quartel* em nossos dados, isto é, com dois ditongos juntos, ou seja, em um vocábulo composto por duas sílabas, em cada uma delas há um ditongo. Não podemos afirmar, mas uma hipótese a se pensar seria que o processo de monotongação é neutralizado porque apresenta dois ditongos juntos.

Os seguintes exemplos lexicais de Nunes (1980) mostram a relação estreita entre *a*, *u* e *o*, seja por meio da permanência deste *a* em ditongos ou como hiato, e também o apagamento/substituição por *o*⁵⁹.

⁵⁹ Optamos por colocar a ordem de variação no quadro do arcaico para o popular, já que o popular é analisado pela fala, assim como nossas análises. Consideramos processos fonológicos que envolvem *qu* e *gu* um estudo à parte na língua.

<i>a > u</i>	<i>a > au</i>	<i>o > ua</i>	<i>ua > a</i>	<i>ua > o</i>	<i>u > a</i>
caente (arc.) > quente	caje, casí (arc.) > quase (pop.)	coresma (arc., pop.) > quaresma	quaira (arc.) > caira	quairela (arc.) > coirela	quenda > caenda
	cando (arc.) > quando (pop.)				
	cantidade (arc.) > quantidade (pop.) canto (arc.) > quanto (pop.)				

São diversas as variações localizadas no quadro anterior, mas é notória a frequência da variação dos segmentos vocálicos que estão envolvidos no processo fonológico que estamos estudando: *a*, *u* e *o*. São modificações, acréscimos e perdas, sinalizando que não houve somente uma variação de *ua* e *au > o*. São sucessivos arranjos linguísticos que seguem as leis fonéticas que regem a língua. Tarallo (1990) nos apresenta a transição *ua* e *au > o* nos ditongos latinos. Seria o caso de pensarmos na possibilidade de uma assimilação de *ua > o*, visto que a tendência era passar a *a*, e não a *o*. Já quanto à variação de *au > o*, se considerarmos o movimento assinalado por Tarallo (1990), o falante realizaria a variação de *ua > o*.

5.10.2- A variação de $ua > o \sim u$ em sílabas tônicas

Em palavras monossílabas tônicas, não encontramos casos da variação de $ua > o$, nem tampouco de $au > o$. O motivo é o mesmo que consideramos anteriormente, na variação de $au > o$: a palavra monossílaba tem maior resistência à variação no caso de $ua > o \sim u$ ⁶⁰.

5.11- CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO DE AU E $UA > O \sim U$

Pensemos se este processo fonológico é uma transição temporária na língua, uma escolha dos falantes ou vem a ser um estágio de mudança de A para B, ou seja, o fenômeno fonológico ocasiona variação de au e $ua > o \sim u$. Além disso, temos algumas questões a serem discutidas acerca de nossos apontamentos e hipóteses levantadas.

Utilizamos alguns postulados da sociolinguística para realizarmos o afinamento do perfil dos colaboradores de nossa pesquisa. A adoção dos postulados (discutidos na seção 1.1 do capítulo um) foi necessária para a garantia de um grupo de falantes com características de vida e de fala semelhantes para a coleta de um *corpus* que dê à nossa pesquisa um caráter científico, não afirmando ou descartando que outros grupos de fala não possam passar pelo mesmo processo fonológico.

⁶⁰ Não excluimos a possibilidade da ocorrência do processo fonológico $ua > o \sim u$ em palavras monossílabas, já que sabemos do movimento constante da língua.

Abrimos este parêntese para frisar que não consideramos que o grau de escolaridade, o acesso a meios de comunicação e a idade do falante são determinantes para que ocorra o fenômeno fonológico, visto que mesmo nas falas monitoradas encontramos, ocasionalmente, casos como os que encontramos em nosso *corpus*.

Podemos, então, dizer, em síntese, que o processo fonológico de monotongação de *au* > *o* ocorre quando o ditongo aparece em sílabas átonas, no início ou meio de palavras e, ainda, em conjunções monossílabas que acompanham expressões lexicais, como em *ao menos* > *o menos*, *ao contrário* > *o contrário*. Já a monotongação de *ua* > *o* ocorre em sílabas tônicas, mas não em monossílabos.

Buscamos entender porque processos fonológicos tão semelhantes têm distinção quanto aos momentos de ocorrência. Podemos dizer: por que nas mesmas situações de produção do discurso, há ora a variação e ora não há, de *ua* > *o* ~ *u* e *au* > *o* ~ *u*?

Os vocábulos que contêm o ditongo *ua* tendem mais a passar para *o* no momento da variação do que os que contêm o ditongo *au*. Já a passagem de *ua* e *au* para *o* é comum nos dois ditongos, tanto no crescente quanto no decrescente.

CONCLUSÃO

Ao encerrarmos este trabalho, afirmamos que a metodologia escolhida por nós conseguiu nos nortear e nos auxiliar para que encontrássemos respostas para nossos questionamentos.

Conhecer um pouco mais dos processos fonológicos que podem ocorrer na Língua Portuguesa nos auxiliou no sentido de não ficarmos presos apenas ao processo de monotongação, o qual selecionamos para realizar uma descrição, análise e pesquisa mais aprofundadas. Quanto às expressões lexicais, envolvendo a semântica e a morfologia, inclusive, reforçamos a ideia de continuidade da língua, assim como percebemos a contribuição lexical que cada grupo linguístico proporciona à língua que fala.

No que diz respeito ao processo de variação de *au* e *ua* > *o* ~ *u*, que foi a abordagem principal de nosso estudo, podemos afirmar que os processos que envolvem a variação de *ua*, quando variam para *o* em *qua* ou *gua*, devem ser analisados sob outra perspectiva, pois não têm a mesma regra que se aplica quando analisamos a realização deste fenômeno em vocábulos que contém os ditongos *ua* e *au*, sem o acompanhamento de [k] e [g]. Deste modo, ambos os casos contam com a presença dos ditongos *au* e *ua*, porém a presença ou ausência de [k] e [g] modifica as situações de ocorrência da variação para *o* ou para *u*.

Como já apontamos no decorrer de nossa dissertação, não há ainda uma cristalização deste fenômeno fonológico, visto que ele ocorre algumas vezes e não em outras situações de uso. A variação de *au* > *o* ~ *u* foi mais recorrente em nossos dados, que a de *ua* > *o* ~ *u*. Encontramos respaldo no latim para explicar esta variação linguística, uma vez que diversos léxicos que apresentamos no decorrer de nossa dissertação são de origem latina ou vieram de línguas que surgiram a partir do latim, assim como o francês.

A sílaba tônica e a nasalidade são determinantes para que haja manutenção ou variação de um vocábulo neste processo fonológico. Quando os ditongos *ua* e *au* apareceu em sílabas tônicas nos vocábulos, houve a conservação destes ditongos, não passando a monotongos *o* ou *u*. Quanto à nasalidade, ocorre o mesmo, porém, o léxico *não* é uma exceção: ele passa de *não* a *nu* em nosso *corpus*, ficando deste modo: [ˈnã̃:u] > [ˈnũ:] > [ˈnu:]

Não há uma única regra generalizadora que possa ser aplicada a este processo fonológico, mas cada caso possui uma regra para explicar como a variação ocorre. Não é porque uma forma ditongada em *au* ou *ua* sofre variação que os mesmos ditongos em outros momentos de fala e em outros vocábulos sofrerão também alterações.

Nosso intuito não é realizar afirmações categóricas, mas, sim, tentar simplificar a forma de tratarmos os jargões científicos para o leitor, afinando os nossos estudos, a fim de que outros estudiosos possam ter um ponto de partida mais claro do que aquele que pudemos encontrar, caso optem por realizar uma pesquisa como esta que fizemos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. **Dialeto Caipira**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC , 1976.

ANTILA, Raimo. **Historical and Comparative Linguistics**. 2. ed. Amsterdam: Jonh Benjamins Publishing Company, 1989.

IPA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:IPA_chart_2005.png>. Acesso em 14 nov. 2010.

ARAÚJO, J. E.; CELLURARE, L. H. **Aspectos dos Bairros Rurais e Agrovilas de Uberaba**. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 2007.

ARQUIVO Público de Uberaba. **Em nome de Santos Reis: Os números da folia**. Vol. 2. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1996.

ASSARÉ, Patativa. **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004.

_____. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação: Rio de Janeiro, 2002.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos da Filologia Românica**. São Paulo: Edusp, 2001.

BAUER, Laurie. **English Word-formation**. Cambridge University Press, 1989. p. 1-100

BAUER, M. W. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de P. A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BELL, Judith. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. Tradução de Magda França Lopes. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENJAMIN, Elson; PICKETT, Velma. **Introdução à morfologia e à sintaxe**. Vozes, 1973. Tradução de Aryon Rodrigues e outros. p. 30-53.

BIDERMAN, Maria Tereza. **Teoria Linguística**: (teoria lexical e linguística computacional) 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de lingüística descritiva**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1971. 71 p.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 30 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CAMPBELL, Lyle. **Historical Linguistics**: an Introduction. 2ed. Cambridge: MIT, 2004.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Hstórica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1970.

CELANI, M. A. A. Questões de ética em Linguística Aplicada. **Linguagem e Ensino**, Pelotas/RS, v. 8, n. 1, 2004, p. 101-122.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

CRESWELL, J. W. Questões éticas a prever. IN: CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 21ª Ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2007. p. 76-83.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CROWLEY, Terry. **An Introduction to Historical Linguistics**. 3. ed. Oxford University, 2003.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Disponível em
<<http://dicionarioetimologico.com.br/searchController.do?hidArtigo=9F03AF41277C1F78437398160462D2C7>>. Acesso em 11 set.0 2011.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. A elaboração e a apresentação do trabalho de conclusão de curso. In: _____. (Org.). **Formando professores de Línguas Estrangeiras: práticas e reflexões em sala de aula**. Goiânia: Ed. da UFG, 2009. p. 01- 29.

FONTOURA, S. M.; CELLURARE, L. H.; CANASSA, F. A. **Em nome de Santos Reis: Um estudo sobre Folias de Reis em Uberaba**. Vol. 1. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1997.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D. A. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: E. P. U., 1986.

MATTHEWS, P. H. **Morphology**. 2ª ed. Cambridge University press, 1993. p. 24-69.

MENDONÇA, Leda Moreira Nunes; Rocha, Cláudia Regina Ribeiro; Gomes, Suely Henrique de Aquino. **Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2005.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. 6. ed São Paulo: Saraiva, 1997.

MILANI, Sebastião Elias. **As ideias linguísticas de Wilhelm Von Humboldt**. São Paulo, 1995, mimeo.

MOURA, Flávio. Nonada e outras invenções, Revista Veja on line, São Paulo, 6 jun. 2001. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/060601/p_162.html#quadro>. Acesso em 11 set. 2011.

MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina (Orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. Vol. 1, 2 e 3 , São Paulo: Cortez, 2001.

MYERS-SCOTTON, C. What's a language? What's a dialect? What "social work" do they do? In: _____. (Org.). **Multiple voices**: an introduction to bilingualism. Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, 2006. p. 16-34.

NUNES, J. Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**: fonética e morfologia. 2ed. Porto: Lisboa, 1980.

OITICICA, José. 1924. Diotngos e Tritongos. **Revista de Fiologia Portuguesa**, 1. 8-9: 149-158.

ROCHA, Everardo P.Guimarães. **O que é Etnocentrismo**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, F. Luana da Costa; CHAVES, L. Messias. O processo de monotongação nos falares de Plácido de Castro (AC). **Revista Philologus**, n. 46, p. 100-115, jan. 2010

SANTOS, Gisélia Brito dos. **Nasalidade na comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras-MA**. 2009. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Goiás, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Disponível em <http://www.4shared.com/get/9Q_8GINW/Curso_de_Lingustica_Geral_-_Sa.html>. Acesso em 07 jun. 2011.

SCHENDL, Herbert. **Historical Linguistics**. New York: Oxford, 2001.

SERRANO, Glória Pérez. **Investigación cualitativa. Retos e interrogantes: I**. Madrid: La Muralla, 1998.

SERRANO, Gloria Pérez. **Investigación cualitativa. Retos e interrogantes: II**. Técnicas y Análisis de Datos. Madrid: La Muralla, 1994.

SILVA, Daniel Marra da. **Origem e desenvolvimento das ideias lingüísticas de William Labov**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Goiás, 2009.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 6ª ed. Lisboa: São Paulo, 1992. (rever Lisboa: São Paulo)

TARALLO, Fernando L. **Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TARALLO, Fernando. **Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelo telefone (62) 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: Aspectos da Linguística Histórica: Baixa-MG.

Pesquisadora responsável: Priscila Lombardi da Cruz

Telefone/e-mail para contato: (62) 81430453 pripri.lombardi@hotmail.com

Justificativa: A pesquisa se justifica pela necessidade de se investigar os aspectos linguístico-históricos da região da Baixa-MG, levando em consideração a cultura local, em virtude da tradição deste bairro da cidade de Uberaba, tanto pelas comemorações religiosas que acontecem como pela conservação do local. O local apresenta certa preservação fonológica, o que mostra indícios de que há aproximação deste falar com diversos estágios históricos da língua portuguesa. Além disso, pelo que se conhece, há poucas pesquisas científicas, nessa localidade, que aliam a língua à história da cultura local.

Objetivo geral: Mostrar os traços linguístico-históricos presentes no falar da localidade Baixa-MG, considerando aspectos culturais e históricos.

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa: os(as) participantes da pesquisa darão uma grande contribuição cultural à pesquisa linguística local, o que servirá para estudos futuros da comunidade pesquisada.

Prejuízos decorrentes da participação da pesquisa: não estão previstos prejuízos de nenhuma ordem aos colaboradores, apenas o tempo reservado para a entrevista.

Procedimentos:

1. **Contato inicial:** A pesquisadora deverá estabelecer um contato inicial com os(as) colaboradores(as) a fim de propiciar um clima de familiaridade que resulte num trabalho o mais espontâneo possível. Procurará, pois, para isso, o apoio de lideranças dessas comunidades.

2. **Entrevista face-a-face:** a entrevista ocorrerá preferencialmente nas localidades naturais dos(as) colaboradores(as), com perguntas relacionadas à genealogia familiar, à história pessoal e do lugar, à cultura local, voltadas, principalmente, para as festas religiosas que acontecem no local, dentre elas, a Folia de Reis.

3. **Filmagem e/ou gravação:** os(as) selecionados(as) que concordarem em participar da pesquisa, poderão ser filmados e/ou terão suas vozes gravadas para uma futura análise dos dados coletados.

4. **Sessões de esclarecimentos:** nessas sessões será esclarecida a relevância do trabalho para a pessoa entrevistada e/ou comunidade local, bem como os critérios que serão usados para entrevistar cada informante.

Duração: a coleta de dados terá início em julho de 2009 e terminará em julho de 2010.

Produtos da pesquisadora: os resultados serão apresentados na dissertação de mestrado a ser defendida até março de 2011. A pesquisadora pretende publicar um ou mais artigos em revista especializada da área de linguística histórica e apresentar a pesquisa em eventos dessa mesma área.

Produtos dos(as) participantes: a entrevistadora propõe-se a escrever um artigo, caso seja do interesse deles(as) e poderá encaminhar-lhes cópias sobre as contribuições da pesquisa, inclusive as fotos tiradas no local.

Prerrogativas do(a) participante: mesmo assinando este termo, o(a) participante tem a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalidade alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Sigilo: para assegurar o sigilo sobre a identidade dos(as) participantes envolvidos(as), serão utilizados os pseudônimos escolhidos em comum acordo com os(as) mesmos(as).

Despesas: não haverá qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa.

Priscila Lombardi da Cruz
PESQUISADORA

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, portador de RG/ CPF/ CT _____, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa Aspectos da Linguística Histórica: Baixa-MG, como colaborador(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Priscila Lombardi da Cruz sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Nome do(a) colaborador(a): _____

Assinatura/impressão digital: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe da pesquisadora):

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

ANEXO 2

Fotos coletadas durante a pesquisa



Ilustração 1: Quadro que representa o nascimento de Jesus e a visita dos três Reis Magos, pertencente a um dos colaboradores.



Ilustração 2: Galpão onde ocorre a Folia de Reis, popularmente conhecido por Ranchão.



Ilustração 3: Altar da Festa de Reis, localizado no Ranchão.



Ilustração 4: Objetos ligados à Folia de Reis: toalhas bordadas e bandeira.



Ilustração 5: Altar da Festa de Reis com as bandeiras, após a chegada da alvorada ao Ranchão.



Ilustração 6: Alvorada da Folia de Reis.



Ilustração 7: Alvorada da Folia de Reis.



Ilustração 8: Alimentos preparados para a Festa de Reis.



Ilustração 9: Farofa servida na Folia de Reis.



Ilustração 10: Tachos de arroz no dia da Folia de Reis.



Ilustração 11: Parte do caminho que dá acesso à Baixa.



Ilustração 12: Galpão da Festa de Reis.



Ilustração 13: Placa que sinaliza a entrada para o bairro da Baixa.



Ilustração 14: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, situada no bairro da Baixa.



Ilustração 15: Fotos da paisagem local.

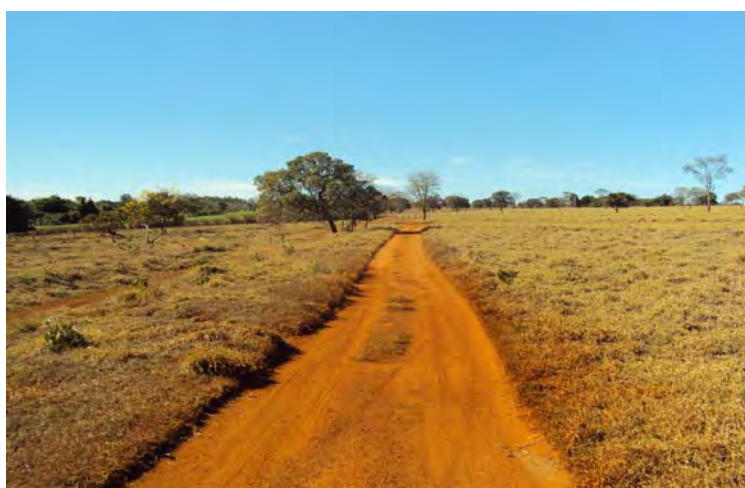


Ilustração 16: Fotos da paisagem local.



Ilustração 17: Fotos da paisagem local.



Ilustração 18: Fotos de ruas do bairro.



Ilustração 19: Fotos de ruas do bairro.

ANEXO 3

Transcrições de entrevistas sobre a origem da Baixa.

É...quem...ela cumeçô cu'esse nome de Baxa porque antigamente tinha muita revolução. [...]Intão tem a fazenda que chama os Quartel...é onde qu'es arruma o quartel pas puliça...e que aqui tinha... izistia treis painera muito bunita...intão os pulicial deu baxa... que a...a guerra terminô...intão e'is dero baxa dibaxo dessas painera. Intão ficô cum nome de Baxa. Mais a éria a gente num sabe...só sabe que era pucausa de revolução.

Eu sei que é Baxa porque num aumenta né. O bairro num aumenta, sabe. Aumentô bem agora, mais num cresce.

Uai, e'is me falaro assim...primero...a gente num sabe não, mais dis que teve uma...cumé que fala...uma...uma briga entre os minero com os paulista. Acho que os paulista quiria tomá um pedaço de Minas. Intão teve aquela revolução, aí, quando terminô a revolução, tinha uma turma de sordado pur aqui, intão que naquela época deu baxa. Aqui na Baxa, deu baxa né, e ficô o nome de Baxa até hoje. Assim me falaro, num sei se é verdade mesmo. E'is fala que'é bunito, puque quando deu baxa na...na guerra tinha uma porção de sordado que tava'qui. Intão ficô co' esse nome de Baxa.

O...justamente porque tinha esse arraial aqui, mais um...num... num citava acho que num citava o nome num citava o nome não, mais aí é ãa revolução que teve, num sei se foi in quarenta e quat'ô, mil novecentus... acho que foi in quarenta e quatro, parece, alguma coisa assim. [...]E a era dessa revolução, na guerra, e...foi do istado de São Paulo com o...Mina Gerais, a revolução p'u causa dessa divisa aí dibaxo aí. Da divisa de... de istado, essas coisa né. Teve ãa guerra, sabe. Logo aqui imbaxo, nũa fazenda'qui imbaxo aqui ó, o...o...esse...o...hoje...até hoje tem o nome lá dessa fazenda lá de os Quartel. [...]Porque intão os militari acampô ali, sabe, intão ali era o... era a guerra. Os paulista de lá e os minero de cá, sabe. Intão ali era um 'campamento, lá na bera do ri' tinha um acampamento, aqui tinha ot'ô. Essas coisa de guerra assim...vigiano né, da moda do ot'ô. Um quereno invadi a terra do ot'ô. Cê vê cumé que é essas coisa, sa' cumé que é. Intão tomô esse nome lá de Quartel, que lá a turma... do... dus... quartel...batalhão acampô lá na...nessa época dessa guerra, sabe. Intão, os minero venceu a guerra, sabe, e intão deu baxa na...naquele... pertim da onde elis tava acampado. Intão, dis que dero nome daqui do...do lugá 'qui de Baxa.

Cê sabe quartel, quartel, quartel. E foi montado um quartel aqui na fazenda uns quat'ô quilômetro pra baxo daqui foi montado um quartel. Aí dero a baxa no quartel. Que'le tinha passado p'ô 'Beraba, né. E até os próprio documento das fazenda tem quartel véio né. Essas

fazenda'qui, as iscritura de fazenda de tantus ano atrás, tem esse negócio de casá no quartel velho. Dero baxa no quartel, aí ficô como Baxa.

Anexo 4

A folia de Reis para os moradores da Baixa

Hoje...Nóis andava de pé. Era na iscuridão, né, era desse jeito. Sem lanterna. Castigava. Castigava. Cê caía num...num buraco cê num...num via, né. Caía num corgo. Cê ia atravessá num corgo cê caía lá dentro. Moitava tudo. Bagunçava, mais tudo firme, né, na obrigação. Vamo cantá? Vamo cantá mesmo, né. Intão cantava, né, moiadim. Hoje num tem sofrimento não. Pra nóis que anda na fulia, mudificô, que hoje num tem sofrimento. Cê num moia, cê vai de condução, né. Quando cê toma um chuisquero é coisa mínima. Pronto. E lá moiado é...durmia minha fia, num tinha esse negócio de cochão não, pá durmi, cama, essas coisa. Hoje não. Hoje nóis dorme num'as caminha boa, né. Lá nóis num durmia. Nóis durmia no chão, 'gual tá'qui. [...] Durmia no...nus paiol de milho.

Tem minina aí de nove ano, deis ano, bateno caxa. E bate certim né. Aprende, vai ino aprendeno, e nóis tá pricisano diss'aí, que já tá faltano já, tem gente que já tá...tá saino fora né, intão num tá quereno mais, e tá faltano.

[...] Agora quando nóis encontra com fulia, o que nóis fais é assim...Nóisi...nem um verso um cum otro num canta. Só béja a bandera um do otro, troca as ismola, as ismola'ssim...mai' num é...se ocê ganhô quinhetus conto, eu ganhei oitucetus, o...ocê fica c'us oitucetos e eu fico c'os quinhentos não. É...se'u...se'u que faço a oferta primero, béja a bandera um do otro...se'u...a semelhança nossa é assim. Se'u ponho vinte real na sua bandera, cê pega vinte do seu e põe na minha. Qué dizê que é ãa ismola trocada. Qué dizê que eu num te prijudiquei e ocê num me prijudicô, cê intende né? Que dizê, trocô as ismola. É vinte pra lá e vinte pra cá. E ficô na mesma né.

Aquí o forró aquí era...hoje in dia tudo conjunto, essas coisa né, é som, essas coisa. E de primero era...era bem mais divirtido era nesse ponto. Era tudo na base de sanfona, violão e caxa. Pandero. É tudo batucada que's falava, sabe. E era bem mais...mais animado, sabe. E era o...era o treno de fulia, lá sempre...fazia quais sempre é de Santa Luzia. Que é treze de dezembro né, de Santa Luzia. E aí faiz o treno e já o forró, sabe, e quand'eu...o dia da intrega da fulia fazia ot'o forró 'traveis. E depois o dia da...dia da festa. Agora hoje, sanfona mes' só usa mes' na fulia, 'que chega o dia da festa tem o baile iguar cê viu aí, mais é...é conjunto né. É som...

Aí cumeça'li... durante o dia mais cedo fais os doce de fruta, que fais ãas quinze, vinte lata de doce de fruta. Mais cê vê, um instantim cuzinha, cum aquele tanto ... cum deis fornaia'li num instantim cuzinha aquilo né e junta... muié junta dimais. É home, mulher 'judan'ali. Ali p'as duas hora aí já sai p'a buscá as vaca né, mata treis, quat'o vaca e discarna aquí' tudo, pica tudo, condo é ali pelas oito, nove hora da noite tá tudo picadim, tudo no tempero, dexa tudo nas vazia

ali p' o otro dia, aí dexe aque'a fais assim... que a carne, 'quele o tempero intranha na carne, fica no tempero p'a cunzinhá e apertá no ot' o dia, sabe. Aí no dia treis...é no dia treis frita. Cunzinha e frita. Aí quando é dia quat' o, aí é infeitá rancho ali, organizá, limpá tudo lá, qué mexe cum 'rumá vaca, essas coisa'sim. Caba sujano tudo 'traveis né. Aí 'ruma tudo, organizá tudo p' o dia cinco fazê a festa. Aí o dia...chega... a gente fais desse tipo nus negoço das vaca, porque a carne se... cunzinhá ela e fritá ela. Cê sabe que cê tem que pô...pô na...na...na vazia, tem... ou me'mo cubri ela de...de óleo, sinão banha né. Cê sabe disso né? Sinão ela mofa. Intão aí já fais assim, na vesprinha, do dia da festa que aí num depende de muita banha nem óleo. Do jeito que põe nus tambor a carne pronta, num p' cisa pô manteiga, só...põe só a carne, qué dizê, uns oito, deis dia ela 'guenta sem mofá, sabe. Até uns vinte dia ela 'guenta, mai' depois de vinte dia ela cumeça querê mofá sabe, que se num cubrí ela de...de óleo ou sinão de banha. Aí, basta um tantim assim cubrino a...num pode ficá nem um pedacim de...de carne pronta fora da banha sabe. Que aí pó ficá um ano.

Não, cê p' cisa de vê... ou fais, cunzinha as carne, a...dess' tamanho assim ó. As bola de carne, dess' tamaim assim. Aque'is pedaço de carne assim, fura a carne pur dent' o, assim, e mói... mói um tan' de carne lá e enche ela tudo. Cê já viu a...a carne, que'la é cheia né. Recheia ela tu' de carne, e custura a boca...a boquinha do... do buraco e depois...não, antes de...de inchê ela de carne, hora que corta o pedaço de carne mais o meno des' tamaim assim, lá in cima da mesa' li ó, c' a faca e fura bastante me'mo, aquela...aquela...aquela posta de carne sabe, dum lado e do ot' o, in volta, cê sa' pra que? P' a depois que... p' aquel' água da carne saí sabe, porque se... a veis se pô muito fogo na hora de cunzinhá e fritá ela, cê óia pur fora daquela pedaço de carne assim, ela tá rosadinha sabe. Tá fritinha né, mai' e' a tá pur fora, porque o fogo foi dimais, pur dent' o ela tá crua. Aí cê põe, guarda ela num' a manteiga lá, ela perde. Issa' i que tinha que tê ciência intão hora que'la tá ferveno lá, tem que sê cum poco fogo, p' a ela í... p' ela í cunzinhano e...e dá prazo dela... dela sortá toda a carne sabe, da carne. A água da carne quer dizer. Aí depois que vê que cê... que'la ela tá fritano, cê fura... fura ela, cê vê que a manteiga num...